



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Comunicação – FAC
Departamento de Jornalismo

JORNALISTAS PODEM SER ESCRITORES?

21 entrevistas brasilienses

Marcela Heitor de Andrade

Orientador: Gustavo de Castro

Brasília, 2º semestre de 2008

MARCELA HEITOR DE ANDRADE

JORNALISTAS PODEM SER ESCRITORES?

21 entrevistas brasilienses

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação de Brasília, como requisito para a graduação em Comunicação Social – habilitação Jornalismo, sob a orientação do professor doutor Gustavo de Castro.

Brasília, dezembro de 2008

*À família de Goiânia, meu apoio incondicional nessa trajetória.
E à família de Brasília, complemento fundamental desse apoio.*

AGRADECIMENTOS

Diversos fatores – e pessoas – viabilizaram este trabalho. Tenho que agradecer aos 21 jornalistas escritores que cederam parte do seu tempo a uma formanda desconhecida, mesmo sem saber o que, afinal, ela faria com as suas declarações. Essas páginas só foram possíveis graças à ajuda, à bondade e ao trabalho deles. Tenho que agradecer também a um jornalista escritor que ficou de fora, só observando, como de costume, todo o processo de criação e elaboração da monografia. A orientação do professor Gustavo de Castro foi fundamental. Entre tantos encontros, desabafos, e-mails desesperados e conselhos, eu descobri uma pessoa admirável, um escritor à moda antiga, daqueles que gostam de viver a sós, sem muito barulho, sua paixão com a literatura.

Fora dos atuantes diretos dessa monografia, a lista de agradecimentos fica maior. O obrigado vai para a família de Goiânia, especialmente para os meus pais, que mesmo com saudades não esticavam as conversas na internet e no telefone para “deixar a filha estudar”. Sem eles, nem jornalismo, nem literatura seriam possíveis. Outro obrigado importantíssimo vai para a família que construí em Brasília, com destaque para os meus tios, que me deram a melhor acolhida na capital e compartilharam comigo a vida e as angústias de universitária nesses quatro anos. Consegui acertar na escolha da primeira e da segunda casa.

Os agradecimentos não seriam completos se eu me esquecesse de nomes como Sofia, Bel e Igor, tão donos dessa monografia quanto eu, por dividirem comigo idéias, angústias, decisões, conquistas e horas na Biblioteca. E, claro, agradecer a Deus, essa força incerta que nos dá todas as certezas da vida.

“Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...”

(MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p.102)

SUMÁRIO

I - Resumo	8
II - Introdução	9
III - Jornalismo e Literatura: a rivalidade amiga	12
IV - A investigação do dilema	16
V - Os jornalistas escritores do DF	22
VI - Uma relação conflituosa?	26
VII - Aliança necessária	30
VIII - A mistura não se mistura	34
XIX - Mercado editorial no DF	37
X - O jornalismo ajuda ou atrapalha a literatura?	41
XI - Conselho de jornalista, conselho de escritor	43
XII – Conclusão	44
XIII – Referências bibliográficas	51
XIV – Anexos	
Anexo 1 – Entrevista Alessandra Roscoe	55
Anexo 2 – Entrevista Alexandre Marino	59
Anexo 3 – Entrevista Amneres Pereira	61

Anexo 4 – Entrevista Anderson Braga Horta	63
Anexo 5 – Entrevista Angélica Torres	66
Anexo 6 – Entrevista Ariosto Teixeira	68
Anexo 7 – Entrevista Carla Andrade	71
Anexo 8 – Entrevista Clara Arreguy	73
Anexo 9 – Entrevista Danilo Gomes	75
Anexo 10 – Entrevista Fernando Marques	78
Anexo 11 – Entrevista Joanyr de Oliveira	81
Anexo 12 – Entrevista José Rezende Jr.	84
Anexo 13 – Entrevista Lourenço Cazarré	86
Anexo 14 – Entrevista Luis Turiba	88
Anexo 15 – Entrevista Luiz Martins	90
Anexo 16 – Entrevista Menezes y Moraes	93
Anexo 17 – Entrevista Paulo José Cunha	96
Anexo 18 – Entrevista Pedro Biondi	99
Anexo 19 – Entrevista Reynaldo Jardim	101
Anexo 20 – Entrevista Rogério Menezes	103
Anexo 21 – Entrevista Rosângela Vieira	107
Anexo 22 – Quadro indicativo de jornalistas escritores	110

I – RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de jornalismo da Universidade de Brasília (UnB) apresenta um panorama dos jornalistas escritores do DF. A pesquisa conta com a participação de 21 autores que já trabalharam na imprensa e publicaram livros de poesia ou ficção no cenário literário brasileiro. As entrevistas, realizadas entre agosto e outubro de 2008, mostram o que eles pensam sobre a literatura candanga, os conflitos no convívio jornalismo e literatura, as dificuldades do mercado editorial e os benefícios e prejuízos que o trabalho midiático traz para a atividade literária.

Palavras-Chave: jornalismo, literatura, jornalistas escritores, literatura brasileira, Brasília, DF

II - INTRODUÇÃO

A idéia de fazer um trabalho sobre os jornalistas escritores que atuam na mídia e na literatura do DF veio da constatação de que não havia nenhum estudo sobre o assunto. O número de pesquisas sobre a obra literária brasiliense já não é grande. Sobre os jornalistas que contribuem para essa obra, então, o campo de publicações mingua. O mais extraordinário foi perceber que, embora pouco estudado, o grupo de jornalistas escritores tem bastante força no Distrito Federal. Os 21 autores entrevistados para esta monografia representam apenas uma parcela desse cenário. Para se ter uma idéia, dos mais de mil profissionais listados no *Dicionário de Escritores de Brasília*, organizado por Napoleão Valadares em 2003, mais de 100 são jornalistas.

Participam dessa monografia, por ordem alfabética, os autores: Alessandra Roscoe, Alexandre Marino, Amneres Pereira, Anderson Braga Horta, Angélica Torres, Ariosto Teixeira, Carla Andrade, Clara Arreguy, Danilo Gomes, Fernando Marques, Joanyr de Oliveira, José Rezende Jr, Lourenço Cazarré, Luis Turiba, Luiz Martins, Menezes y Morais, Paulo José Cunha, Pedro Biondi, Reynaldo Jardim, Rogério Menezes e Rosângela Vieira.

Para esse trabalho, também li várias obras sobre jornalismo e literatura no Brasil e no DF. As obras dos autores entrevistados foram consultadas, mesmo que o foco desse trabalho não seja o conteúdo e o estilo de cada um deles. Visitei as páginas de grandes nomes do século passado, com destaque para Machado de Assis e Rachel de Queiroz, um dos meus favoritos. Passei a admirar autores brasilienses, que até então eu desconhecia, por suas histórias, por seus textos, por suas motivações jornalísticas e literárias. As leituras foram tão importantes quanto as entrevistas para o produto final. Como jornalismo e literatura, ler e conversar são duas formas de troca de conhecimento, uma direta, outra indireta.

As entrevistas, os depoimentos e a opinião dos jornalistas escritores que compõem este trabalho traduzem um panorama amplo e relevante, mas que não pretende se esgotar aqui. Alguns autores ficaram de fora, outros surgirão e, por mais que o estudo represente a opinião brasiliense, a discussão nunca pode ser dada como terminada. Principalmente quando se trata de jornalismo e literatura, tema historicamente debatido no Brasil. Essa é a primeira consideração a se fazer.

Depois, é preciso compreender que os autores participaram desse trabalho de diferentes formas. Dos 21 entrevistados, 12 conversaram comigo pessoalmente, sete responderam as perguntas por e-mail, uma me atendeu por telefone e um gentilmente escreveu suas respostas a mão e me enviou o material dentro de um envelope. Tudo entre os meses de agosto e outubro de 2008. Por isso, as perguntas e o andamento da conversa não são o mesmo para todos, como pode ser observado nos anexos que trazem a entrevista com cada um.

É preciso esclarecer ainda que a expressão “jornalistas escritores” tem, para esse trabalho, o mesmo significado de “escritores jornalistas”, sem carregar valores ou conceitos pré-estabelecidos. Ela designa jornalistas que se tornaram escritores depois e escritores que acabaram atuando na mídia após o início de sua carreira literária. Também ficou determinado que, para a presente monografia, seriam considerados jornalistas escritores os profissionais que trabalharam na imprensa em algum momento da vida (tendo cursado jornalismo ou não) e que publicaram pelo menos uma obra de ficção, romance, poesia ou conto em sua carreira. Assim, não entram na análise os jornalistas que escreveram livros sobre jornalismo, livros-reportagem ou biografias, nem profissionais que se dedicam ao gênero jornalismo literário mas não publicaram nenhuma obra nos quesitos acima mencionados. Reconheço a importância que essas pessoas têm para o debate jornalismo e literatura, mas por uma questão de limitação do objeto de pesquisa, optei por deixá-las de fora do trabalho dessa vez.

Este trabalho não seria possível sem a inspiração, o auxílio e o referencial teórico dos livros de João do Rio, *Momento Literário* (1904), e de Cristiane Costa, *Pena de Aluguel* (2004). Foi a partir da pesquisa desses autores, baseada em entrevistas e coleta de opiniões dos jornalistas escritores de cada uma das épocas, que pensei a presente monografia. A diferença é que, ao contrário deles, a análise não foca-se no cenário nacional. Para elaborar um trabalho voltado para a literatura brasileira, além da coleta de entrevistas, foi essencial o contato com obras organizadas por Ronaldo Cagiano, Ézio Pires, Salomão Sousa, Joanyr de Oliveira e Anderson Braga Horta. Os dois últimos, além de referenciais teóricos, também participam desse trabalho como entrevistados.

A técnica de coleta de dados utilizada na monografia foi a entrevista. Como afirmam os autores do livro *Metodologia Científica* (2007), Amado Cervo, Pedro Bervian e Roberto da Silva, a entrevista não é uma simples conversa. É uma conversa orientada para um objetivo definido:

recolher, por meio do interrogatório do informante, dados para a pesquisa. Diante da falta de material publicado sobre os jornalistas, os escritores e, mais ainda, os jornalistas escritores do DF, a entrevista foi o meio mais viável para obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais.

As 21 pessoas consultadas são fontes seguras para as informações desejadas, por serem profissionais que convivem ou já conviveram diretamente com o tema central deste trabalho: jornalismo e literatura. Para um assunto tão subjetivo, técnicas de coleta de dados como formulários e questionários não são as mais adequadas. Elas trazem informações mais precisas, diretas e objetivas, mas não permitem a ampliação do debate, nem a exploração da opinião dos autores.

Como a coleta de dados não foi a mesma para os 21 participantes, utilizou-se os três métodos de entrevista: diretiva nas conversas por telefone, não diretiva nos encontros pessoais e padronizada nas perguntas respondidas por e-mail ou por carta. Em sua maioria, porém, esse trabalho segue uma tendência de entrevistas não diretivas, já que foram realizadas 12 conversas pessoais, sete por e-mail, uma por telefone e uma por carta.

Para falar de literatura brasiliense, não houve critério de naturalidade na capital. Mesmo porque, se eu fizesse essa objeção, nenhuma entrevista seria possível: dos 21 autores entrevistados, ninguém nasceu em Brasília ou no entorno. Os perfis são de homens e mulheres de outros estados que resolveram se estabelecer no DF pelas mais diferentes razões. Gente que está aqui desde 1960, gente que mora aqui há menos de cinco anos.

Saber se eles conseguem ou conseguiram conciliar a carreira na imprensa com a literária é o objetivo central dessa pesquisa. A maioria dos entrevistados garante que as duas atividades caminham juntas naturalmente, sem conflitos. Outros autores acreditam que conviver com jornalismo e literatura é mais uma necessidade do que uma opção. E existem aqueles que tentaram, mas não conseguiram atuar nas duas áreas ao mesmo tempo. O trabalho mostra também que os jornalistas escritores ainda não estão satisfeitos com o tímido mercado editorial local, que eles acham que o jornalismo mais ajuda do que atrapalha a literatura e que são, em unanimidade, apaixonados por escrever. Jornalistas podem ser escritores? Esses mostraram que podem.

III - JORNALISMO E LITERATURA: A RIVALIDADE AMIGA

Parece óbvio que jornalismo e literatura andam de mãos dadas há muitos anos. Como define José Domingos de Brito, a imprensa, hoje sinônimo de jornalismo, e a literatura, no sentido de ‘livros a mão cheias’, surgiram quase na mesma época. Em 1456, Gutenberg inventou a imprensa e também criou o livro, ao editar a Bíblia. Além disso, o primeiro jornal semanário – *Gazzete de France* – surgiu em 1631, em Paris, considerada a capital mundial da literatura. Esses fatos históricos comprovam uma realidade também presente nos dias de hoje. Não por acaso, muitos jornalistas fizeram-se escritores pelo trabalho na mídia, da mesma forma que vários escritores conseguiram sobrevivência financeira nos jornais.

A discussão é abrangente, vai desde o debate se jornalismo é literatura até questões como quem são os jornalistas escritores, quais as vantagens de atuar nas duas áreas, no que isso ajuda a literatura, no que atrapalha. Para Manuel Rivas, as duas áreas dividem inúmeras semelhanças e, na verdade, sempre foram o mesmo ofício. Ele acredita que o jornalista é um escritor porque trabalha com palavras, busca comunicar uma história e o faz com vontade de estilo. E acrescenta:

Quando têm valor, o jornalismo e a literatura servem para o descobrimento da *outra verdade, do lado oculto*, a partir da investigação e acompanhamento de um acontecimento. Para o escritor jornalista ou o jornalista escritor a imaginação e a vontade de estilo são as asas que dão vôo a esse valor. Seja uma manchete que é um poema, uma reportagem que é um conto, ou uma coluna que é um fulgurante ensaio filosófico. Esse é o futuro. (RIVAS, 1998:23).

Na visão de Juremir Machado da Silva, as semelhanças entre jornalismo e literatura estão mais ligadas a uma necessidade do que a um objetivo em comum. A partir do questionamento *Escrever é expressivo ou inexpressivo?*, o autor coloca que em literatura o inexpressivo pode ser um estilo. Em jornalismo, mais que uma exigência, ser expressivo é um imperativo. Por isso, o jornalismo não pode viver sem a consciência da literatura. “É no exercício prosaico que se aprende a matemática da expressão. Da ambigüidade compreendida retira-se a objetividade verossímil” (SILVA in CASTRO e GALENO, 2002:50).

Os limites entre jornalismo e literatura podem ser tão estreitos que as duas áreas correm o risco de se misturarem e podem chegar a descaracterizar uma das partes. O jornalista e escritor Nelson Rodrigues nunca escondeu que, às vezes, optava por tornar o fato mais literário, deixando de lado o princípio jornalístico da verdade. Aos 13 anos, o autor de *A vida como ela é* tornou-se repórter policial. Em uma de suas coberturas, escreveu sobre um desastre de trem, dramatizando o acontecimento com um passarinho que teria testemunhado os fatos e correspondido com seu canto a ele. A matéria emocionou vários leitores, até que se descobriu que a ave nunca tinha existido. Mais tarde, aos 55 anos, Nelson Rodrigues voltou a defender os elementos ficcionais da matéria, lembrando o episódio em seu livro *A menina sem estrela*. Disse ele:

Hoje a reportagem de polícia está mais árida que uma passagem lunar. Lemos jornais dominados pelos idiotas da objetividade. O repórter mente pouco, mente cada vez menos. A geração criadora de passarinhos acabou... Eis o drama – o passarinho foi substituído pela veracidade que, como se sabe, conta muito menos. (RODRIGUES, 1993:209).

Apesar do duvidoso compromisso de Nelson Rodrigues com as regras jornalísticas, é inegável que o autor foi um ótimo exemplo de jornalista escritor, que se destacou tanto na literatura quanto no jornalismo. Linda Clark, em seu artigo *Nelson Rodrigues: jornalismo e literatura na dose certa*, defende que o autor conseguiu conciliar as duas coisas e deixar obras importantíssimas para as gerações futuras nas duas áreas.

Nelson Rodrigues produzia muito e trabalhava sob a pressão de ter de publicar uma crônica jornalística diária. Deixou uma obra impressionante, coerente e complexa. Se a obra tendeu mais para a ficção ou para os fatos não importa. A questão é irrelevante. Como a polaca de *Viúva, porém honesta* que responde, quando é perguntada se é estrangeira: “Faz diferença?” Não faz. Nelson escreveu grandes obras e também vendeu muitos jornais. (CLARK, 2002: 11)

Nelson Rodrigues não é um caso isolado de jornalista escritor bem sucedido, que conseguiu conciliar as duas funções e se destacar em ambas aqui no Brasil. Poderíamos citar outros tantos nessa situação, como Olavo Bilac, Machado de Assis e João do Rio. A literatura brasileira, numa amostragem bem significativa de escritores que se aventuraram pelo jornalismo e vice-versa, deixa clara a persistente migração de autores de um campo para outro. E se escritores são também jornalistas, como afirma Maria Isabel Edom Pires em seu artigo *O*

jornalista na literatura brasileira contemporânea: algumas notas (2002), eles estão sujeitos, naturalmente, a esse intercâmbio de técnicas, linguagens, adaptações e, principalmente, conflitos. Não é a toa que, às vezes, o escritor fala mais alto que o jornalista na hora de escrever uma matéria ou o jornalista alerta o escritor quando o autor percebe que deve evitar rodeios, floreios e falta de foco em seu romance.

Se jornalismo e literatura dividem inúmeras semelhanças, com as diferenças a questão é quase a mesma. As duas áreas não deixaram de se distanciar e adquirir características autônomas ao longo dos anos. Para Carlos Heitor Cony, a maneira mais simples e didática de entender esses pontos comuns e divergentes é usar o raciocínio de Aristóteles, de que a definição se faz pelo gênero próximo e pela diferença última. O cronista toma como exemplo a sentença de que o homem é um animal racional. O gênero próximo é o animal; a diferença última é o racional. Com o jornalismo e a literatura, o gênero próximo é o universo das letras, o mesmo para as duas atividades. Já a diferença última passa a ser o tempo: o jornalismo distingue-se da literatura por ser uma expressão datada.

Cony ainda compara os dois campos de forma mais metafórica – e, por que não, mais poética: o jornalismo é um peixinho de aquário, com água renovada diariamente, que exhibe seu desenho, suas cores e fosforescência para atrair o leitor. Já o escritor é um peixe da água profunda, vive na treva e em águas que não recebem a luz do sol. Tem o oceano para arrastar seu corpo medonho e sua fome não escolhe o que comer. (cf. CONY in BRITO, 2007: 15-17)

Para os organizadores da coletânea de ensaios *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra* (2002), Gustavo de Castro e Alex Galeano, a fronteira entre o jornalismo e a literatura está cada vez mais difusa. Cada uma recorre mais aos recursos e cosmovisões da outra, como forma de desvendar o mundo e propô-lo com um sentido e uma tarefa ao leitor. As técnicas de narração presentes no campo literário, eles reconhecem, podem muito bem ressaltar, ilustrar e fortalecer o texto jornalístico, da mesma forma que as técnicas do jornalismo têm subsidiado cada vez mais a própria literatura.

É nesse mesmo livro, publicado em 2002, que Bernardo Ajzenberg aproxima jornalismo e literatura como esferas que têm em comum técnicas, colaborações, proveito mútuo, a busca da precisão, do detalhe, do inesperado, do novo. Mesmo assim, ele acredita que as duas áreas se

repelem para sobreviver, hoje mais do que nunca. “Cada uma precisa afastar a outra para garantir seu sangue. Quanto mais distantes estiverem entre si, mais autênticas poderão ser. Penso num jornalismo útil, imediato, informativo, formador e lúcido. Penso numa ficção sem freios, interrogativa, inebriante.” (AJZENBERG in CASTRO e GALEANO, 2002:54) Mais adiante, no mesmo texto, Ajzenberg conclui que o jornalista fere no peito o escritor. E o escritor repele o jornalista, por esmagá-lo, por obrigá-lo a renascer quase sempre de um mesmo patamar. “Feliz daquele que, nesse embate, consegue servir, e bem, aos dois senhores.” (idem)

IV - A INVESTIGAÇÃO DO DILEMA

No Brasil, a primeira obra que investigou com mais profundidade as relações entre os dois tipos de “peixes” foi *O Momento Literário*, de João do Rio. Entre 1904 e 1905, o jornalista e escritor fez uma enquete com 36 intelectuais da época. A pesquisa foi publicada no livro em 1907 e, resumidamente, trouxe os seguintes resultados: dez dos jornalistas escritores pesquisados viram o jornalismo como prejudicial à atividade literária; 11 disseram que é favorável; 11 responderam que ajuda o aspirante a escritor, mas também o atrapalha; três não opinaram e um não entendeu a pergunta. No geral, pode-se considerar um empate técnico: o jornalismo pode tanto ajudar quanto atrapalhar o escritor.

Entre os entrevistados de João do Rio, que incluía nomes de destaque como Olavo Bilac, o pagamento, a divulgação, a experiência, o exercício e a legitimação foram os principais pontos listados a favor da influência do jornalismo na literatura. Contra essa interferência, os intelectuais enumeraram razões como mercantilismo, banalização, esterilidade, falta de tempo e favorecimento. As respostas mais frequentes são as que colocam em lados opostos arte e dinheiro, questão ainda hoje muito debatida, já que no Brasil raros são os escritores que conseguem sobreviver apenas da venda de seus livros.

As respostas à pesquisa de João do Rio variam em tom e melodia, deixando evidente que, já naquela época, a questão polarizava opiniões. Sobre o jornalismo, o poeta Olavo Bilac avaliou que “é para todo escritor brasileiro um grande bem. É mesmo o único meio do escritor se fazer ler. O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal - porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil, como uma necessidade”. (BILAC in RIO, 1994:10)

Contrário à visão de Bilac, Coelho Neto condena a imprensa e compara a literatura publicada nos jornais com a dos livros impressos no tempo do Santo Ofício: “não têm o visto da inquisição, mas têm o visto do redator chefe” (NETO in RIO, 1994: 61). O prosador Fábio Luz é ainda mais enfático e diz, em tom de desabafo:

(...) o jornalismo estraga e esteriliza os escritores e artistas que fazem dele profissão. Para a literatura é sempre prejudicial, com suas apoteoses aos amigos e conluiados, enchendo-os de vento e vaidade, e o silêncio

matador para os desafetos e indiferentes. Dos conciliábulos das redações e dos chopps íntimos, saem sempre as coteries e as consagrações das mediocridades, em torno das quais chacoalham os guisos da fama (!), desviada a atenção pública do verdadeiro mérito, iludida pelas fanfarras, entontecida pelo fumo do incenso queimado em turíbulo de folha de flandres (LUZ in RIO, 1994: 207-208)

Machado de Assis, um dos maiores nomes do século da literatura brasileira, prometeu, mas não chegou a responder a enquete de João do Rio. Mesmo assim, em 1859, aos 20 anos (e, portanto, sem o ceticismo da maturidade), o autor escreveu três artigos sobre o assunto, enfatizando o potencial democrático do jornalismo. Mulato, pobre, epilético e órfão, Machado de Assis só conseguiu destacar-se em uma sociedade escravagista por causa de seu trabalho na imprensa. Para ele, o jornalismo era “a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o fogo das convicções.” (ASSIS, 1986:945) Machado chegou a colocar o jornal acima da arte literária:

Há alguma coisa de limitado e de estreito se o colocarmos (o livro) em face do jornal. O jornal é mais que um livro, isto é, está mais nas condições do espírito humano. Nulifica-o como o livro nulificará a página de pedra? Não repugno admiti-lo.” (idem)

Um século depois da enquete de João do Rio, a jornalista Cristiane Costa se aventurou no mesmo debate. Queria saber o que achavam os intelectuais de 2000 sobre o questionamento feito em 1900. Para isso, ela entrevistou 32 jornalistas escritores contemporâneos a fim de descobrir se o trabalho na imprensa ainda era um problema ou se, a julgar pela quantidade de jornalistas que continuavam tentando fazer literatura cem anos depois, seria uma alavanca na carreira de escritor. No resultado da enquete, publicada no livro *Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904 – 2004* (2005), os prós e contras de o escritor trabalhar na imprensa não diferem muito dos relacionados pelos intelectuais da época de João do Rio. Só que dessa vez, ao contrário do que aconteceu em 1900, o lado positivo do jornalismo foi mais lembrado que o negativo.

Em síntese, a pesquisa de Cristiane Costa teve 15 entrevistados que consideram a atividade na imprensa positiva para o escritor; dez que acham que tanto ajuda quanto atrapalha; cinco que acreditam que ela é prejudicial; e dois que não responderam. Na visão da autora, isso

significa que, hoje, a pergunta de João do Rio – “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a literatura?” – é respondida com um esmagador “útil”. O principal ponto a favor do jornalismo foi a possibilidade de viver da escrita. Do outro lado, a falta de tempo e a esterilização da linguagem foram citados como os fatores mais prejudiciais, pontos também colocados pelos autores da enquete de João do Rio.

Entre os 32 escritores que participaram da pesquisa de Cristiane Costa estão Arnaldo Bloch, Arthur Dapieve, Bernardo Carvalho, Cadão Volpato, Cintia Moscovich, José Castello, Juremir Machado da Silva, Luiz Ruffato, Marçal Aquino, Marcelo Coelho, Mario Sabino e Sergio Rodrigues. As entrevistas estão disponíveis em www.penadealuguel.com.br.

Na conclusão de sua pesquisa, que antes do livro foi publicada como tese de doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Cristiane Costa listou dez problemas para o escritor jornalista brasileiro. (cf. COSTA, 2005:345-351). Com isso, ela pôde explicitar o que existe por trás do jogo de antagonismos entre imprensa e literatura que há mais de cem anos divide a literatura nacional. São eles, conforme descrição e ordem da autora:

1. ARTE x MERCADO: “Ao mesmo tempo em que o talento para escrever é visto como atividade rentável é, como arte, um dom inegociável. É como se o escritor jornalista, dividido entre as duas forças, tivesse que escolher entre a prostituição e o monastério.” Arte e mercado são duas faces de uma mesma moeda e, embora diferentes, estão interligados. Principalmente no Brasil, onde o trabalho intelectual profissionalizou-se paralelamente à massificação dos meios de comunicação e não conseguiu criar um mercado efetivo para a literatura, que exclui praticamente 75% da população.

2. ARTISTA x TRABALHADOR: “A frustração do jornalista que quer ser escritor dá origem a uma espécie de sentimento de inferioridade voluntário, baseado numa ancestral distinção entre trabalho braçal (ou comercial-industrial) e intelectual e artístico.” É por isso que, atualmente, a maioria dos escritores jornalistas bem-sucedidos no mercado editorial publicam mais textos de não-ficção, porque a qualidade do seu texto jornalístico é reconhecida como tal. O artista em tempo integral é exceção no Brasil.

3. LINGUAGEM CONDICIONADA x LIBERDADE CRIATIVA: “A linguagem literária se oferece como o espaço da experimentação por excelência. Mas, ao longo dos últimos

cem anos, a imprensa foi, em muitos casos, o laboratório da poesia e do romance nacionais. Ensinou o escritor a afiar suas armas, transcrever falas e dialetos, manipular ritmos, cortar palavras, dominar a língua, aproximar-se do coloquial, comunicar-se com o leitor.” Com isso, ue vários jornalistas escritores perceberam que também há experimentação fora das rígidas regras da grande tradição literária e que existem gêneros de fronteira entre jornalismo e literatura, como a crônica, o folhetim, o *new journalism* e o *making of*.

4. EXPERIÊNCIA x ESTERILIDADE: “O exercício de narrar a realidade pode efetivamente viciar o escritor e mesmo bloquear sua imaginação. A ponto de paralisá-lo diante de uma página em branco, sem pauta, *dead-lines* e diagramação para orientá-lo”. Esse risco surge depois que a literatura pega emprestado do jornalismo o culto da experiência. Alguns dos principais escritores brasileiros aprenderam seu artesanato como repórteres, nas ruas, interagindo com pessoas foras do seu meio.

5. VISIBILIDADE x PRECONCEITO: “Estar no fechado mundo intelectual, consagrar o nome diante do público, legitimar-se socialmente, fazer contatos que possam abrir portas do meio editorial são alguns dos atrativos da imprensa mais tentadores para um aspirante a escritor.” Essa é a realidade desde a publicação de João do Rio, garantia de arte ao lado escritor do autor e de divulgação de suas obras para a parte jornalística de seu trabalho. Mas nem sempre um poeta ou romancista é bem visto pelos colegas de redação. Além do que, as pessoas podem avaliar um bom escritor pelo seu razoável trabalho jornalístico, esquecendo-se que maus escritores podem até se mostrar bons redatores e que a recíproca também corre o risco de ser verdadeira.

6. PERENIDADE x IMEDIATISMO: “Há uma espécie de angústia de esquecimento no trabalho do escritor jornalista.” É por isso que muitos autores buscaram na literatura uma forma de preservar seu nome e suas palavras, fugindo do rápido amarelar das notícias de jornal. Mas, no Brasil, vale lembrar que os livros também são logo substituídos por outros, num mercado editorial abarrotado de novos lançamentos e na constante troca das listas de mais vendidos.

7. FATO x FICÇÃO: “A depreciação do trabalho da imprensa, mesmo por escritores jornalistas contemporâneos, perpetua sua posição como um tipo inferior de discurso, que deve ser abandonado pelo romancista ou poeta para dedicar-se ao que seria sua vocação original.” Geralmente, os autores não estão preocupados em separar as categorias de real e ficcional. Eles

buscam mais uma independência, que só um trabalho individual e criativo, sem chefes nem horários, pode oferecer.

8. OBJETIVO x SUBJETIVO: “À morte do autor como um ser casto e incorruptível corresponde à morte do repórter como produtor de verdade.” Essa visão, expressada pela teoria literária pós-moderna, mina aquela idéia romântica do texto como uma obra de arte que expressa a subjetividade de um escritor e da ilusão de que o jornalista tem uma objetividade isenta de contaminações.

9. TEMPO x DINHEIRO: “Mais do que sua pena, é seu precioso tempo o que o escritor vende para o jornalismo.” O aspirante a escritor que envereda pelo jornalismo como forma de se aproximar da literatura corre o risco de cair nas peculiaridades da profissão e ficar sem hora de entrar e sair, sem garantias de folga nos fins de semana, sem tempo para continuar seu trabalho literário.

10. LOCAL x UNIVERSAL: “A relação, por vezes híbrida, por vezes antagônica, eventualmente parasitária, entre jornalismo e literatura não é privilégio dos ficcionistas e poetas brasileiros”. Importantes nomes literários da França, Inglaterra, Portugal, Estados Unidos e da América Latina se enveredaram também pela imprensa, como Émile Zola, George Orwell, José Saramago, Ernest Hemingway, Gabriel García Marquez e Mario Vargas Llosa.

Essas conclusões pontuais de Cristiane Costa debatem e esclarecem vários pontos da dicotomia mídia-literária, mas não respondem de forma única se o jornalismo é um fator bom ou mau para a literatura brasileira. A própria autora assume que, por mais que tenha entrevistado jornalistas escritores contemporâneos e vasculhado vida e obras dos que não estão mais vivos, não há como responder objetivamente uma questão tão subjetiva. “Cada momento literário ou jornalístico tem seus próprios dilemas. Cada autor, uma forma de lidar com o problema”, conclui.

Esta conclusão também vale para a presente monografia. Ao longo das 21 entrevistas com profissionais do Distrito Federal, entre encontros pessoais, conversas por telefone e troca de e-mails, percebe-se que cada jornalista escritor brasiliense vê a questão de uma forma muito particular. O jornalismo e a literatura têm significados diferentes para cada um. Há, entretanto, respostas quase unânimes, que não destoam muito do que João do Rio e Cristiane Costa observaram em suas pesquisas. Os resultados também mostram um panorama da realidade local e

da literatura brasileira, se é que ela realmente existe. Aqui, além de conciliar o trabalho jornalístico com o literário, os jornalistas escritores ainda dividem com outros intelectuais a tarefa de descobrir – ou criar – uma literatura característica de Brasília.

V - OS JORNALISTAS ESCRITORES DO DF

Existe literatura em Brasília? Uma monografia que tem como tema central os jornalistas escritores do DF parte da hipótese que sim. Mas não é um sim dito com a voz firme, nem com a convicção de uma constatação óbvia. É um sim que sinaliza uma corrente em construção, com atores dispostos a fazer valer essa afirmativa, em busca da consolidação concreta da atividade. Há produção local das mais diversas, obras de qualidade, intelectuais com talento e boa vontade para dar respaldo à literatura de Brasília. Mas existem fatores que colocam em xeque essa perspectiva. A falta de um mercado editorial forte, a divulgação quase inexistente na mídia do que é feito na cidade, uma projeção nacional nula e a fragmentação das vertentes literárias locais dificultam a criação de uma literatura propriamente brasiliense. Além do mais, Brasília é uma cidade com menos de 50 anos. Isso a coloca em uma faixa etária que permite filhos já maduros, mas não a perpetuação maciça de seus descendentes e a construção sólida de uma estrutura familiar.

Salomão Sousa, organizador da coletânea *Deste Planalto Central: poetas de Brasília*, afirma que, justamente por ser uma sociedade nascente, “ainda é cedo para a arte de Brasília admitir qualquer tombamento ou cerca limitadora, pois junto com a cidade ainda está em processo a dinâmica de ampliação dos limites dos próprios recursos humanos e criativos.” (SOUSA, 2008:11)

Além de ser uma cidade em processo de formação, Brasília também “importa” escritores de outros cantos do país. O próprio Salomão Sousa constatou que apenas um, numa totalidade de 50 poetas de sua antologia, nasceu na cidade. Nessa monografia, dos 21 entrevistados, nenhum nasceu no DF. Nove deles (cerca de 40% do total) vem de cidades de Minas Gerais. Depois, empatam, com dois representantes cada, os jornalistas escritores de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Na média geral, os autores chegaram em Brasília entre a década de 1970 e 1980, mas há entrevistados que estão aqui desde a criação da cidade, em 1960, e outros que se mudaram para cá há menos de cinco anos. Essa multiplicidade de naturalidades, para Salomão, não é um problema. Ele acredita que ela não descaracteriza ou nega a existência de uma literatura brasiliense.

O que dá legitimidade a um intelectual não é o registro de nascimento, mas a autenticidade do seu envolvimento com o local em que está radicado e com o qual interage. Não é a toa que em todas as referências a Joseph Conrad há a seguinte especificação: escritor inglês de origem polonesa. A cidadania autoral é definida pelo afeto pessoal do autor quando escolhe um local para participar de uma fundação. (SOUSA in CAGIANO, 2004: orelha)

Mesmo organizando uma coletânea com mais de 100 textos produzidos em Brasília (ou por gente de Brasília), Ronaldo Cagiano defende que é a qualidade e não a adjetivação que legitima uma força literária. Para ele, “referir-se a uma literatura brasiliense, capixaba, paulista, amazonense, goiana, sulista ou nordestina é tão provinciano e inócuo como rotular outra de masculina, feminina, infanto-juvenil, negra, erótica ou engajada.” (CAGIANO, 2006: orelha). Cagiano justifica essa afirmação dizendo que o que existe é uma literatura de bom ou mau nível, feita por homens e mulheres, circunstancialmente vivendo num ou noutro lugar. “Ela é o verdadeiro referencial ético e estético, que fornece sempre aos leitores obras que ultrapassam as fronteiras geográficas e temáticas e que funcionam como parâmetros de uma época.” (idem)

Com poemas, crônicas e contos em cerca de 50 antologias organizadas no país e no exterior, além da vivência em Brasília desde sua criação, em 1960, Anderson Braga Horta é hoje um dos nomes mais importantes da literatura brasiliense. Ele não só concorda com Salomão Sousa como acha que a mistura de povos e culturas na capital é uma característica da produção local – e, portanto, da literatura brasiliense.

Assim como a Cidade é um cadinho de fisionomias, hábitos, falares de todas as regiões do País, tendendo talvez, nas novas gerações nativas, a uma síntese nacional, a literatura nela produzida retrata ou reflete essas origens, havendo, contudo, desde os primeiros momentos, contos, novelas, romances aqui ambientados. (HORTA, 2003: 17)

Organizador da primeira obra literária editada na capital – a antologia *Poetas de Brasília*, de 1962 – Joanyr de Oliveira reconhece que existe, sim, literatura séria em Brasília, mas não nega que, embora multifacetada, ela ainda seja pouco conhecida. Responsável pela seleção, organização e publicação de quatro antologias da poesia brasiliense, Joanyr acredita que um dos principais fatores que levam à ausência de horizontes literários na cidade se deve principalmente ao contexto histórico. Como Brasília foi erguida pouco antes da ditadura militar, a censura às

publicações e a proximidade com o poder deixaram cicatrizes profundas e trouxeram um empobrecimento quantitativo da literatura brasileira durante muito tempo. E, para Joanyr, são justamente essas seqüelas do passado que podem prejudicar o futuro literário de Brasília.

Esta lacuna poderá resultar em uma completa ausência de identidade regional, trazendo a perda de um sentimento de cidadania brasileira. [...] Se passarmos os olhos pela cultura dos outros estados, iremos perceber, por exemplo, que os escritores catarinenses e gaúchos são venerados pelos conterrâneos; em Goiás, os autores locais são estudados na Universidade; no Nordeste nem se fala. Para resolver isso, faz-se necessário o ensino efetivo da nossa literatura nas escolas e faculdades, além de uma imprensa mais aberta. A existência de muita literatura de gosto duvidoso em nossa cidade não justifica a ignorância com relação aos autores de qualidade. Nossa literatura, a realmente representativa, é de altíssimo nível. (OLIVEIRA, 2004: 34)

O poeta e jornalista Paulo Porto complementa os argumentos de Joanyr de Oliveira, acrescentando que a literatura brasileira é uma pérola desconhecida devido a vários fatores:

Sobrevivendo submersa em um oceano de indiferença, envilecida pelo preconceito, calcada pela incultura, a literatura candanga apresenta uma trajetória tão enriquecida quanto desconhecida em sua importância para a formação de uma consciência essencialmente brasileira. (PORTO in OLIVEIRA, 2004: 31)

Em seu livro *Literatura na Criação de Brasília*, Ézio Pires está certo de que existe sim arte literária característica da capital. Ele defende que há escritores na cidade desde os primeiros momentos de vida de Brasília e que essa presença, mesmo que em estado magicamente embrionário, contribuiu para o que hoje a Lei Orgânica do DF chama de literatura brasileira (nos seus artigos 235 e 248, o documento, assinado em 1990 pela recém-criada Câmara Legislativa, prevê nos currículos das escolas públicas a inclusão da literatura produzida em Brasília).

A partir desses pontos de vista, da menção de uma literatura de Brasília na Lei Orgânica do Distrito Federal e da quantidade de obras antológicas de contos, poemas, autores e romances brasileiros já publicados, entende-se que a arte literária no DF é uma realidade concreta, mesmo que ainda seja questionada por outros autores. Desse pressuposto, passamos a analisar uma subcategoria do universo literário brasileiro: a dos jornalistas escritores.

Determinou-se para essa monografia que jornalistas escritores são aqueles profissionais que em algum momento da vida trabalharam na imprensa (graduados ou não na área) e que publicaram livros de poesia, ficção, contos ou romance em sua trajetória profissional. Não entram na análise os jornalistas que publicaram apenas livros sobre jornalismo, como Ricardo Noblat, ou biografias, com o único propósito de delimitar melhor o foco deste trabalho.

Ao todo, contribuíram para a criação deste panorama 21 jornalistas escritores brasileiros. Eles foram entrevistados entre os meses de agosto e outubro de 2008, em encontros pessoais, telefonemas ou por trocas de e-mails. Toda escolha implica assassinato, é claro, já dizia Clarice Lispector. Mesmo assim, os jornalistas escritores que participam deste trabalho, por pertencerem a diferentes “grupos literários”, faixas etárias, regiões do país, gêneros e experiências jornalísticas, podem dar uma visão confiável da relação jornalismo e literatura no DF e de todos os desdobramentos do tema.

VI - UMA RELAÇÃO CONFLITUOSA?

Com a saída dos nossos escritores das redações dos grandes jornais – onde atuavam como revisores, redatores, editorialistas –, a grande ponte que havia entre o mundo literário e a imprensa caiu. Ninguém melhor que eles, com sua vivência, seu trabalho, sua experiência para enfocar com a necessária acuidade as peculiaridades do mundo literário. (OLIVEIRA, 2004: 31)

A afirmação de Joanyr de Oliveira parece ter se perdido no tempo. Os escritores saíram das redações dos grandes jornais? Nem todos. Grande parte dos intelectuais brasileiros continua conciliando jornalismo e literatura pelas mais diversas razões, sejam elas financeiras, pessoais ou de mera afinidade com a palavra.

A situação pode não ser a mesma do século passado, época de Machado de Assis e Olavo Bilac, em que literatura e jornalismo se misturavam descaradamente nas publicações diárias, nos folhetins, nas crônicas, nas críticas rebuscadas. Mas, hoje, os jornalistas escritores continuam existindo no cenário nacional – e no brasiliense também.

Ronaldo Cagiano, em seu livro *Antologia do Conto Brasiliense* (2004), reúne textos de 83 nomes da atmosfera heterogênea da criação literária em Brasília. Desses, 36 conciliam a literatura com o jornalismo, representando 43,37% dos participantes da obra. Em *Todas as gerações: o conto brasiliense contemporâneo* (2006), outra publicação organizada pelo mesmo autor, esse percentual se mantém alto: 40 dos 102 autores do livro, ou seja, 39,22%. A própria antologia organizada por Joanyr de Oliveira em 2004, *Poemas para Brasília*, tem um terço de jornalistas escritores: dos 69 poetas que participam do livro, 23 conciliam ou conciliaram em alguma fase da vida a atividade jornalística com a literária. Os escritores que ficam fora desses percentuais dedicam-se a outras carreiras. São médicos, músicos, professores, diplomatas, historiadores, engenheiros, filósofos, economistas, artistas plásticos, químicos e cantores. Esses casos, entretanto, caracterizam-se como ocupações isoladas e sem a mesma expressão do jornalismo na literatura. É a categoria de maior peso no universo ficcional.

Os jornalistas escritores existentes no DF não fogem à tendência de profissionais que unem mídia e literatura no país, fator que acompanha nossa história literária há anos. As

questões, conflitos e aproximações que englobam a fusão imprensa e arte, também não. Comparando as respostas dos jornalistas escritores de Brasília com os entrevistados de Cristiane Costa em 2004, no seu livro *Pena de Aluguel*, percebem-se semelhanças em relação a vários temas, principalmente os que tratam dos prós e contras do jornalismo para a literatura. As respostas dos intelectuais do DF, no geral, aproximam-se muito do que foi observado nas conclusões da pesquisa da jornalista.

Para a maioria dos entrevistados dessa monografia, conciliar jornalismo e literatura não é um problema. Dez deles, quase metade, afirmaram levar as duas atividades tranquilamente. É o caso do jornalista escritor Lourenço Cazarré. Ele nasceu em Pelotas (RS), mas vive em Brasília desde 1977. Autor de mais de 40 livros, entre novelas juvenis, contos e romances, ele acredita que, como viver de venda de livros no Brasil é quase impossível, conciliar jornalismo e literatura é uma saída natural, já que as duas áreas se aproximam quanto ao uso da palavra.

Dá para ser escritor e jornalista ao mesmo tempo, sim. São contados em centenas os escritores brasileiros que ganham a vida como jornalistas. (...) A ligação entre jornalistas e escritores é forte porque, aparentemente, a função é a mesma: escrever. No entanto, simplificando ao máximo, pode-se dizer que o jornalista usa a língua para descrever o real e o escritor a utiliza para criar um mundo ficcional. São coisas fundamentalmente diversas. (CAZARRÉ, entrevista no dia 25 de setembro. Ver anexo 13)

O pernambucano Luis Turiba vai além: poesia e jornalismo também podem ser conciliados. Em Brasília desde 1978, ele mantém uma relação de criação com os versos, nunca de profissão. O jornalismo sim, proporcionou-lhe dinheiro, experiência, trabalhos – e ele é muito grato à imprensa por isso. E, apesar de separar bem as duas coisas, ele reconhece a proximidade entre ambas. “A literatura é muito ligada ao jornalismo mesmo. Às vezes o poema nasce na redação de jornal. Poemas são acontecimentos jornalísticos também.”

Na visão do atualmente analista político de O Estado de S. Paulo, Ariosto Teixeira, falar que existe conflito entre as partes é desculpa (para não fazer bem nenhuma das duas, no caso). “É possível sim juntar as duas coisas. O que não é possível é viver de literatura.” Na capital desde 1978, o autor de *Poemas do front civil* acredita que, além de um mercado editorial que favoreça as obras literárias nacionais, falta pesquisa nos textos produzidos no país. “Somos muito

influenciados pelo experimentalismo francês e fazemos isso de forma muito preguiçosa. É por isso que muitos escritores dizem que, se tivessem que pesquisar para escrever, jamais escreveriam. Mas a pesquisa é essencial.”

Para a jornalista televisiva e atualmente escritora de literatura infantil Alessandra Roscoe, jornalismo e literatura são atividades parceiras e totalmente conciliáveis.

Não vejo nenhum problema, acho até que as duas coisas andam muito juntas. Sempre brinco que como jornalista, escrevo histórias de verdade de gente de verdade e como escritora invento situações e personagens. A meu ver uma coisa completa a outra. As duas profissões têm a mesma ferramenta: a palavra. Seja ela poética ou informativa, será sempre a palavra. (ROSCOE, entrevista no dia 25 de setembro. Ver anexo 1)

Alessandra tem quatro livros publicados, dois em parceria com a filha Beatriz, de 10 anos, que ilustra suas histórias. Mineira, ela conta que, mesmo com o corre-corre dos fechamentos diários, sempre procurou poesia nos acontecimentos mais banais. Por isso, literatura e jornalismo nunca foram uma relação conflituosa para ela. “Posso garantir que é mais fácil prender a atenção de um telespectador do que a de uma criança, mas sempre busquei ser verdadeira e me colocar de corpo e alma não só nas minhas matérias como nos meus livros e nos meus encontros com os leitores.”

Na visão da goiana de Ipameri Angélica Torres, em Brasília desde 1965, não é o jornalismo que impede a literatura ou vice-versa. Sempre haverá a possibilidade – e a viabilidade – de se fazer vários ofícios paralelamente. Só depende de quem as desejar. “Acho que dá pra se fazer duas ou mais coisas ao mesmo tempo em qualquer época e lugar, desde que se tenha a inquietação, um chamado interior pra isso, mas também disciplina, que sem ela não se realiza coisa alguma”.

Para Menezes y Morais, a história da literatura brasileira é uma prova de que, aqui, jornalista também pode ser escritor e vice-versa. “Quando não concilia, é porque uma vocação bate mais forte que a outra. A própria Rachel de Queiroz, que era jornalista e escritora, dizia que não dava para viver só com uma coisa ou só com outra”, exemplifica. Apesar de concordar que as

duas áreas podem andar juntas, o piauiense define bem o que cada uma representa na sua vida: a literatura alimenta a sua existência, o jornalismo garante a sua sobrevivência.

A jornalista, escritora e professora universitária Rosângela Vieira acredita que conciliar ou não jornalismo e literatura é uma questão mais de espaço mental do profissional. Ela acredita que é possível sim levar as duas atividades juntas, mas o resultado dessa parceria vai depender de quanto o autor está envolvido com uma coisa e outra.

Mas não acho que sejam áreas inconciliáveis não. Mesmo porque, a literatura é uma espécie de mosca azul: se você foi picado por ela, não tem mais saída. Em qualquer situação, dá-se um jeito de escrever, de colocar aquela inquietação no papel. É mais forte que a gente. (VIEIRA, entrevista no dia 16 de setembro. Ver anexo 21)

Aos 65 anos, o jornalista escritor Danilo Gomes diz nunca ter passado por conflitos. Cronista assumido, com publicações em diversos jornais do país, ele acredita que uma atividade completa a outra. “No fundo, trata-se de escrever, que é um dom que se desenvolve. Grandes jornalistas costumam ser grandes escritores, a começar pelo cronista, contista, poeta e romancista Machado de Assis, nosso ícone, nosso mestre, orgulho do povo brasileiro”.

Já o jornalista, escritor e atualmente servidor público aposentado Anderson Braga Horta acha que a pior parte do jornalismo na literatura é a falta de tempo. Por isso, avalia que quem melhor concilia as duas áreas são os colunistas e os repórteres de pautas mais literárias e culturais. Em Brasília desde 1960, o mineiro de Carangola argumenta que a história literária brasileira é uma prova de que não há incompatibilidade entre as duas áreas. “São coisas diferentes, é verdade, mas escrever para jornal pode ou não ser diferente do que escrever literatura. Os cronistas estão aí para provar que isso é possível.”

VII - ALIANÇA NECESSÁRIA

Perguntados se é possível conciliar jornalismo e literatura, sete dos autores entrevistados responderam que essa é uma situação que precisa existir de qualquer forma, mais como necessidade (financeira, profissional, de reconhecimento) do que por hobby. Um deles é o jornalista, publicitário, funcionário público e poeta Alexandre Marino. Para ele, só o fato de ser escritor já implica em ser alguma outra coisa ao mesmo tempo. “A literatura não é profissão no Brasil. Então, é necessário viabilizar a atividade de escritor sem que prejudique (muito) as atividades profissionais. E encarar a literatura seriamente - ou não. O resultado disso é opção de cada um.”

Para Marino, que está em Brasília desde agosto de 1982, conciliar arte literária com arte jornalística nem sempre é tarefa fácil. E, se a literatura for levada muito a sério, certamente haverá conflitos entre os dois campos de conhecimento.

Eu cansei de identificar sinais de preconceito no meio jornalístico. As pessoas dizem: "Ah, esse cara é poeta", às vezes até tentando transparecer um elogio, mas no fundo há muito preconceito. Nos dois anos que passei em Belo Horizonte depois de me formar, esse preconceito era tão acentuado que, quando fui trabalhar no Jornal do Brasil, tentei esconder essa atividade o máximo que pude. Eu vivia em função de trabalhar como repórter e, quando possível, escrevia poesia e prosa, mas sem grandes intenções de publicar. (MARINO, entrevista no dia 30 de setembro. Ver anexo 2)

Com o nome consolidado no jornalismo, Alexandre Marino parou de esconder seu lado poeta e hoje é uma das referências na literatura brasileira. A visibilidade na arte literária, coincidência ou não, veio com o afastamento das redações de jornal e a estabilidade das rotinas de trabalho em atividades de assessoria em órgãos públicos e privados.

Procurar um ritmo jornalístico menos frenético, aliás, foi a mesma escolha da poeta e editora do jornal da Câmara dos Deputados, Amneres Pereira. Ela largou uma carreira promissora no jornalismo privado para dedicar mais tempo à poesia. Hoje, consegue fazer as duas coisas, mas separadamente.

Edito o jornal da Câmara durante o trabalho, de tarde e de noite, concentrada. Agora, literatura, faço em casa, de manhã, nos fins de semana. Todo dia de manhã eu dedico um tempo pra literatura – ou lendo, ou escrevendo. Concilio as duas coisas, porque não dá para viver de arte. (...) E, no serviço público, você tem férias, fim de semana, um horário menos sacrificado. É melhor que o ritmo de redação, em que não sobra tempo pra nada. (PEREIRA, entrevista no dia 18 de setembro. Ver anexo 3)

Amneres é paraibana de João Pessoa e está em Brasília desde 1979. Formada em Letras e em Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB), ela concilia a responsabilidade de todo dia editar o jornal da Câmara dos Deputados com a participação de recitais de poesia e a construção de seu novo trabalho – um romance totalmente virtual. A idéia do *Diário da Poesia em Combustão* é lançar um livro-blog durante o processo de elaboração, o que deve acontecer até o fim de 2008.

O jornalista, poeta e professor universitário Paulo José Cunha é outro que se desdobra para conseguir dar conta de todos os afazeres. Em Brasília desde 1970, ele se divide atualmente entre o trabalho na TV Câmara, as aulas na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília e a conclusão de vários projetos. Ele está finalizando um Manual Básico de Telejornalismo, deve lançar até meados de 2009 seu longo poema *Perfume de resedá* e entra em fase de conclusão dos documentários *Brasília Torturada* e *A violinista que subiu ao céu*.

Não foi uma decisão [conciliar jornalismo e literatura], mas uma condição. Era jornalista quando decidi publicar um livro com meus primeiros poemas. Nem sabia, mas a partir daí virei...escritor! Depois, publiquei outros livros, e consolidei-me nessa condição. Sim, dá para ser jornalista e escritor ao mesmo tempo. Mas ambas as atividades são prejudicadas. Quem pretende ser um escritor de ficção, o melhor que tem a fazer é dar um jeito de se dedicar exclusivamente à literatura, porque a atividade jornalística é muito absorvente. Igualmente, quem quer ser um bom jornalista mas tem pretensões literárias, o melhor é saber que a literatura vai pagar o preço por não ser a "única esposa". (CUNHA, entrevista no dia 17 de setembro. Ver anexo 17)

A verdade é que, no Brasil, há tempos a literatura não consegue viver um relacionamento a dois – só ela e o escritor. Conciliá-la com outras atividades virou tradição aqui e nos países que

nos influenciaram, como Portugal e França. Para o carioca Fernando Marques, jornalista, professor universitário, poeta, compositor e morador de Brasília desde 1974, literatura e jornalismo estão unidos por relações muito mais fortes do que o suposto compromisso de fidelidade conjugal.

Razões evidentes ligam as duas atividades: a da sobrevivência, quando o escritor financia a si próprio com o trabalho jornalístico, e a da vocação, dado que o ato de escrever relaciona ambas as funções. Cada uma delas corresponde, no entanto, a um tipo diverso de escrita e de atitude mental. Mas, ao lembrarmos que Machado de Assis e Nelson Rodrigues, entre tantos outros grandes autores, dividiram-se entre literatura e jornalismo, é preciso perceber que noutros tempos, mais do que nos atuais, a imprensa veiculava literatura – não apenas crônicas, mas também romances (os folhetins, isto é, histórias seriadas) e poesia. Hoje, o autor, jornalista ou não, que consegue publicar literatura na imprensa será exceção. (MARQUES, entrevista no dia 6 de outubro. Ver anexo 10)

Nessa corda bamba entre a ponta da sobrevivência e a ponta da vocação fica a vontade de fazer bem as duas coisas. Mas essa relação equilibrada entre jornalismo e literatura nem sempre é possível. Morando em Brasília desde 2004, a editora do Caderno de Cultura do *Correio Braziliense*, Clara Arreguy, está ciente do risco que corre pela escolha de querer ser escritora e ser jornalista ao mesmo tempo.

Dá para conciliar, mas uma das atividades sempre fica em segundo plano. No meu caso, é a literatura que sai perdendo, porque o jornalismo me ocupa a maior parte do tempo. As duas áreas exigem tempo e energia e nem sempre eu chego disposta da redação. Na maioria das vezes estou cansada e não consigo escrever. É uma harmonia difícil de conciliar. (ARREGUY, entrevista no dia 25 de setembro. Ver anexo 8)

Jornalista há quase 30 anos e autora dos livros *Fafich* (Conceito Editorial, 2005) e *Segunda Divisão* (Lamparina, 2005), Clara diz que só se disciplina a escrever quando tem alguma produção literária em andamento. Aí ela se obriga a continuar a obra, mesmo com os horários apertados de suas obrigações jornalísticas. É o que vem acontecendo no momento, com a edição do seu novo romance, *Tempo Seco*, previsto para ser lançado em 2009. A publicação, em um mercado caracterizado pela falta de editoras e pela dificuldade de distribuição, só foi possível com a aprovação do trabalho no Fundo de Apoio à Cultura do DF, o FAC-DF.

Quem também acredita que literatura tem que conviver com jornalismo por “motivos de força maior” é o contista Pedro Biondi, autor do livro *Cheiro de Leoa*, lançado em 2007 pela editora Limiar. Jornalista desde 1998, Biondi é paulista e chegou em Brasília em 2005. Na capital, ele se divide entre o convívio ora enriquecedor, ora conflituoso do universo literário-jornalístico. “Às vezes as coisas parecem se misturar. Já tive um editor que lia meu texto jornalístico e dizia: ‘Tá pensando que você é escritor? Vai cortar isso!’. Mas é fundamental filtrar esses ensinamentos e entender o que é floreio, o que é estilo.”

Quando publicou sua primeira reportagem, Biondi lembra que viveu uma sensação de responsabilidade. Com seu nome estampado no jornal, ele passou a ser mais atento com as informações, as questões éticas. Também sentiu o que, anos depois, seria ainda mais forte com a publicação do primeiro livro: a agradável sensação de estabelecer contato com o outro.

No livro, isso é ainda maior. Você pensa que, com aquela obra, está estabelecendo pontes com escritores que você gosta, com pessoas que talvez nunca te entenderam bem. A literatura é um pouco a maneira de demonstrar a sua relação com o mundo, de uma forma que pode ou não abarcar 100% do que você pensa, pode ou não ser dita intencionalmente. A sensação de tirar o livro que estava trotando na gaveta é muito boa. (BIONDI, entrevista no dia 1 de setembro. Ver anexo 18)

Para quem, além de jornalista e escritor, dedica-se à vida acadêmica, conseguir fazer todas as coisas juntas torna-se ainda mais difícil. Poeta, jornalista, pesquisador e professor de Comunicação na UnB desde 1988, Luiz Martins conhece bem essa terceira margem do rio. Ele conta que deixou o jornalismo para se dedicar à universidade com a pretensão de conseguir mais tempo para a literatura. Não deu tão certo.

Eu fugi do jornalismo achando que ia encontrar um abrigo seguro na célula monástica da vida acadêmica, mas ela também atrapalha a vida do escritor. É muita burocracia de papéis, de funções. Mesmo assim, ela ainda é mais favorável para o escritor que a de jornalista, porque é uma vida de lides com pensamento, com a intelectualidade, com a cultura, com a interdisciplinaridade, intertextualidade e intersubjetividade que a universidade permite com saberes de vários campos de conhecimento. (MARTINS, entrevista no dia 7 de outubro. Ver anexo 15)

VIII - A MISTURA NÃO SE MISTURA

Todos os entrevistados são jornalistas e escritores. Mas existem aqueles que, em algum momento, descobriram que conciliavam o inconciliável. Dos autores que participam desta monografia, a minoria (três) acha que aliar as duas coisas é inviável. Os argumentos variam: alguns acreditam que o problema maior é o tempo, que acaba faltando tanto à literatura quanto ao jornalismo. Outros defendem que são duas atividades tão diferentes, que não há como se misturarem e, por isso, serem conciliadas.

Depois de publicar mais de 800 crônicas no jornal *Correio Braziliense*, Rogério Menezes garante que o jornalista que existia nele está morto e enterrado. Hoje, ele tem uma opinião radical a respeito das possibilidades de unir as atividades jornalísticas e literárias: “jornalismo e literatura não se misturam, mesmo se quisessem se misturar: são como água e óleo. Ou se é jornalista. Ou se é escritor. Talvez minha literatura fosse melhor se eu tivesse sido engenheiro, médico ou geólogo”, avalia.

Para Menezes, a própria crônica, considerada por muitos uma expressão jornalística, é mais anti-midiática que pró. Ele acredita que, como seres humanos as pessoas tem mais dúvidas do que certezas, pensamento que vai na contramão da lógica dos profissionais da mídia. “Os jornalistas sempre acharam e acharão que devem ter mais certezas do que dúvidas. Nesse sentido, o cronista é o antijornalista: deverá, e sempre terá, mais dúvidas do que certezas.”

Em Brasília desde 1987, o jornalista, escritor e autor do livro de contos *A mulher-gorila e outros demônios* (Editora 7Letras, 2005), José Rezende Jr., teve que decidir em 2001 o que seria prioridade na sua vida, se jornalismo ou literatura. Na época, ele trabalhava no jornal *Correio Braziliense*. As matérias de Rezende permitiam muitas interferências literárias e ele chegou a escrever uma reportagem especial sobre Guimarães Rosa com as técnicas narrativas do autor, no estilo do discurso do personagem Riobaldo, de *Grande Sertão: Veredas*.

Foi uma época muito boa e muito literária do *Correio Braziliense*, onde muita gente tinha liberdade para inventar estruturas. Mesmo com essa possibilidade de unir as duas coisas, o que eu escrevia não era literatura, era jornalismo, uma

reportagem com estrutura de ficção. E depois que comecei a soltar o texto no jornal é que eu comecei a gostar mais ainda do que eu produzia, da possibilidade de escrever mais. Sempre tive vontade de ser escritor e quase ser escritor no jornalismo não era suficiente. (REZENDE JR, entrevista no dia 19 de agosto. Ver anexo 12)

Repórter durante 20 anos, Rezende acredita que o jornalismo atrasou sua produção literária. Hoje ele não vive de literatura, claro. Trabalha na presidência da República, num cargo ligado indiretamente ao jornalismo, com uma rotina de trabalho bem mais tranqüila que a da redação.

Atualmente, não há invasão do jornalismo com a literatura. Na época de redação também não, porque o jornalismo me absorvia inteiramente e não me dava tempo nem cabeça pra literatura. Não houve invasão, houve obstáculo. Quando deixei de ser jornalista diário, deixei de escrever tanto, fui menos sugado. Com a literatura eu me sinto mais realizado. (idem)

A opinião de Rezende é a mesma de Joanyr de Oliveira, seu conterrâneo da cidade mineira de Aimorés. Joanyr conta que ser escritor foi um acaso de sua vida, já que todos os rumos o levavam para o sentido oposto. O autor foi influenciado pelo pai para ser proletário e só teve contato com o concretismo e com a poesia de Carlos Drummond de Andrade aos 19 anos, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Foi a partir desse encontro que Joanyr começou a pensar uma vida literária. É hoje, com o também entrevistado Anderson Braga Horta, um dos pioneiros da literatura na capital federal, cidade em que reside desde sua criação, em 1960. Bacharel em Direito, jornalista desde os 16 anos e analista legislativo aposentado da Câmara dos Deputados, ele também avalia que jornalismo e literatura são atividades absorventes demais para serem exercidas juntas.

Eu não acho que dá para conciliar a carreira de jornalista e escritor, porque as duas profissões são muito absorventes. E ficam os dois lados brigando pela produção. Eu fiquei no jornalismo por um tempo porque precisava me manter. Cheguei a trabalhar em três jornais. Até que passei no concurso da Câmara dos Deputados, que me pagava mais que os três empregos em redação juntos. Hoje tenho o tempo que preciso para a literatura. (OLIVEIRA, entrevista no dia 26 de agosto. Ver anexo 11)

Uma parcela significativa dos jornalistas escritores entrevistados seguiu os passos de Joanyr de Oliveira. Muitos trocaram os anos de redação pela estabilidade – e disponibilidade de tempo – no serviço público. Com isso, conseguiram mais brechas na agenda para se dedicar à literatura. Diminuir a carga de trabalho e a absorvência que o jornalismo exige pode ser uma saída na saga de conciliar as duas atividades.

IX - MERCADO EDITORIAL NO DF

Se o convívio harmônico ou não entre jornalismo e literatura ainda divide opiniões, a visão dos jornalistas escritores sobre o mercado editorial do DF, com extensões para o Brasil, é praticamente unânime. Todos reconhecem que existe muita gente boa produzindo na capital, mas há pouquíssimas editoras dispostas ou capazes de publicar esse material. É um problema nacional? É. Mas em Brasília ele parece mais acentuado, seja pelo fato da cidade estar fora do eixo Rio-São Paulo, seja pela capital ainda ser relativamente nova. De qualquer forma, as angústias e dificuldades de publicação não passam despercebidas pelos escritores. Até aqueles mais reconhecidos sofrem com essa lacuna, como o poeta Nicolas Behr, que só depois de 50 anos de poesia conseguiu uma editora.

É o caso também de Luiz Martins. Depois de 40 anos de poesia, ele comemora o primeiro dinheiro concreto de sua literatura. Vai receber R\$ 5 mil por um poema seu que será publicado em um calendário.

Isso é irreal, tem noite que até me belisco. Mas é um problema nacional, eu entendo. Carlos Drummond de Andrade, que passou boa parte da vida ganhando dinheiro nas redações de jornal como cronista, também teve que financiar seu primeiro livro. No Brasil, ainda é considerado natural o escritor financiar a própria literatura.

Com um livro recém-lançado, Pedro Biondi ainda guarda lembranças frescas da jornada editorial. E avalia que, em Brasília, existem duas realidades: a de escritores bons que não são aceitos de imediato pelas editoras; e a dos sem um compromisso tão profundo com a literatura mas que, por terem nome ou contato, conseguem publicar sua obra com mais facilidade. Seu livro de estréia, ele conseguiu publicar por uma editora paulista.

Mandei meu original para várias editoras, inclusive as que lançavam autores novos, e muitas demoravam mais tempo que o prazo estipulado para me dar um retorno. Outras eu sei que nem liam. Consegui a editora, mas dividi os custos da publicação. Existem escritores muito bons com relação intensa com a criação, mas que demoram a publicar justamente por essa dificuldade. E têm aqueles que

escrevem um livro para sair da rotina e, para ele, a editora vem bem mais fácil. São duas realidades diferentes.

Preparando o lançamento de seu novo romance, a jornalista, escritora e professora universitária Rosângela Vieira, já conhece o drama que a espera na publicação. Mas, desde que entrou para o grupo Casa de Autores, ele está menor. Ela e outros 20 escritores se uniram há cerca de um ano para facilitar o acesso às editoras. Eles contrataram uma agente literária, que direciona as obras para as casas específicas de publicação. “Não é um grupo para conversar, é para atuar. Porque escrever só não basta. A gente tem que escrever e tentar mostrar o trabalho – e isso significa levar os textos até os leitores, a parte mais difícil do processo literário.” Mesmo assim, Rosângela não taxa as editoras de vilãs do processo literário. “Tem escritor demais no Brasil e editora de menos. E eu nem acuso elas de incompetentes, porque sei que às vezes chegam cerca de 300 originais por mês para equipes muitas vezes pequenas.”

Também participante da Casa de Autores, Alessandra Roscoe tem uma visão mais otimista da projeção da literatura brasiliense no cenário nacional. Com a ajuda do grupo, ela diz que multiplicou o número de contratos assinados com editoras do eixo Rio- São Paulo. “Há projeção nacional se houver um trabalho. É preciso que haja também a disponibilidade do escritor de ir onde o leitor está. Isso nós da Casa de Autores temos feito e já vimos bons resultados, tanto em reconhecimento de nosso trabalho, como em vendas de nossos livros.”

Todos os jornalistas escritores concordam que o Brasil ainda é muito dependente das produções que saem do Rio de Janeiro e de São Paulo. Por isso, afirma Fernando Marques, o reconhecimento da literatura brasiliense faz-se tão difícil, fechado aos limites do Distrito Federal. Mas o autor avalia que a questão do fraco mercado editorial brasiliense está, principalmente, no plano econômico. “Para que houvesse de fato reconhecimento, teria de existir mercado. Temos, somos consumidores de livros, mas não temos um sistema de produção de livros desenvolvido ou estável.” E lista:

Um sistema literário (tomando o adjetivo "literário" em sentido largo) envolve: demanda, isto é, consumidores; empresários dispostos a investir no setor; editoras; profissionais qualificados para trabalhar nelas; livrarias atentas ao movimento local; consagração de autores nas estantes acadêmicas (não se

estudam, salvo exceções, escritores brasilienses... em Brasília); jornais que remassem contra a maré e assumissem a tarefa de combater o bom combate de divulgar a boa literatura, sem prevenções contra quem tem o seu CEP na cidade.

A conclusão de Fernando Marques é que, de todos os itens, Brasília só tem de fato o primeiro. Autores com mais de 30 livros publicados e participação em cerca de 40 antologias, como Joanyr de Oliveira, são uma exceção às constatações de Marques. Mesmo assim, Joanyr só conseguiu invadir o mercado editorial porque, hoje, é ligado à Editora Thesaurus, que organiza grande parte de suas obras e publica um livro seu a cada ano. Mesmo assim, o escritor ainda acredita que tinha mais espaço para publicar suas obras quando morava no Rio de Janeiro.

Fazendo coro com os colegas, Paulo José Cunha acredita que “fora do eixo Rio-São Paulo, qualquer veleidade literária é apenas uma tentativa vã.” Para ele, não existe projeção para quem está fora desses limites. Como a grande mídia está situada nesses dois estados, só o que se produzido neles ganha projeção e dimensão nacionais. Sobre a mídia de Brasília, o jornalista escritor só critica o fascínio que ela ainda mantém pelo que vem de fora, “como se o que se produz aqui não tivesse igual ou maior qualidade.” E completa:

Na área da literatura, temos excelentes autores, mas suspeito que se não saírem daqui pra morar no Rio ou em São Paulo vão continuar no anonimato, infelizmente. Pensam que o Eixão da Morte é o eixo rodoviário? Estão enganados. O Eixo da morte da arte e da cultura brasileira é o que reúne os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, que sufocam grande parte da fantástica diversidade da nossa cultura regional em todas as áreas.

Mas quais são os motivos dessa ausência mercadológica? Existem hoje 15 editoras registradas na Câmara do Livro do DF. Quase nenhuma delas chega às grandes redes de livrarias, principal ponte com o leitor brasileiro. A maioria das publicações de Brasília só são viáveis mediante bolsas de apoio de órgãos públicos. Mas publicar não automatiza a chegada do livro ao leitor, principalmente num país em que ainda se lê pouco, menos de 5 livros por ano por habitante. A pesquisa Retratos da Leitura do Brasil, divulgada em maio de 2008 pelo Instituto Pró-Livro, mostra que as pessoas do Centro-Oeste lêem uma média de 4,5 livros por ano. Desse total, 3,4 são obras indicadas pela escola (o que inclui os livros didáticos), sobrando apenas 1,3

para leitura extra-escolar. O estudo também constatou que cada residência brasileira tem uma média de 25 livros – cerca de 12 deles são indicados pela escola, 2 são a Bíblia, 3 são outros livros religiosos e 7,4 resumem a possibilidade de toda a variedade de publicações restantes.

Percebe-se, portanto, que os jornalistas escritores do Brasil – e de Brasília – enfrentam um problema natural de leitura no país. É uma situação, entretanto, que não depende mais do governo e das políticas de educação do Brasil para ser melhorada. Às editoras, cabe tentar atrair esse público para as obras que lança no mercado. Aos autores, o que se pode tentar fazer é apresentar a literatura brasiliense à população do DF, divulgando-a em escolas, saraus, noites literárias, programas de TV, fazendo parcerias com universidades, projetos com o governo, rodas de leitura. Enfim, todas as possibilidades que torne o acesso – e a descoberta – do que é produzido aqui mais fácil para os leitores. É quebrar o círculo vicioso das rodas fechadas de escritores, em que só eles se conhecem, alheio ao universo externo. Vários entrevistados falaram que, nos lançamentos de seus livros, contaram com a presença de muitos jornalistas. Os contatos das redações e a atividade midiática ajudam nessas horas, mas é preciso expandi-los. Se o livro só chega até o mediador, papel original do jornalista, o caminho não foi completado satisfatoriamente.

X - O JORNALISMO AJUDA OU ATRAPALHA A LITERATURA?

Trabalhar em um jornal diário implica agilidade de texto, bombardeio de informações, limites de caracteres, pressão. Trabalhar com literatura é sinônimo de tempo, reflexão, estilo e liberdade. Nas duas áreas, entretanto, é preciso ter intimidade com as palavras: a melhor forma de deixar a notícia clara para o leitor, a estética mais bonita para o virar das páginas. Será que, tendo o mesmo objetivo central, jornalismo e literatura acabam se tornando complementos e participantes de um mutualismo benéfico para os dois lados? Angélica Torres acha que sim.

Não há atrapalho entre os dois. Há enriquecimento, sempre, porque ambos lidam com a linguagem, a comunicação, a expressão. Tanto numa como no outro busca-se o contato e o entendimento. Agora, uma exige tempo, dedicação rigorosa, entrega total se possível; já o outro convive com o drama do tempo escasso, a entrega imediata (do texto)... ainda assim, e talvez por essa diferença estrutural entre as duas atividades, ambas se favorecem. (TORRES, entrevista no dia 29 de setembro. Ver anexo 5)

Para Paulo José Cunha, a prática do texto jornalístico ajuda muito o escritor, mesmo que não seja uma condição insubstituível para a formação de um bom literato. Ele acha que a atividade midiática obriga o profissional a escrever rápido e bem. “A fluência do texto depende da prática”, argumenta. E as duas áreas se complementam, já que ter uma boa base literária evita que o jornalista desenvolva em seus textos diários um estilo fraco, com variedade vocabular baixa. E completa: “Ao mesmo tempo, a prática da literatura abre horizontes insuspeitados para o texto jornalístico, que tanto carece de qualidade, sobretudo nesses tempos de competição encarniçada em que vivemos.”

Já o cronista Rogério Menezes não divide com os autores a mesma opinião. Para ele, ser jornalista ou não é indiferente para o escritor, porque “fazer literatura não tem nada a ver com a profissão que se exerce, mas sim com a maneira desabrida com que se encara a vida e a morte.” Na opinião dele, o fato de ser jornalista não faz de ninguém mais potencial escritor do que um enfermeiro ou um veterinário, por exemplo.

Mas a opinião de Menezes não reflete o pensamento da maioria dos entrevistados. Quase todos citaram pontos positivos do jornalismo na literatura – e colocaram a imprensa como uma ocupação que realmente influencia na arte literária. Entre eles estão o contato com as pessoas, que se na mídia é uma parte natural do trabalho, na literatura pode servir como fonte de inspiração para histórias e personagens. Os jornalistas escritores também citam a prática diária do texto como um fator benéfico para a literatura, já que permite o maior contato do autor com a palavra. E existem outros, como Carla Andrade, que destacam a importância de, como jornalista, você conseguir fazer o *marketing* ideal para o lançamento do seu livro. “Ser jornalista é bom porque você faz a sua assessoria de imprensa, tem contatos, organiza o lançamento, divulga o seu livro”, enumera. Mesmo assim, ela acredita que a literatura, em especial a poesia, ainda aparece muito pouco na mídia.

Para Alexandre Marino, um trabalho sério de literatura ajuda o jornalista a escrever com mais arte. No sentido inverso, o jornalismo pode dar ao escritor mais disciplina para escrever. “Além disso, as atividades podem ir se misturando. Mas o jornalismo é urgência, e a literatura é aprofundamento. É a diferença básica”, define o autor.

Na visão de Fernando Marques, é preciso ter cautela para avaliar as conseqüências dessa relação. Ele acredita que o jornalismo, assim como o magistério, é fundamental para manter as contas do escritor. Além disso, trabalhar na mídia faz com que o profissional participe com mais freqüência da vida intelectual da cidade. “Mas o preço, em tempo e energia, pode ser alto. E o lado escritor, que pede liberdade para o exercício da imaginação, do humor, do pensamento metafórico, talvez saia perdendo na parceria.”

Foi justamente para evitar essa desigualdade das partes que José Rezende Junior abandonou a rotina diária e frenética das redações para dedicar-se mais a sua literatura. Para ele, o jornalismo permite que o autor aprofunde sua experiência de vida. Mas os benefícios deixam de valer a pena quando se percebe que o trabalho na imprensa pode atrasar a carreira literária. Para Lourenço Cazarré, os pontos positivos de uma atividade na outra vão em uma única direção. Ele acredita que a leitura de bons livros é essencial para o jornalista, mas discorda que o jornalismo possa dar algo ao escritor. “Mas creio que não chega a atrapalhar”, acrescenta.

XI - CONSELHO DE JORNALISTA, CONSELHO DE ESCRITOR

Os entrevistados dividem opiniões sobre os benefícios ou prejuízos que o jornalismo traz para a literatura. Mas, quando perguntados sobre que conselhos dariam para um jovem jornalista com pretensões de ser escritor, eles são unânimes em um ponto: ninguém recomenda que ele se aprofunde nas atividades da mídia. Apesar disso, as dicas são as mais diversas. Menezes y Moraes sugere que o jovem profissional viva, viva muito e intensamente. E que nessa empreitada, inclua muitas leituras, matéria-prima básica para entender a condição humana.

José Rezende Jr. defende que, quem quer ser escritor tem que tentar isso e não outra coisa. Carla Andrade sugere que o jovem tente, ao máximo, conciliar jornalismo e literatura, mas não se esqueça que a última seja tratada sempre como atividade de realização pessoal. Para Fernando Marques, a receita é “Mude-se!”. Se isso não for possível, é importante colocar no texto características locais, mas sem perder o contato com os outros centros. “A literatura precisa do que é local na origem, na gênese, como fonte de inspiração e de estímulo; mas deve ser feita para o mundo, no mínimo”, defende Marques.

Para Luiz Martins, o essencial para um jovem jornalista construir uma carreira de escritor bem-sucedida é ver a vida com saber e conciliar as duas áreas. “Porque a arte é capaz de maravilhar a vida e o jornalismo é capaz de mostrar de que forma a vida poderia ser maravilhosa”, recomenda. Angélica Torres acredita que ser obstinado e manter uma disciplina de trabalho são essenciais nesse caso. Já Rogério Menezes foge da responsabilidade e prefere não dar conselho a ninguém.

Escrever ou não escrever é uma questão de foro íntimo, de vocação, de sina, de, como dizia Jorge Amado, de 'maldição'. Ninguém se torna escritor porque alguém lhe aconselhou ou não aconselhou, mas porque não tinha outra coisa a fazer na vida, se não escrever. É/foi o que acontece/aconteceu comigo. (MENEZES, entrevista no dia 15 de setembro. Ver anexo 20)

Lourenço Cazarré concorda com Menezes de que ninguém entra na literatura por palpite dos outros. Mesmo assim, o autor arrisca um conselho para os jovens escritores: “um conselho a todo jovem escritor: procure algo mais divertido para gastar as suas horas.”

XII - CONCLUSÃO

Não sei datar quando começou meu interesse na literatura. Desde pequena? Talvez. O jornalismo eu sei: veio com o vestibular. Escolhi o curso que mais me permitisse ler e escrever. Inconscientemente, escolhi jornalismo pensando na literatura ou a literatura pensando no jornalismo. A verdade é que, diante das inúmeras possibilidades da profissão, sempre tendi para o lado cultural e literário do trabalho na mídia. A identificação com a área tornou-se mais forte quando fui selecionada no concurso Rumos Jornalismo Cultural, do Itaú Cultural, no fim de 2007. Com o prêmio, tive a oportunidade de participar, durante todo o ano de 2008, de um laboratório digital de Jornalismo Cultural, tendo encontros semanais com José Castello, para mim, um dos maiores nomes dessa área atualmente.

O tema da minha monografia, portanto, era óbvio: jornalismo e literatura. Desde o início, a idéia era analisar o trabalho de jornalistas que escreviam textos literários. A diferença, entre o que eu quis fazer no início e o que eu fiz de fato, foi o campo de pesquisa. No começo, a intenção era entrevistar e saber a opinião dos jornalistas escritores de destaque nacional, incluindo aí o José Castello. Mas, diante do trabalho que a jornalista Cristiane Costa já tinha desenvolvido, traçando um panorama desses profissionais de 1904 a 2004, tentei especificar melhor o foco do trabalho. Pesquisar os jornalistas escritores do DF foi uma surpresa: não sabia que existiam tantos dessa “espécie” por aqui. Eu tinha, portanto, muito a explorar. E foi aí que todo esse percurso começou. Depois que você acha o primeiro jornalista escritor, os outros vão aparecendo aos poucos. E eu, que nunca tinha mergulhado na literatura brasileira, entrei em um mundo adorável, que me permitiu conhecer suas obras e autores e, hoje, me sentir muito mais familiarizada com esse universo em formação.

Na sequência, um quadro, que também está listado nos anexos deste trabalho, sintetiza os perfis, os dados e as opiniões dos 21 jornalistas escritores do DF consultados para esse trabalho.

QUADRO INDICATIVO DE JORNALISTAS ESCRITORES DO DF

	Ano em que nasceu	Naturalidade	Em Brasília desde	Ocupação atual	Dá para conciliar jornalismo e literatura?	Em que jornalismo ajuda a literatura?
Alessandra Roscoe	1969	Uberaba (MG)	1972	Escreve para a revista Cláudia	Sim	A vivência jornalística ajuda na criação de histórias
Alexandre Marino	1956	Passos (MG)	1982	Servidor público	É uma necessidade	O jornalista pode dar disciplina de escrever ao escritor
Amneres Pereira	1959	João Pessoa (PB)	1979	Servidora pública	É uma necessidade	Lidar com a palavra fica mais fácil
Anderson Braga Horta	1934	Carangola (MG)	1960	Aposentado	Sim	O trabalho no jornal ajuda a projetar e divulgar o autor
Angélica Torres	1952	Ipameri (GO)	1965	Trabalha na Biblioteca Nacional de Brasília	Sim	Nas duas atividades busca-se o contato e o entendimento
Ariosto Teixeira	1953	Santana do Livramento (RS)	1978	Repórter e analista político do Estadão	Sim	O jornalismo ajuda na pesquisa e na apuração da literatura
Carla Andrade	1977	Belo Horizonte (MG)	2001	Servidora pública	Sim	----
Clara Arreguy	1959	Belo Horizonte (MG)	2004	Editora de Cultura do Correio Braziliense	É uma necessidade	No exercício constante da escrita

	Ano em que nasceu	Naturalidade	Em Brasília desde	Ocupação atual	Dá para conciliar jornalismo e literatura?	Em que jornalismo ajuda a literatura?
Danilo Gomes	1942	Mariana (MG)	1975	Aposentado	Sim	Os dois se complementam, em aperfeiçoamento de texto e estilo
Fernando Marques	1958	Rio de Janeiro (RJ)	1974	Professor da UnB	É uma necessidade	O jornalismo paga as contas do escritor
Joanyr de Oliveira	1933	Aimorés (MG)	1960	Aposentado	Não	O jornalismo ajuda na criação do estilo
José Rezende Jr.	1959	Aimorés (MG)	1987	Realiza oficinas de texto	Não	O jornalismo te permite soltar mais o texto
Lourenço Cazarré	1953	Pelotas (RS)	1977	É jornalista no Senado	Sim	Não sei se o jornalismo pode dar algo ao escritor.
Luis Turiba	1950	Recife (PE)	1978	Coordena a assessoria do SESC/DF	Sim	----
Luiz Martins	1950	Nova Russas (CE)	1970	Professor da UnB	É uma necessidade	A natureza do “pretender ser” do jornalismo ajuda o escritor
Menezes y Moraes	1951	Altos (PI)	1980	Professor de História	Sim	O jornalismo te coloca em contato direto com a realidade
Paulo José Cunha	1951	Rio de Janeiro (RJ)	1970	Professor da UnB e servidor da Câmara	É uma necessidade	Na fluência do texto e na prática de escrever rápido e bem

	Ano em que nasceu	Naturalidade	Em Brasília desde	Ocupação atual	Dá para conciliar jornalismo e literatura?	Em que jornalismo ajuda a literatura?
Pedro Biondi	1976	São Paulo (SP)	2005	Trabalha no Ministério da Cultura	É uma necessidade	O jornalismo permite maior contato com pessoas e histórias
Reynaldo Jardim	1926	São Paulo (SP)	1988	Aposentado	-----	-----
Rogério Menezes	1957	Mutuípe (BA)	1997	Escrevendo uma biografia	Não	-----
Rosângela Vieira	1953	Inhapim (MG)	1968	Professora da UnB	Sim	O jornalismo ajuda muito na apuração do escritor

Dos 21 entrevistados, 15 são homens, seis são mulheres e nenhuma nasceu em Brasília. A grande maioria é de Minas Gerais, com coincidências curiosas, como dois deles, Joanyr de Oliveira e José Rezende Jr, serem conterrâneos da pequena cidade mineira de Aimorés. Observa-se também que o mais velho é o poeta Reynaldo Jardim, que nasceu em 1926. Carla Andrade, de 1977, é a mais nova. Encontram-se nesse trabalho, portanto, três gerações de jornalistas escritores de Brasília: os que chegaram na capital entre os anos de 1960 e 1970; os que viveram os tempos de intensidade brasiliense entre as décadas de 80 e meados de 90; e os que começaram a vida profissional no fim dos anos 90, aqueles hoje com menos de 40 anos de idade.

Mas o melhor dessa pesquisa não está publicado aqui. O contato com cada jornalista escritor, nesses três meses de entrevista, e o que se pode perceber de cada um, da história, dos gostos, da literatura, do jeito de escrever, de falar, de contar como lida com os seus jornais, com os seus livros, não pode ser impresso em papel. A transcrição das conversas nos anexos e a comparação das respostas de cada jornalista escritor entrevistado com certeza foi um grande aprendizado. Mas o que mais marcou foi como, nessa empreitada de juntar autores do DF, eles

quase não se conheciam. Como entrevistada e pessoa até então alheia ao universo jornalístico-literário do DF, pude entrar em contato com intelectuais de diferentes grupos, gerações, estilos. E isso, andar entre essa categoria tão diversificada e espalhada pela cidade, quase ninguém faz.

A literatura brasileira talvez ainda não tenha se consolidado justamente por isso. Os autores, todos jornalistas e escritores, não se conhecem no geral. Um entrevistado me indica outro, que é seu amigo, que foi no lançamento do seu livro, que foi seu colega de trabalho nos tempos de redação. E esse outro, quando perguntado se conhece mais jornalista escritor brasileiro para participar da pesquisa, indica o nome do mesmo amigo que o sugeriu.

O que se produz no DF está dividido em grupos. Temos os jornalistas escritores que se dedicam a poesia, que se subdividem em mais segmentos: o dos poetas mais antigos, que chegaram aqui na construção de Brasília; os mais jovens, que viveram a ditadura, a ebulição cultural candanga; os contemporâneos, que chegaram por algum acaso do destino e, com isso, fixaram-se aqui como consequência natural das coisas. Também temos os escritores organizados em grupos de recitais, em grupos voltados para o mercado editorial, grupos no meio acadêmico. Raros foram os entrevistados que conheciam jornalistas escritores de “outras vertentes”, confirmando a afirmação de Juremir Machado da Silva, de que jornalismo cultural no Brasil (e no mundo) é uma espécie de “negócio entre amigos”. E descreve como, hoje, o círculo literário fica fechado – e limitado – a alguns grupos.

A Companhia das Letras e a Objetiva, editoras fetiches dos intelectualóides, publicam Chico Buarque, Caetano Veloso, Zuenir Ventura, Veríssimo ou Jô Soares porque eles são celebras, e a *Folha de S. Paulo* repercute, pois se trata de personagens célebres editados pela Companhia das Letras e pela Objetiva. Os leitores *cults* compram as obras, pois não podem perder livros da “Companhia” e da Objetiva, louvados pela “Folha” e assinados por “celebridades”. (SILVA, 2000: 64)

Dividida e sem se conhecer como um todo, a literatura brasileira faz-se ainda menos óbvia para o público em geral. Se nem os autores que produzem em um mesmo centro se conhecem, com os leitores essa unidade se torna ainda mais frágil. É preciso dar uma imagem unificada e, assim, forte para a produção local. Senão, por mais que obras de qualidade sejam produzidas a todo instante (e eu percebo que isso acontece realmente), a literatura brasileira e do Distrito Federal não conseguirá projeção local - e muito menos nacional.

Outro ponto importante observado neste trabalho foi a ligação que a história de vida de cada autor tem em sua produção literária (e, às vezes, jornalística também). Ler o livro de Ariosto Teixeira, *Poemas do front civil*, e conversar pessoalmente com ele, por exemplo, foram experiências muito parecidas. Sua poesia política, forte e perturbadora combinam com a sua história de movimento estudantil, ditadura, inconformismo. A mesma coisa aconteceu com os textos de Pedro Biondi. Amante declarado da natureza, com parte de seu jornalismo dedicado a questões do meio ambiente, o conteúdo de *Cheiro de Leoa* não podia ser mais adequado. Os contos de Biondi falam de animais com precisão e detalhes, numa linguagem tão clara e tranqüila que lembram a conversa que tivemos no Café da Rua 8 para essa monografia. Joanyr de Oliveira, que está em Brasília desde 1960, mostrou-se uma pessoa com ótima memória. Suas poesias retratam lembranças e histórias dos primórdios da capital.

Menezes y Moraes, morando em um afastado e isolado condomínio do Jardim Botânico, construído com árvores e silêncios, parece ter achado lugar adequado para seus textos e títulos. Alessandra Roscoe entrou para a literatura infantil por motivação e incentivo da filha. José Rezende Jr nunca escondeu sua admiração por Guimarães Rosa. Nem quando colocou uma citação do autor nas primeiras páginas do seu livro de estréia, nem quando usou uma camiseta com o nome dele na nossa entrevista. Seu estilo certamente teve influências roseanas. Turiba, cujo ano marcante da vida foi 1968, mostrou-se radiante ao falar do poema *meiaoito*, de 25 páginas, em que retrata um pouco da sua vida e da situação do país naquela época. E, quando eu o li, depois do nosso encontro, foi como se eu vivesse de novo a nossa conversa. A própria Carla Andrade confirmou as minhas constatações: “Acho que, por ser de uma geração pós ditadura, minha poesia é menos política, mais imagética, sem tanto compromisso em causar alguma provocação no leitor. Poesia não é pra ser entendida, é pra ser admirada”, defendeu.

Quanto à literatura e ao jornalismo, a maioria dos entrevistados afirmou conciliar as duas áreas sem problemas. Como uma necessidade e uma tendência histórica no Brasil, a atividade na imprensa e a paralela publicação de livros não se mostrou impossível. Mesmo assim, é importante observar que a maioria dos jornalistas escritores brasileiros consultados não se dedicavam mais à redação na época. Dos 21 entrevistados, apenas dois podem ser considerados jornalistas diários, caso de Clara Arreguy, editora do Caderno de Cultura do jornal *Correio Braziliense*, e de Ariosto Teixeira, analista político de *O Estado de S. Paulo*. Outros quatro,

embora trabalhando com jornalismo, estão no serviço público e por isso tem um pouco mais de folga e garantia de horários, como Amneres Pereira (na Câmara dos Deputados) e Carla Andrade (na Agência Nacional de Aviação Civil - Anac). Quem divide a literatura com o magistério, como Luiz Martins, Rosângela Vieira, Fernando Marques e Paulo José Cunha (que também trabalha na Câmara), também precisa saber dosar o tempo. A literatura é mais tranqüila para aqueles que estão ligados indiretamente ao jornalismo, como Rogério Menezes, ou os que já se aposentaram e, hoje, podem viver em função da escrita, como Joanyr de Oliveira e Anderson Braga Horta.

No fim, a relação jornalismo e literatura no DF assemelha-se com a nacional. Não há uma resposta objetiva e exata para a questão. O jornalismo pode ajudar ou atrapalhar o escritor, depende de como o profissional lida com as duas atividades, das prioridades que ele estabelece para cada área. A diferença do que acontece aqui para o que impera no Brasil, talvez, diga respeito ao mercado editorial. Fora do eixo Rio-São Paulo, os jornalistas escritores brasilienses tem que enfrentar mais dificuldades para fazer seu trabalho chegar ao mercado. Além disso, o país ainda não conhece bem o que uma região com menos de 50 anos de existência e composta por pessoas de todos os lugares produz. Por isso, estabelecer-se como um nome literário reconhecido é um caminho um pouco mais tortuoso para quem trabalha no DF.

O que se percebe é que existe produção literária de qualidade no DF, algumas obras até merecedoras de destaque nacional. Isso só não acontece por causa do desconhecimento dos autores entre si e com o público, além da falta de unidade do que é produzido aqui, como citado anteriormente. Outro problema é a concentração do debate cultural do país no eixo Rio-São Paulo, o que faz com que obras de renome fora dessa localidade sejam uma exceção num país com 27 unidades federativas. Como jornalistas, os autores do DF deveriam priorizar a divulgação de seu trabalho literário, para que o público conheça (e valorize) o que é produzido aqui. Como escritores, eles não podem parar de produzir boas obras e de insistir na busca de uma literatura característica da cidade. Como jornalistas escritores, eles devem sempre buscar a melhor aplicação das palavras e tudo que o conflito jornalismo e literatura oferece de melhor para o produto final.

XIII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LIVROS E REVISTAS

ANDRADE, Carla. *Conjugação de pingos de chuva*. Brasília: LGE, 2007.

ASSIS, Machado. *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986. v.3

BIONDI, Pedro. *Cheiro de Leoa*. São Paulo: Limiar, 2007.

BRITO, José Domingos de (Org.). *Literatura e Jornalismo*, volume 3. São Paulo: Novera Editora, 2007.

CAGIANO, Ronaldo (Org.). *Antologia do conto brasiliense*. Brasília: Projecto Editorial/ Livraria Suspensa, 2004.

_____. *Todas as gerações: o conto brasiliense contemporâneo*. Brasília: LGE Editora, 2006.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002 – (Coleção ensaios transversais)

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto. *Metodologia científica*. 6. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CLARK, Linda. *Nelson Rodrigues: jornalismo e literatura na dose certa*. In: *Estudos da Literatura Brasileira Contemporânea: Literatura e jornalismo*, Brasília: IBC, n°17, pp. 3-11, jan/fev 2002.

CONY, Carlos Heitor. *Quase memória: quase-romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COSSON, Rildo. *Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. *Romance-reportagem: o gênero*. Brasília: UnB e imprensa oficial, 2001.

- COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HORTA, Anderson Braga. *Sob o signo da poesia: literatura em Brasília*. Brasília: Thesaurus, 2003.
- KUNCZIC, Michael. *Conceitos de jornalismo*. São Paulo, Edusp, 2001.
- LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1969.
- MATOS, Gregório. *Literatura comentada*. São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- MORAIS, Menezes y. *Outros cantares de igual teor*. Brasília: Ed. Autor, s.d.
- OLIVEIRA, Joanyr (Org.). *Poemas para Brasília – antologia*. Brasília: Projecto Editorial/ Livraria Suspensa, 2004.
- _____. *Poesia de Brasília (antologia poética)*. Brasília: Editora Sette Letras, 1998.
- PIRES, Ézio. *Literatura na criação de Brasília*. Brasília: Compukromus Editoração e Assessoria Gráfica, 1999.
- PIRES, Maria Isabel Edom. *O jornalista na literatura brasileira contemporânea: algumas notas*. In: Estudos da Literatura Brasileira Contemporânea: Literatura e jornalismo, Brasília: IBC, nº 17 jan/fev 2002.
- REZENDE JR., José. *A mulher-gorila e outros demônios*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- RIO, João do. *O Momento Literário*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 1994.
- RIVAS, Manuel. *El periodismo es un cuento*. Madrid, Alfaguara, 1998.
- RODRIGUES, Nelson. *A menina sem estrela*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SOUSA, Salomão. *Deste Planalto Central: poetas de Brasília*. Brasília: Thesaurus, 2008.

TEIXEIRA, Ariosto. *Poemas do front civil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

VALADARES, Napoleão. *Dicionário dos Escritores de Brasília*. 2. Ed. Brasília: A. Quicé, 2003.

2. ELETRÔNICOS

ARREGUY, Clara. *Clara Arreguy*. Disponível em: <http://www.clara-arreguy.com/> Acesso em: setembro de 2008.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS ESCRITORES. Disponível em: <http://www.anenet.com.br/> Acesso em 21 de outubro de 2008.

BIONDI, Pedro. *Cheiro de leoa*. Disponível em: <http://pedrobiondi.wordpress.com/> Acesso em: 9 de outubro de 2008.

CÂMARA DO LIVRO DO DF. Disponível em: <http://www.camaradolivrodf.com.br> . Acesso em: 9 de outubro de 2008.

CASTRO, Gustavo de. *Jornalismo Literário*. Disponível em: www.substantivoplural.com.br . Acesso em: 6 de novembro de 2008.

CONDE, Miguel. *Jornalismo e literatura*, por Carrero e Zuenir. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2007. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa>. Acesso: 12 de setembro de 2008.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel*. Disponível em: <http://www.penadealuguel.com.br>. Acesso em: 19 de outubro de 2008.

FREITAS, Helena de Souza. *Jornalismo e literatura: inimigos ou amantes?* Disponível em: <http://www.jornalismo-literatura.com>. Acesso em 12 de setembro de 2008.

LAJOLO, Marisa. *Jornalistas e escritores: a cordialidade da diferença*. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/marisa.html>>. Acesso em: 23 setembro 2008.

MAIA, Marta. *Comunicação plural na rede*. Conexões jornalismo e literatura. Disponível em: <http://www.martamaia.pro.br/jliteratura.asp>. Acesso em maio de 2008.

- MANHÃES, Eduardo. *O samba é uma crônica*. Disponível em: <http://www.casadasmusas.org.br>. Acesso em: 12 de setembro de 2008.
- MARINO, Alexandre. *Sítio de Alexandre Marino*. Disponível em: <http://www.marino.jor.br>. Acesso em: 13 de novembro de 2008.
- MARQUES, Fernando. *Fernando Marques*. Disponível em: <http://www.fernandomarques.art.br/> Acesso em: setembro de 2008.
- MARTINEZ, Tomás Eloy. *Jornalismo e narração: diálogos para o século XXI*. Conferência na SIP, Guadalajara, México, 26 de outubro de 1997. Disponível em: <http://www.casadasmusas.org.br> . Acesso em: 12 de setembro de 2008.
- MIRANDA, Antônio. *Antônio Miranda*. Disponível em: www.antoniomiranda.com.br/ Acesso em: 3 de novembro de 2008.
- NICOLATO, Roberto. *Jornalismo e Literatura: aproximações e fronteiras*. VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1028-1.pdf> . Acesso em: 1 de novembro de 2008.
- PIEKAS, Adriano. *Jornalismo e Literatura: imaginário X realidade*. *Overmundo*, 2 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/jornalismo-e-literatura-imaginario-x-realidade>. Acesso em: 13 de novembro de 2008.
- REZENDE JR, José. *José Rezende Jr - Jornalismo e literatura*. Disponível em: <http://www.joserezendejr.jor.br/> . Acesso em: 9 de outubro de 2008.
- ROSCOE, Alessandra. *Contos, cantos e encantos*. Disponível em: <http://www.contoscantoseencantos.blogspot.com/>
- SILVA, Dionísio da. *Jornalismo e literatura: relâmpago nas trevas da confusão*. *Observatório da Imprensa*, agosto de 2005, seção Armazém Literário. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=340AZL001>. Acesso em: 9 de outubro de 2008.

XIV - ANEXOS

ANEXO 1

ENTREVISTA ALESSANDRA ROSCOE

- Realizada por e-mail, no dia 25.09.08

Nome completo: Alessandra Pontes Roscoe

Nascimento: 20 de outubro de 1969, em Uberaba (MG)

Em Brasília desde: 1972

Bibliografia:

- *A Menina que Pescava Estrelas*. Texto de Alessandra Pontes Roscoe e Beatriz Roscoe Cavalcante e Ilustrações de Beatriz Roscoe Cavalcante. LGE, 2004.

- *O Jardim Encantado* - Texto de Alessandra Pontes Roscoe e Ilustrações de Beatriz Roscoe Cavalcante. LGE, 2007.

- *A Fada Emburrada* - texto de Alessandra Pontes Roscoe e Ilustrações de Romont Willy. Editora Elementar, 2008.

- *O Jacaré Bilé* - texto de Alessandra Pontes Roscoe e ilustrações de Ítalo Cajueiro. Editora Biruta, 2008.

Site: www.contoscantoseencantos.blogspot.com

- Breve perfil (escrito pela autora)

Sou casada e tenho dois filhos: Beatriz Roscoe Cavalcante - 10 anos e Felipe Roscoe Cavalcante - 6 anos. Espero Luiza, que desembarca na vida em novembro, ou seja, carrego uma barriga de oito meses, que veio no susto, mas chega com muita alegria. Sou mineira de Uberaba e vim para Brasília com três anos de idade, nunca perdi minha identidade com o interior de Minas, mas considero-me uma "brasiliense de coração". Aqui cresci, fiz amigos, estudei e descobri minhas vocações.

Sempre gostei muito de ler e escrever. Aos nove anos de idade tive um conto publicado numa Antologia Poética, organizada pela Fundação Educacional do DF. Em Uberaba, onde sempre passei as férias, cresci com muitos primos entre árvores e quintais e sob a influência de um tio muito querido: Jorge Zaidan, jornalista e escritor sensível que incentivou não só os filhos, mas também todos que o cercavam a admirar a arte, a música, a literatura, o lado mais poético da vida. Em Uberaba ele fundou rádio e TV, escrevia pra jornal e eu descobri, já na infância, que

queria ser jornalista. Cheguei a fazer um jornalzinho com os primos só pra brincar! Quando chegou a hora de decidir o que fazer, não tive dúvidas: prestei vestibular para Jornalismo e Artes. Passei nos dois e durante quase quatro anos, cursei as duas faculdades e ainda me dividia com os estágios (Artes Cênicas na UnB, Jornalismo no Ceub, estágio na Rádio Nacional e na TVE, nem sei como dei conta!).

Quando estourou a CPI do Orçamento, tive a oportunidade de ser contratada, mesmo sem ter formado no SBT e fui obrigada a optar entre o jornalismo e a Arte. Não me arrependo, trabalhei em rádio, jornal, mas fiz minha carreira basicamente na TV. Em Brasília passei por praticamente todas as emissoras, fui para Ribeirão Preto, onde fiquei um ano e meio como repórter da EPTV - afiliada da Globo no interior paulista e voltei para a Manchete em Brasília. Depois da Manchete fui para a Record, onde trabalhei como repórter e depois assumi a direção de jornalismo local. Coordenava uma equipe de 15 profissionais, fechava e apresentava um jornal. Foi na Record que tive a oportunidade de juntar pela primeira vez minhas duas paixões: o jornalismo e a arte. Criei, produzi e apresentei durante oito meses o quadro "Conversa Informal" de entrevistas descontraídas com artistas, escritores e pessoas ligadas à arte de alguma forma!

Já meu encontro com a literatura se deu graças à maternidade. Meu primeiro livro - hoje em adaptação para um curta-metragem de animação para o cinema- foi uma parceria meio que imposta pela Beatriz, minha filha mais velha. Ela pediu-me numa noite de muita agitação para que contasse uma história antes que ela dormisse e exigiu que fosse uma história da minha cabeça. Fui costurando o enredo com ela e depois, durante quase três anos, contei e recontei a "nossa" história um milhão de vezes. Um belo dia ela pegou-me pelo braço e exigiu que eu colocasse o texto no computador, pois mudava sempre a história. Quando terminei e li o que tínhamos feito ela perguntou o que faltava para virar livro. Expliquei que era um longo caminho que começava pela escolha de um ilustrador. Indignada, Bia me perguntou porque alguém que não era ela iria ilustrar a nossa história. Decidi mais uma vez apostar em nossa parceria. Ela encomendou vários materiais e passou vários dias desenhando. A primeira editora que procurei aprovou o projeto e o livro saiu em 2004, foi adotado em várias escolas e este ano vai ganhar a telona.

Publicamos depois mais um livro: O Jardim Encantado, também com ilustrações de Beatriz e hoje até o Felipe se arrisca nas co-autorias. Minhas histórias todas são baseadas em situações que vivo ou vivi em casa com eles. Por conta das visitas às escolas, comecei a inventar maneiras de contar minhas histórias, fiz tapetes, malas e caixas, comecei a compor cantigas para os personagens e hoje sinto que estou mais distante da factualidade jornalística. Gosto mais das histórias inventadas para os pequenos! Meu lado jornalístico não está adormecido, hoje escrevo para a Revista Claudia da editora Abril e tenho um blog sobre literatura e arte para a infância e confesso que sinto-me realizada nas duas carreiras.

PERGUNTAS

1. Você acha que hoje em dia dá para ser jornalista e escritor ao mesmo tempo?

Não vejo nenhum problema, acho até que as duas coisas andam muito juntas. Sempre brinco que como jornalista, escrevo histórias de verdade de gente de verdade e como escritora invento

situações e personagens. A meu ver uma coisa completa a outra. As duas profissões têm a mesma ferramenta: a palavra. Seja ela poética ou informativa, será sempre a palavra.

2. Você convive (ou convivia) bem com essa realidade de jornalista e de escritor ou havia conflitos entre as duas partes?

Quando estava na cobertura diária na TV, que é diferente de escrever para uma revista, fazer matérias especiais e mais elaboradas, sentia mais a pressão do tempo, que ainda existe na revista, mas em outro grau. Mas mesmo com todo o corre-corre dos fechamentos diários, sempre me preocupei demais com a forma de dizer as coisas, procurava poesia nos acontecimentos mais banais, numa imagem inusitada, num jeito diferente de contar histórias que, como jornalista, temos que contar até repetidamente. Não tive grandes conflitos. Acho que a vivência jornalística ajuda-me agora também com as histórias. Posso garantir que é mais fácil prender a atenção de um telespectador do que a de uma criança, mas sempre busquei ser verdadeira e me colocar de corpo e alma não só nas minhas matérias como nos meus livros e nos meus encontros com os leitores.

3. Como é esse processo de, como jornalista, falar com um público adulto e, como escritora, com um infantil?

Olha, claro que é diferente, a linguagem é outra, mas o processo é o mesmo. Eu sempre busquei no jornalismo um olhar diferente, encontrar o algo mais. Falar de política e economia, que é quase sempre o pano de fundo das matérias de quem trabalha em Brasília, não é tarefa fácil, os assuntos são áridos e muitas vezes, apesar de importantes, desinteressantes. O papel do jornalista, mais do que informar é informar de maneira clara, objetiva e agradável. Não deixa de ser o mesmo desafio do escritor que tenta conquistar o leitor. As crianças são muito mais autênticas e verdadeiras, escrever para o público infantil é uma delícia, mas é sempre um grande desafio. Eu volto a dizer que o que mais importa é ser verdadeiro. Hoje em dia há uma visão equivocada de que escrever para crianças é ter que ensinar algo, vetar este ou aquele assunto. Não concordo. O bom texto infantil é aquele que todos adultos e crianças de qualquer idade lêem e admiram. Literatura tem que ser um prazer e um prazer que se descobre o quanto antes. Discordo dos livros carregados de lições de moral, ensinamentos, regras e posturas determinadas. Acho que as histórias têm que fazer rir, provocar encantamento, deslumbramento, reflexões, tristezas e questionamentos, mas, acima de tudo prazer em escutá-las ou lê-las.

4. Qual a melhor e a pior parte de cada um?

Acho que no jornalismo vivi muitas situações que não gostaria de ter vivido, miséria, desrespeito ao ser humano, corrupção, mas o engraçado é que mesmo nos momentos de maior angústia nesse contato forçado com a realidade que gostaríamos que fosse diferente, consegui sempre encontrar pessoas invadidas por uma esperança quase inacreditável, mais próxima até da ficção. Em minhas andanças jornalísticas descobri personagens e histórias incríveis que sempre foram um alento. Nunca deixei de me indignar, mas também nunca perdi minha esperança no absurdo! Na literatura acho que o conflito maior é o lado prático de ser um escritor profissional, desde a publicação até a distribuição, os direitos autorais. Muita gente não consegue entender que este é um caminho complicado. O escritor adoraria só produzir belos textos e vê-los publicados, lidos, enfim, cuidar só das metáforas, mas precisa lidar também com todo o lado burocrático. Este é o pior lado, o melhor são os encontros com os leitores.

5. Com qual você se identifica mais?

Acho que com os dois. Adoro contar histórias, sejam elas inventadas ou reais! No blog consegui, na medida certa juntar as duas coisas: Jornalismo e Literatura.

6. Como você vê a literatura no DF hoje?

A literatura, assim como outras manifestações culturais em Brasília, hoje tem identidade própria. Temos muitos autores, nem todos nascidos aqui e que trazem a diversidade característica da cidade que junta os vários Brasis. Temos poetas maravilhosos, gente produzindo e escrevendo com muita competência. Tenho orgulho de fazer parte de um grupo de 22 escritores, todos radicados em Brasília, o Casa de Autores. A dificuldade é conseguirmos sair de Brasília para mostrar o que fazemos lá fora. Casa de Autores, sob a orientação de uma agente literária, Iris Borges, livreira e grande conhecedora do mercado editorial, tem conseguido alçar vôos.

7. Há espaço?

Os espaços existem e querem ser ocupados. Casa de Autores vem fazendo isso: visitando feiras, dentro e fora de Brasília, escolas, bibliotecas e desenvolvendo projetos.

8. Há reconhecimento do trabalho do escritor local na mídia da cidade?

Este é um espaço que ainda não ocupamos bem. A mídia volta-se muito para o que vem de fora, mas acho que é um processo que virá com o tempo. O trabalho é árduo mesmo. Muitas escolas que pagam caro por apresentações de mágicos e palhaços, se recusam até mesmo a comprar os livros do autor que se dispõe a visitar os alunos. É uma distorção. Não é à toa que a AEILIJ - Associação dos Escritores e Ilustradores de Livros Infantis e Juvenis decidiu iniciar a campanha "Autor não é Brinde", na tentativa de mudar esse quadro.

9. Há projeção nacional dos autores?

Há se houver um trabalho. Posso citar o exemplo do Casa de Autores. Desde que foi formado em Janeiro deste ano, o grupo conseguiu multiplicar o número de contratos assinados com editoras do eixo Rio-SP, esteve presente em toda a programação da Bienal em SP, com lançamentos de livros e apresentações e ainda vem sendo convidado com frequência para participar de várias Feiras Literárias. É preciso que haja também a disponibilidade do escritor de ir onde o leitor está. Isso nós da Casa de Autores temos feito e já vimos bons resultados, tanto em reconhecimento de nosso trabalho, como em vendas de nossos livros.

10. No que a literatura pode ajudar o jornalismo e vice-versa?

Acho que já respondi essa pergunta. As duas carreiras são muito parecidas. Jornalismo e literatura andam de mãos dadas. Os desafios são parecidos. Acho que o que é preciso é sempre buscar a melhor história, a melhor maneira de ver e mostrar as coisas, seja para uma notícia ou para um livro!

ANEXO 2

ENTREVISTA ALEXANDRE MARINO

- Realizada por e-mail, no dia 30.09.08

Nome completo: José Alexandre Gomes Marino

Nascimento: 5 de julho de 1956, em Passos (MG)

Em Brasília desde: agosto de 1982

Bibliografia:

- *Os operários da palavra* (Batanguera, 1979);
- *Todas as tempestades* (Ed. do autor, 1981);
- *O delírio dos búzios* (Varanda, 1999);
- *Arqueolhar* (LGE, 2005);
- *Poemas por amor* (Varanda, 2007).

Site: www.marino.jor.br

- Breve perfil (escrito pelo autor)

Formei-me em Belo Horizonte na Universidade Católica, em 1979. Nessa época publiquei meu primeiro livro de poemas, "Os operários da palavra". Trabalhei nas redações do Jornal de Brasília, Correio Braziliense, Jornal do Brasil e O Estado de S. Paulo. Minha última experiência em redação foi no Correio em 1994. Depois disso, passei muito tempo trabalhando com prestação de serviços de reportagem, edição de revistas e livros, assessoria de imprensa, etc. Em setembro de 2006, fui chamado para trabalhar no Ministério da Educação, depois de passar num concurso. Aí estou até hoje. Em poesia publiquei cinco livros. Os dois últimos foram "Arqueolhar" (LGE, 2005) e "Poemas por amor" (Varanda, 2007). A Varanda é um selo meu, pelo qual publiquei vários livros de outros autores, como Ronaldo Costa Fernandes e Fernando Marques, entre outros.

PERGUNTAS

1. Você acha que hoje em dia dá para ser jornalista e escritor ao mesmo tempo?

Acho que ser escritor implica sempre ser alguma outra coisa ao mesmo tempo, porque a literatura não é profissão no Brasil. Nem vou falar das exceções. Então, é necessário viabilizar a

atividade de escritor sem que prejudique (muito) as atividades profissionais. E encarar a literatura seriamente - ou não. O resultado disso é opção de cada um.

2. Você convive (ou convivia) bem com essa realidade de jornalista e de escritor ou havia conflitos entre as duas partes?

Se você levar a literatura muito a sério, haverá conflitos. Eu cansei de identificar sinais de preconceito no meio jornalístico. As pessoas dizem "Ah, esse cara é poeta", às vezes até tentando transparecer um elogio, mas no fundo há muito preconceito. Nos dois anos que passei em Belo Horizonte depois de me formar, esse preconceito era tão acentuado que, quando fui trabalhar no Jornal do Brasil, tentei esconder essa atividade o máximo que pude. Eu vivia em função de trabalhar como repórter e, quando possível, escrevia poesia e prosa, mas sem grandes intenções de publicar. Meus amigos mais chegados, dentro da redação, sabiam. Depois que me firmei profissionalmente não me preocupei em esconder mais. Havia a vantagem de que o Jornal do Brasil na época estimulava um texto diferenciado nas reportagens, e eu tinha vantagem nisso porque minha preocupação com o texto era antiga. O Jornal do Brasil era disparado o melhor jornal brasileiro nessa época, décadas de 70-80.

3. Como você vê a literatura no DF hoje? Há espaço? Há reconhecimento do trabalho do escritor local na mídia da cidade? Há projeção nacional dos autores? E o mercado editorial?

O DF, como todos os outros estados, tem bons escritores, alguns reconhecidos nacionalmente. Mas, como Brasília é uma cidade jovem, não tem tradição cultural e isso reflete no público dos escritores. O leitor do DF não costuma dar muita atenção ao escritor do DF, embora nos últimos anos já tenha havido uma evolução. Com a mídia é pior, porque a tradição em Brasília é de jornalismo político e econômico e o jornalismo cultural é pobre. Não existe um espírito de curiosidade, interesse, investigação cultural, e mais especificamente de investigação na área de literatura. Quanto ao mercado editorial é pior, porque não existem editoras tradicionais em Brasília. Nós temos algumas casas que são mais um selo editorial que verdadeiras editoras - o que entendo por editoras são empresas que acreditam no trabalho do escritor, investem nele, o distribuem e comercializam. Isso em Brasília é muito incipiente. Se tivéssemos grandes editoras e uma mídia receptiva ao nosso trabalho, seria o melhor dos mundos, porque também teríamos leitores.

4. No que a literatura pode ajudar o jornalismo e vice-versa? E no que atrapalha?

Um trabalho sério de literatura pode ajudar o jornalista a escrever com mais arte. E o jornalismo pode dar ao escritor a disciplina para escrever. Além disso, as atividades podem ir se misturando. Mas o jornalismo é urgência, e a literatura é aprofundamento. É a diferença básica.

5. Que conselho você daria para um jovem jornalista que tem pretensão de ser escritor no DF?

Trabalhar muito e se perguntar sempre se é mesmo aquilo que ele quer. Se for, vá em frente, enfrentando as dificuldades. E procure não deixar que uma atividade prejudique a outra.

ANEXO 3

ENTREVISTA AMNERES PEREIRA

- Realizada pessoalmente, no dia 18.09.08, na redação do jornal da Câmara dos Deputados, às 17h.

Nome completo: Amneres Santiago Pereira Mauricio

Nascimento: novembro de 1959, em João Pessoa (PB)

Em Brasília desde: 1979

Bibliografia:

Já publicou *Pedro Pensiero* (novela; Thesaurus Editora, Brasília, 1980); *Humaníssima Trindade* (poemas; Edição do Autor, Brasília, 1993); *Rubi* (poemas; Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1997); *Razão do poema* (poemas, Takano, Brasília, 2000); *Entre elas* (poemas, Brasília, 2004); *Eva – poemas em verso e prosa* (edição bilíngüe português/espanhol, Thesaurus, 2007).

- **Breve perfil (retirado do livro *Deste Planalto Central: poetas de Brasília*, de Ronaldo Cagiano)**

Formada em Letras e em Jornalismo pela UnB. Promotora de recitais. É editora do jornal da Câmara dos Deputados. Atualmente, organiza seu primeiro livro-blog a ser lançado no meio virtual durante o processo de elaboração.

PERGUNTAS

1. Como você concilia jornalismo e literatura?

São duas coisas que faço separado. Edito o jornal da Câmara durante o trabalho, de tarde até a noite, concentrada. Agora, literatura, faço em casa, de manhã ou nos fins de semana. Todo dia de manhã eu dedico um tempo pra literatura – ou lendo, ou escrevendo. Concilio as duas coisas, porque não dá para viver de arte. E se literatura fosse obrigação, seria outra coisa. Mas o jornalismo me deixa sim com menos tempo do que eu gostaria para me dedicar à literatura. Claro, estando no serviço público você tem férias, fim de semana, um horário menos sacrificado. Sei como é melhor que o ritmo de redação, em que não sobra tempo pra nada. Então, como a minha prioridade era me dedicar à poesia, larguei uma carreira promissora no jornalismo, fiz Letras na UnB e entrei para o serviço público.

2. Quando começou seu mergulho na literatura?

Escrevo desde os 13 anos. Cheguei em Brasília em 1979, para estudar na UnB. Comecei então a conviver com escritores, participar de recitais e isso me animou mais ainda com a literatura. Com 20 anos publiquei meu primeiro livro, um texto de prosa poética. Hoje tenho seis obras

publicadas sozinha e mais um livro com outros dois autores. O jornalismo era o curso que ia me fazer escrever sempre, então optei porque era mais fácil pra mim, depois de ter feito Letras e perceber que, com o curso, só poderia ser professora, e isso eu não queria. Mas no jornalismo, o que eu gosto mesmo é edição: mexer no texto, melhorá-lo, esse contato direto com a palavra.

3. No que o jornalismo ajuda a literatura? No que atrapalha?

O jornalista aprofunda muito a visão do país, tanto a econômica, quanto a política. Você tem que ler para saber o que aconteceu. É muito bom ser jornalista para ser escritor, por isso quase todos os escritores passaram pelos jornais, mesmo que só como colaboradores. Porque é interessante para o escritor ser jornalista: ele não vai achar difícil lidar com a palavra, porque é coisa que já faz. O mais difícil para um repórter não é a apuração, é escrever. Então é uma coisa que jornalista tem que gostar de fazer.

4. Que avaliação você faz do mercado editorial do DF?

O mercado editorial para poetas que não são famosos não existe. O Nicolas Behr, que está no cenário do DF há 50 anos, por exemplo, só foi conseguir uma editora agora, depois de uma longa estrada. O escritor se alimenta do leitor e quando não chega a ele, fica difícil. É uma barreira enorme. Mas hoje estamos no mundo da internet – o que facilita muito. Tanto que vou lançar meu sétimo livro num blog. (www.poesiaemtemporeal.com) . Vou escrever um texto todo dia e o internauta também vai poder ver como é o processo poético. Quero que, pelo blog, os leitores se descubram escritores.

ANEXO 4

ENTREVISTA ANDERSON BRAGA HORTA

- Realizada pessoalmente, no dia 29.08.08, na casa do entrevistado no Lago Sul, às 11h.

Nome completo: Anderson Braga Horta

Nascimento: 17 de novembro de 1934, em Carangola (MG)

Em Brasília desde: 12 de julho de 1960

Bibliografia: Publicou *O Horizonte e as Setas* (contos, em colaboração, pela Horizonte, em 1967) e os seguintes livros de poesia: *Altiplano e Outros Poemas* (Ebrasa, Brasília, 1971), *Marvário* (Clube de Poesia de Brasília, 1976), *Incomunicação* (Comunicação, Belo Horizonte, 1977), *Exercícios de Homem* (Comitê de Imprensa do Senado, 1978), *Cronoscópio* (Civilização Brasileira, Rio, 1983), *O Cordeiro e a Nuvem* (Thesaurus, 1984), *O Pássaro no Aquário* (André Quicé, Brasília, 1990), *Dos Sonetos na Corda de Sol* (Guararapes, 1999), *Pulso* (Barcarola, S. Paulo, 2000), *Quarteto Arcaico* (Guararapes, Jabotão, 2000), *Fragmentos da Paixão* (Massao Ohno, S. Paulo, 2000), *Antologia Pessoal* (Thesaurus, 2001), *50 Poemas Escolhidos pelo Autor* (Galo Branco, Rio, 2003). Publicou ainda, pela Thesaurus, com apoio do FAC, *A Aventura Espiritual de Álvares de Azevedo: Estudo e Antologia* (2002), *Sob o Signo da Poesia: Literatura em Brasília* (2003), *Traduzir Poesia* (2004) e *Testemunho & Participação: Ensaio e Crítica Literária* (2005).

- **Breve perfil (retirado do *Dicionário de Escritores de Brasília*, de Napoleão Valadares)**
Filho dos escritores Anderson de Araújo Horta e Maria Braga Horta. Diplomado em Direito. Veio para Brasília em 1960. Professor, jornalista, funcionário público, diretor legislativo da Câmara dos Deputados. Colaborou em periódicos. Detentor dos prêmios literários Antônio Botto, 1959, Ipase; Clube de poesia de Campos, 1960; Canção do mar, 1960, Diário de Notícias; Revista do Funcionário Público, 1961; Nacional de Poesia, 1964; Olavo Bilac, 1964 e 1966, pela Secretaria de Educação e Cultura da Guanabara; Alphonsus de Guimaraens, 1966, na Academia Mineira de Letras; Machado de Assis, 1966, Guanabara; Fernando Chinaglia II, 1969, UBE/RJ, Lupe Cotrim Garaude, 1978, UBE/SP; Jabuti, 2001. Pertence à Associação Nacional de Escritores, à Academia Brasiliense de Letras, à Academia de Letras do Brasil, à União Brasileira de Escritores/SP e ao Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

PERGUNTAS

1. Você já tem cerca de 50 livros publicados. É fácil publicar aqui no DF?

Pelo contrário, é sempre difícil. Eu geralmente publico com o auxílio do Fundo de Apoio a Cultura do DF (FAC-DF) porque as editoras daqui não são grandes e dificilmente bancam o livro de um autor. Em geral, o escritor é quem paga a edição.

2. Como você se tornou jornalista e como se tornou escritor?

Eu entrei para a Câmara dos Deputados em 1957, no Rio de Janeiro, como datilógrafo. Dois anos depois, fui trabalhar no jornal O Globo. Vim para Brasília em 1960 e continuei no Globo, como copydesk, e na Câmara, como redator. Aí chegou uma hora que tive que escolher entre um ou outro. E não dava para optar pelo jornalismo, porque o que eu ganhava bem mais na Câmara. Por isso, depois da experiência em mais dois ou três jornais, larguei o jornalismo. Agora, a minha história com a literatura é mais antiga. Comecei a escrever em Biopoldina – MG, aos 15 anos. E em 1971 publiquei meu primeiro livro, quando tinha 37 anos.

3. Então você já veio escritor pra Brasília?

Sim. Quando cheguei na cidade, já tinha uma obra poética e contista em andamento. Também já havia publicado alguns textos nos suplementos literários do Rio de Janeiro e participei de algumas antologias. Aqui, eu tive contato com outros escritores recém-chegados, como o Almeida Fischer e o Joanyr de Oliveira, para mim, os primeiros nomes da literatura brasiliense. Foi essa geração que ajudou a construir a literatura daqui.

4. E você tem uma temática central nos seus textos? Sobre o que você escreve?

Eu acho que tudo é vivência e o escritor pode colocar todo tipo de experiência no texto. Eu acho que tenho uns cinco poemas sobre Brasília. Mas, uma vez, o poeta Domingos Carvalho da Silva, que foi professor da UnB, me disse que eu escrevia sobre tudo e, por isso, minha temática era muito ampla, sem unidade. Eu achei que ele disse isso num tom de crítica e elogio. Tenho temática variada mesmo, mas meu foco fundamental, como em toda literatura, acaba sendo a vida e a morte, o amor e a guerra.

5. Foi conflituoso conciliar a literatura e o jornalismo?

Acho que foi mais um conflito entre jornalismo e serviço público. Ficou difícil conciliar as duas coisas, a compatibilidade de horários ficou complicada. Eu aprendi muito na época que estive no jornal, coisas válidas para toda a vida. Uma delas foi ser mais direto e econômico na escrita – esse que é o preceito básico do jornalismo e também da literatura moderna. Essa postura de “escrever é cortar palavras” ajuda muito na literatura.

6. Mas você acha que, hoje em dia, dá para conciliar as duas atividades?

O jornalista que tem que trabalhar diariamente para o jornal tem o problema de tempo e de paciência para escrever de novo quando chegar em casa – agora, sem a pressão do chefe. Mas aquele jornalista que tem coluna em jornal, que se dedica mais a pautas literárias ou culturais, esse sim consegue tempo e jeito para escrever em casa. E, geralmente, o escritor atua mais em colunas de jornais. Temos vários exemplos de escritores que foram jornalistas, por isso não vejo incompatibilidade entre as duas áreas. São coisas diferentes, é verdade, mas escrever para jornal pode ou não ser diferente do que escrever literatura. Os cronistas estão aí para provar que isso é possível.

7. No que você acha que o jornalismo ajuda a literatura e no que atrapalha?

O trabalho no jornal ajuda a divulgar e projetar o autor. Drummond e Bandeira foram grandes poetas, mas o que eles mais vendiam eram crônicas, que implicam num contato diário ou semanal com o público. Isso dá mais visibilidade ao escritor. Com o Carlos Heitor Cony foi a mesma coisa: a projeção veio reforçada pelo jornal. Mas a literatura hoje está muito diversificada. Com a internet, então, fica mais fácil dar publicidade ao trabalho literário. E isso é bom, porque o jornalismo e a tecnologia permitem que mais gente publique literatura. Com tanta diversidade, os

que se destacam são minoria. Mas, quanto maior o número de gente se dedicando às palavras, mais chance de aparecer um grande nome por aí.

8. Você acha que a literatura tem espaço na mídia do DF hoje?

Não acho. E isso é um problema no Brasil e no mundo. Em 1960, os jornais mantinham grandes suplementos literários. Hoje o Estadão e a Folha de S. Paulo também tem seus cadernos, mas não são suplementos literários, são culturais. E a literatura quase não aparece neles, a não ser na coluna dos mais vendidos. E quando ela é o tema dessas publicações, aparece como segunda pessoa, porque as matérias são sobre literatura, não são páginas com contos, poemas e ensaios de autores. E o livro estrangeiro domina mais o espaço literário que o nacional. Não é como antigamente.

9. Você e outros entrevistados só conseguiram mais tempo para a literatura depois de ir para o serviço público. Acha que tem uma relação entre as duas áreas?

Não sei se a pessoa procura o serviço público para se dedicar a literatura. Acho que é mais uma coisa de oportunidades. Eu trabalhei numa empresa de seguros, ganhando um salário mínimo, quando era estudante de Direito, por exemplo. Aí foram aparecendo os concursos e eu terminei na Câmara dos Deputados. Mas eu poderia ter tentado outra coisa, acho que isso não ia me impedir de ser escritor. Mas quem se dedica à literatura, sempre vai ter que fazer outra coisa paralelamente, porque não dá para viver só disso no Brasil.

ANEXO 5

ENTREVISTA ANGÉLICA TORRES

- Realizada por e-mail, no dia 29.09.08

Nome completo: Maria Angélica Torres Lima

Nascimento: 27 de fevereiro de 1952, em Ipameri (GO)

Em Brasília desde: 1965

Bibliografia: Publicou *Sindicato de Estudantes* (1986), pelo qual recebeu o Prêmio Mário Quintana de Poesia, do Sindicato dos Escritores de Brasília, e *Solares* (poesias, 1988), com o grupo Bric a Brac. É autora do texto *Koikwa, Um Buraco no Céu* (Editora UnB, 1999) e dos livros de poesia *Paleolítica* (Brasília: Alô Comunicação, 1999) e *O Poema quer ser Útil* (Editora LGE, 2006).

- Breve perfil (escrito pela autora)

Vim com a família para Brasília em 1965. Vivi em Nova York e São Francisco (USA) o ano de 1973 inteiro; de 74 a 78 vivi no Rio, onde me casei, tive meus filhos, me separei e voltei para Brasília em 79; de lá pra cá, não saí mais daqui.

Comecei faculdade de arquitetura na UnB em 71, interrompi ao ir pro exterior, onde atuei em teatro e ao voltar pro Brasil, comecei faculdade no ramo, no Rio (UniRio); interrompi ao me separar e voltar pra Brasília, onde terminei jornalismo na UnB.

Trabalhei em vários jornais como repórter de cultura, na maioria. Mas sempre editei jornais, revistas, livros, simultânea ou intercaladamente com a reportagem, porque fiz uma pós lato sensu em edição de publicações e livros, em Madison, Wisconsin (EUA), em 88, e me firmei na área.

O exercício da poesia começou como letra de música, aos 13 anos, quando eu tocava violão e sonhava ter uma banda feminina no estilo Beatles... mas a influência era da MPB dos festivais da canção, de onde saíram Chico, Gil, Caetano, Edu Lobo, Vandrê etc.. só virou poesia mesmo, sem melodia, quando fui viver nos E.U. e não levei o violão..

Ao longo da infância dos meus filhos escrevi muitos poemas e fui guardando, até o momento em que decidi publicar, no início dos anos 80, e que coincidiu com o auge do movimento Cabeças, que reunia entre outros Turiba, Nicolas Behr, João Borges, Luiz Martins, Malu Verdi. Eu não era exatamente da turma - era mais veterana, procedia de uma rapaziada da Brasília cultural dos anos 60 -, mas fiz estrada na literatura ao lado desses novos amigos dos anos 70-80 e desde então publicando poesia em revistas e livros mesmo.

PERGUNTAS

1. Você acha que hoje em dia dá para ser jornalista e escritor ao mesmo tempo?

Acho que dá pra se fazer duas ou mais coisas ao mesmo tempo em qualquer época e lugar, desde que se tenha a inquietação, um chamado interior pra isso, mas também disciplina, que sem ela não se realiza coisa alguma.

2. Você convive (ou convivia) bem com essa realidade de jornalista e de escritor ou havia conflitos entre as duas partes?

Conflito, nenhum. O que havia era falta de tempo pra me dedicar à poesia como eu gostaria, porque criei meus filhos praticamente sozinha, e me dividir entre tantas atividades, obrigações e responsabilidades era muito penoso e desgastante. Mas escrever sempre foi vital pra mim...

3. Como você vê a literatura no DF hoje? Há espaço? Há reconhecimento do trabalho do escritor local na mídia da cidade? Há projeção nacional dos autores? E o mercado editorial?

Acho que começa sim a ter espaço pra quem vem atuando na área há algumas décadas, e este tem sido um ano especialmente pródigo. A mídia local valoriza o escritor brasiliense na medida do espaço que ela dispõe para a literatura, e que é cada vez menor, mas percebo que há uma atenção, sim, de certo modo. Projeção nacional claro que não há ainda de fato para nenhum escritor brasiliense, mas aqui e ali um e outro vão se destacando, como o Nicolas, o Eudoro Augusto; o processo é de uma lenta e obstinada construção. O mercado editorial a meu ver ultimamente deve-se sobretudo ao FAC (Fundo de Apoio à Cultura, da Secretaria de Cultura/DF), porque conseguir publicar financiado por editoras, ou se bancando, quem consegue?

4. No que a literatura pode ajudar o jornalismo e vice-versa? E no que atrapalha?

Não há atrapalho entre os dois. Há enriquecimento, sempre, porque ambos lidam com a linguagem, a comunicação, a expressão. Tanto numa como no outro busca-se o contato e o entendimento. Tecnicamente, o exercício de ambos acaba sendo complementar na prática. Agora, uma exige tempo, dedicação rigorosa, entrega total se possível; já o outro convive com o drama do tempo escasso, a entrega imediata (do texto)... ainda assim, e talvez por essa diferença estrutural entre as duas atividades, ambas se favorecem.

5. Que conselho você daria para um jovem jornalista que tem pretensão de ser escritor no DF?

Que seja obstinado, e que mantenha uma disciplina de trabalho. Mas conselho não vale pra isso. O sujeito vira escritor por alguma força maior que o move nessa direção.

ANEXO 6

ENTREVISTA ARIOSTO TEIXEIRA

- Realizada pessoalmente no dia 09.09.08, na redação do Estadão em Brasília, às 17h30.

Nome completo: Ariosto Alberto Paz Teixeira

Nascimento: 2 de setembro de 1953, em Santana do Livramento (RS)

Em Brasília desde: 1978

Bibliografia:

- *Poemas do front civil* (Rio de Janeiro, 2006)

- **Breve perfil (retirado do Dicionários dos Escritores de Brasília, de Napoleão Valadares)**

Diplomado em Jornalismo. Veio para Brasília em 1978. Artesão, músico, ator, diretor de teatro, repórter, editor de jornal, consultor e cientista político. É colunista da *Agência Estado* e analista político de *O Estado de S. Paulo*. É autor do ensaio “A judicialização da Política no Brasil”. Filiado ao Sindicato dos Escritores do Distrito Federal. Participou das coletâneas *Candieiro*, 1976, Santa Maria/RS; *Há vagas*, 1980, Brasília; *Poemas*, 1990, SEDF.

PERGUNTAS

1. Como você se tornou jornalista e como virou escritor?

Querer ser jornalista foi um sentimento muito precoce em mim. Nasci em 1953 e, em 1967, com 14 anos, já acompanhava a cobertura que os repórteres faziam da Guerra dos seis dias em Israel pelo rádio do RS (sou gaúcho). Eu ouvia os zumbidos das guerras e dizia – isso é o que eu quero ser, quero ir pra guerra, quero ser repórter. O primeiro passo pra isso foi justamente o contrário do que eu deveria fazer: entrei para uma banda de rock em 1969. Mas eu que queria fazer as letras da banda, um cover do Santana e do Led Zeppelin. Essa coisa de montar banda virou um boom na década de 60 lá em Bagé, minha cidade. Mas eu fiquei conhecido mesmo foi com meu grupo de teatro, que é lembrado até hoje. Quando meu amigo escreveu nossa primeira peça, eu fiquei louco. Também queria escrever.

2. E você acha que ter estudado jornalismo foi bom para a sua literatura?

Fiz o curso porque achava que isso me daria disciplina suficiente para ter foco e ficar horas numa máquina de escrever produzindo vários textos, coisa que, naquela época, jovens como eu não tinham paciência. E eu era meio hippie também. Fazia artesanatos e viajava pela América Latina com amigos. Quando cheguei na universidade, underground e reacionário, da cultura pop, encontrei a turma revolucionária. Aí entrei no movimento estudantil, comecei a querer escrever contos, inspirado por um amigo do movimento revolucionário. Ele era genial. Todos da turma tinham pretensão de ser escritor e criamos um grupo de jornalismo para escrever ficção.

Publicamos textos em antologias, contos e poemas nos jornais da cidade. Por conta desse contato, me ajudou sim. Mas a verdade é que no curso eu senti falta de grandes mestres. Então eu parei um pouco de escrever porque queria ler mais, sempre com o objetivo de virar escritor, mas sempre envolvido com o jornalismo também.

3. Você lembra do primeiro livro que comprou e do primeiro que escreveu?

Ah, o primeiro livro que comprei foi Guerra e Paz. E meu primeiro livro de poemas eu fiz aos 13 anos, em um caderno. Lembro que meu amigo leu todos, achou o máximo e levou pra irmã dele ver. E ela foi minha primeira crítica: disse que os textos eram bons, mas que eu precisava tomar cuidado com o “mal do século” (pessimismo).

4. Você chegou em Brasília mais jornalista ou mais escritor?

Eu vim para Brasília em 1978. Trabalhava no jornal Correio do Povo, de Santa Maria, e fui chamado para a Gazeta Mercantil, aqui na capital. No início, eu tive mais contato com o rock do que com jornalismo ou literatura. Nessa época a gente promovia o “concerto cabeça”, uma manifestação mensal dos artistas da cidade. E ali tinha de tudo: pintores, artistas, palco, poemas no varal. Foi aí que eu conheci o Nicolas Behr, o Néio Lucio, o Turiba. Era a efervescência na cidade. Com o tempo, passei a escrever poemas em casa com frequência, de amor, de todo tipo. Nesses anos de ditadura, o jornalista trabalhava, mas não muito, porque o expediente no Palácio do Planalto, com o General Geisel, terminava sempre às 18h. Então a gente não ficava até mais tarde na redação e tinha mais tempo para pensar a literatura. E mesmo nessa época de ditadura, festas e rocks, nunca deixei de ser um leitor compulsivo.

5. O seu último livro, *Poemas do front civil*, parece bem autobiográfico, uma perspectiva de lembranças e projeções. Foi essa a idéia mesmo?

Em 2003 eu passei por um transplante de fígado. E depois disso, de quase morrer, a vida passou na minha cabeça como um filme. Revivi os cheiros, as vozes, as cores de todas as épocas. Essa experiência introspectiva e essa viagem na memória me levou a escrever compulsivamente, sobre todas as coisas, o que depois foi transformado no livro. Publicar poema, eu sei, é como sair nu na rua, porque você se expõe muito, expõe suas realidades.

6. Que panorama você faz da literatura brasiliense hoje?

Eu acho que tem muita gente escrevendo em Brasília. Gente boa e gente ruim. Autores com experiência, com idéias novas, gente patinando, gente desistindo. Não é de escritores que a literatura brasiliense tem carência, é de grandes escritores. E falta em Brasília a ebulição literária que São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Curitiba vivem. Lá existem oficinas literárias, gente estudando para ser escritor. Literatura nesses locais é profissão, tem regras, ensinamento de técnicas que já existem e o autor não precisa aprender sozinho. Hoje ainda tem muita gente, principalmente em Brasília, que acha que poesia é excesso de informalidade, é simplesmente jogar as palavras no papel. Não é. Drummond tinha métrica e dominava a linguagem poética apesar dos versos livres. Existe hoje uma certa negligência com a forma. As pessoas precisam entender que é preciso dominar a forma para escrever uma boa poesia. O verso é livre, mas só é livre para se expressar de forma correta, com ritmo, conteúdo. O poema tem uma formalidade e exige concentração de informação em poucas palavras. Alguns autores da literatura brasiliense conseguem isso, mas ainda precisamos buscar mais qualidade nos textos.

7. Você acha que conciliar jornalismo e literatura é possível ou são duas atividades conflituosas?

Muito jornalista usa essa coisa de conflito como desculpa. É possível sim juntar as duas coisas. O que não é possível é viver de literatura. Vendem-se muitos livros no Brasil e as editoras também lucram muito, mas é porque compram os direitos autorais dos bons escritores estrangeiros. Literatura tem que ser sinônimo de começo, meio e fim. E isso às vezes falta no romance brasileiro. Somos muito influenciados pelo experimentalismo francês e fazemos isso de forma muito preguiçosa. É por isso que muitos escritores dizem que, se tivessem que pesquisar para escrever, jamais escreveriam. Mas a pesquisa é essencial. Os best-sellers são baseados em pesquisas.

8. E você acha que o jornalismo ajuda o escritor nessa parte de pesquisa?

Ajuda. Um exemplo que comprova isso é o do escritor português Miguel de Souza Tavares. Ele é jornalista e escreveu Equador, um livro histórico. Ele gastou muito mais tempo pesquisando para fazer o livro do que para escrever propriamente. Vendeu muito no Brasil, claro, porque tem pesquisa, tem história clara, com começo, meio e fim. Érico Veríssimo era um contador de histórias. Jorge Amado também. Por isso continuam a vender. Depois de Jorge Amado, aliás, faz tempo que não temos um grande poeta ou um grande romancista de renome nacional.

9. Você já tentou escrever romances ou sempre foi um poeta por excelência?

Meu objetivo sempre foi escrever romance. Mas o conto e a poesia eram mais curtos e mais rápidos. Na vida de jornalista e, na década de 80, com a vida social intensa, a poesia era a minha opção mais preguiçosa. Mas hoje está acontecendo muita coisa “chapa branca”, com muito oba-oba em torno da poesia, patrocínio do Estado, cooptação. É como se toda geração rebelde tivesse se integrado ao governo, como se tivessem chegado ao poder com o Lula. Não é verdade, não chegamos ao paraíso. Não fizemos revolução nenhuma. E essa poesia, essa literatura chapa branca, vai nos levar aonde? A Bienal de Poesia em Brasília foi um evento de poesia oficial, no Museu, na Biblioteca, feita com o governo. Não teve grande novidade, porque é chapa branca... De qualquer forma, voltando aos romances, acho que foi bom não ter escrito nenhum antes.

10. O jornalismo seria uma forma de fugir dessa literatura chapa branca?

Não sei... Gosto do jornalismo, vou ser repórter a vida toda. Mas, para mim, a poesia e a literatura são coisas subversivas. Não acho que nenhum Estado mereça adesão incondicional, como a que acontece hoje. Cooptaram até o Gilberto Gil!

ANEXO 7

ENTREVISTA CARLA ANDRADE

- Realizada pessoalmente, no dia 11.09.08, na casa da entrevistada no Sudoeste, às 19h.

Nome completo: Carla Andrade Bonifácio Gomes

Nascimento: 1977, em Belo Horizonte (MG)

Em Brasília desde: 2001

Bibliografia:

- *Conjugação de pingos de chuva* (Brasília: LGE, 2007)

- Breve perfil (retirado do livro da autora)

É mineira de Belo Horizonte. Mora em Brasília há sete anos, onde trabalha como jornalista e é poeta em tempo integral. Alguns de seus poemas foram premiados em concursos em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. O caderno *Pensar* do jornal *Correio Braziliense* já publicou seis de suas poesias.

PERGUNTAS

1. Quando se tornou jornalista e escritora?

Acho que comecei a querer ser poeta aos 14 anos, motivada pelos elogios dos professores às minhas redações. Escrevi uma poesia e mostrei para um deles, que me fez ler na sala para todo mundo. Eu era muito tímida. Com o tempo, fui participando de concursos e ganhei prêmios de poesia no RJ, em SP e BH. Depois eu quis ser escritora, mas não tem curso de graduação para escritor, por isso fui para o jornalismo. Decidi pelo curso por gostar de contar histórias, mesmo ciente de que minha poesia pode ser forte, mas meus contos não são bons.

Eu me formei em 1998 na PUC e morei um ano nos Estados Unidos. Lá eu gostava muito de escrever, porque era tudo novo. Vim para Brasília em 2000, porque sou muito ansiosa e não consegui emprego em BH no meu um mês de procura. Fiquei um ano no Jornal de Brasília, um tempo no Comunidade Solidária, na Associação dos Magistrados Brasileiros. Até que resolvi estudar e passei no concurso da Anac, para jornalista. Hoje o meu projeto é priorizar a poesia.

2. E dá para conciliar as duas coisas?

Ser jornalista e poeta, conciliando a literatura com o trabalho em redação, é muito difícil. Acho que crio mais quando tenho mais tempo. Não sou o tipo de pessoa que gosta muito de pressão. Gosto de ir ao teatro, ao cinema, a uma exposição de arte. Isso me inspira a escrever depois. Gosto mais de ficção, das coisas subjetivas. Como jornalista, sempre tive que me segurar, porque dava uma vontade de mudar as aspas dos entrevistados, deixá-las mais poéticas, mais literárias.

Acho que por isso sempre gostei de textos para revista, que te permitem isso, aquele nariz de cera enorme.

3. Que panorama você faz da literatura brasiliense?

Eu acho que a poesia em Brasília e no Brasil não está valorizada ainda. Ferreira Gullar, que é conhecido nacionalmente, vendeu 4 mil exemplares. Ser jornalista é bom porque você faz a sua assessoria de imprensa, tem contatos, organiza o lançamento, divulga o seu livro. Mas, mesmo assim, a poesia é muito fraca no Brasil. A própria Bienal de Poesia que a capital fez esse ano teve uma cobertura fraquíssima. As pessoas acham que poesia não vende. Mas é porque elas querem ler aquilo e entender. Poesia não é para ser entendida, é para ser sentida.

4. Como você avalia a sua poesia?

Acho que a minha poesia é mais reflexiva e imagética e menos política e social como a de outros jornalistas escritores porque sou de uma geração diferente da deles. Não vivi a ditadura, a reabertura política. Sou da década de 80, 90. Busco mais estética, mais filosofia que consciência política.

5. Como é o seu processo de criação?

Gosto de escrever a noite e raramente sento e escrevo uma coisa de uma vez. Como são poesias mais ligadas a imagens, os versos vêm aos poucos, as idéias também. São imagens que vejo e passo para o papel, imagens que vem a noite, por exemplo, frases soltas que depois viram poemas.

6. Como você avalia o mercado editorial do DF?

Lancei meu livro com ajuda do FAC-DF. Consegui R\$ 6 mil para lançar a obra, editada pela LGE. Sou muito ansiosa e estava naquela de que ninguém vai em lançamento de poesia. Mas até que consegui público. Depois disso comecei a ser chamada para saraus, toquei com Anand Rao e foi muito legal. O melhor da poesia é poder conviver com mais poetas, estar nesse círculo, compartilhar recitais, saraus, parcerias. Se eu sair de Brasília, esse vai ser meu maior pesar, porque não vou ter mais essa companhia, essa roda poética perto de mim.

7. Que conselho você daria para um jovem jornalista que quer ser escritor?

Pra quem quer ser jornalista e escritor, recomendo que tente conciliar ao máximo as duas coisas. Fazer crônicas diárias, observar tudo, escrever em casa as histórias que começaram na rua e poderiam virar ficção. Eu acho que dá pra conciliar sim, se a pessoa gostar mesmo de escrever e tentar fazer disso um exercício diário. Porque tem dias que a gente fica triste, porque não consegue escrever, não tem o que falar. Mas isso é fase. Quando a gente tem algo dentro, vai ter que colocar no papel em algum momento, porque incomoda, é uma idéia fixa. O que a gente não pode é pensar muito no lado financeiro, porque se fosse assim, ninguém viraria escritor no Brasil. A literatura tem que ser encarada como um hobby, uma realização pessoal.

ANEXO 8

ENTREVISTA CLARA ARREGUY

- Realizada por telefone, no dia 25.09.08

Nome completo: Maria Clara Arreguy Maia

Nascimento: 25 de outubro de 1959, em Belo Horizonte (MG)

Em Brasília desde: 2004

Bibliografia:

- *Segunda divisão* (Lamparina, 2005);

- *Fafich* (Coleção BH – A cidade de cada um. Conceito Editorial, 2005).

Site: www.clara-arreguy.com

- Breve perfil (síntese das informações do site da autora):

Entrou para o Curso de Comunicação Social da UFMG em 1978, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (a Fafich, sobre a qual viria a escrever um livro de memórias da experiência no movimento estudantil). Em 1984 foi aprovada no concurso público da Caixa Econômica Federal, onde trabalhou como bancaria até 1986. Também atuou em assessorias de imprensa e como repórter do Estado de Minas (nas editorias de Agropecuária e, depois, de Cultura), além de fazer matérias como free lancer para diversos veículos de comunicação. A convite do Correio Braziliense, mudou-se para Brasília em 2004 para assumir o cargo de editora de Cultura. Em 2006, participou, ao lado de escritores de peso nacional, da coletânea "Todas as gerações – O conto brasiliense contemporâneo" (LGE Editora), organizada por Ronaldo Cagiano. Em 2007, começou os originais de "Memórias para esquecer" e "Tempo seco", respectivamente novo volume de memórias e novela de ficção, a serem lançados em 2008.

PERGUNTAS

1. Você acha que dá para conciliar jornalismo e literatura no dia-a-dia?

Dá, mas uma das atividades sempre fica em segundo plano. No meu caso, é a literatura que sai perdendo, porque o jornalismo me ocupa a maior parte do tempo. As duas áreas exigem tempo e energia e nem sempre eu chego disposta da redação. Na maioria das vezes estou cansada e não consigo escrever. É uma harmonia difícil de conciliar. Eu sou um caso de disciplina e indisciplina nesse ponto. Porque, quando estou em processo de produção literária, estipulo uma rotina bem disciplinada para escrever, senão, não sai. Meu último livro, por exemplo, eu escrevi nas férias de 2007. Comecei o romance, dei uma evoluída no tempo que estive fora do jornalismo. Quando

voltei para o Correio Braziliense, tive que me focar e me disciplinar para continuar no livro, senão ele empacava. Mas assim que eu terminei ele, voltei para a indisciplina de novo.

2. Você está com algum livro em produção no momento?

Agora eu estou mais envolvida com o processo de edição e publicação. Esse novo livro que comecei em 2007 é um romance, chamado Tempo Seco. Ele foi aprovado pelo FAC, então agora eu tenho verba para publicá-lo. Mas ele deve ser lançado só em 2009.

3. Aproveitando que você está nessa fase de publicação, qual sua avaliação do mercado editorial no DF?

Publicar é sempre o mais difícil. Eu gosto muito de editar, mexer no texto. Se fosse por mim, eu mesma fazia a edição do romance. Mas para ter acesso ao mercado, não adianta querer fazer uma produção independente. O escritor precisa da editora para se inserir no mercado, ter uma distribuição. Só assim para chegar naquele leitor que ainda não conhece o seu trabalho.

4. E do que fala esse novo romance? Do que você fala, aliás, nos seus textos?

Eu gosto de escrever de tudo, não tenho um assunto preferido. O Tempo Seco é uma história de amor, mas fala de política também, de Brasília, de seca, de personagem que chega na capital e estranha a cidade quando chega, como foi comigo quando vim de BH pra cá.

5. No que o jornalismo ajuda a literatura e vice-versa? No que atrapalha?

Uma das vantagens do jornalismo é o exercício constante da escrita. Embora eu seja editora do Caderno de Cultura do Correio Braziliense, sempre escrevo críticas, resenhas de livros ou discos e entrevistas. Escrever traz agilidade, te dá recursos

ANEXO 9

ENTREVISTA DANILO GOMES

- **Realizada por manuscrito (após as perguntas terem sido enviadas por e-mail), no dia 04.11.08**

Nome completo: Danilo Carlos Gomes

Nascimento: 30 de dezembro de 1942, em Mariana (MG)

Em Brasília desde: 1975

Bibliografia:

- *Uma rua chamada Ouvidor* (Fundação Rio, 1980)
- *Água do Catete* (Editora Cátedra – INL, Rio, 1984)
- *Antigos cafés do Rio de Janeiro* (Kosmos, Rio, 1989)
- *Em torno de Rubem Braga* (Gráfica Valci, Brasília, 1991)

- Breve perfil (informado pelo autor)

Estudou em Cachoeira do Campo, Ouro Preto e Belo Horizonte. É formado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Chegou em Brasília em 1975, onde fez o curso de Jornalismo, no Ceub. Publica desde 1961 textos em vários jornais e periódicos, entre eles Estado de Minas; Jornal do Commercio, do Rio; Jornal do Brasil; Correio do Povo, de Porto Alegre; A Tarde, de Salvador; Hoje em Dia, de Belo Horizonte; Correio Braziliense e O Popular, de Goiânia. É membro da Academia Mineira de Letras e de várias agremiações lítero-culturais. Também foi presidente da Associação Nacional de Escritores (ANE), sediada em Brasília.

PERGUNTAS

1. Você acha que hoje em dia dá para ser jornalista e escritor ao mesmo tempo?

Sim, hoje, como sempre, é possível ser jornalista e escritor ao mesmo tempo. Uma coisa como que completa a outra, se interagem muito bem. Temos centenas de exemplos atualmente. No fundo, trata-se de escrever, que é um dom que se desenvolve. Grandes jornalistas costumam ser grandes escritores, a começar pelo cronista, contista, poeta e romancista Machado de Assis, nosso ícone, nosso mestre, orgulho do povo brasileiro.

2. Você convive (ou convivia) bem com essa realidade de jornalista e de escritor ou havia conflitos entre as duas partes?

Sempre convivi muito bem, desde 1961, em Belo Horizonte, com as duas atividades. Tentei me aperfeiçoar nas duas atividades paralelas, trabalhando, estudando, aprendendo com os mestres,

como os esquecidos José Amádio e José Alberto Gueiros, Rubem Braga e Rachel de Queiroz (esses dois últimos eu conheci pessoalmente e entrevistei Rubem Braga aqui em Brasília, no Hotel Torre, em 1986).

Conflitos jamais tive, como lhe disse, meu instrumento é a escrita, passei a vida escrevendo – e comecei escrevendo cartas para a nossa empregada Maria Augusta, a saudosa “Baía” (que era mineira), lá em Mariana (MG), quando eu tinha 8, 9 anos de idade. Foi meu primeiro treinamento. Até hoje gosto de escrever cartas, não via e-mail, mas via Correios, com selo, carimbo, CEP e tudo. O Otto Lara Rezende, jornalista e escritor (que prefaciou meu livrinho *Em Torno de Rubem Braga*, 1991), escreveu tantas cartas – até pra mim – que, quando morreu, virou selo dos Correios. Foi no governo Itamar Franco, por sugestão do jornalista e escritor Pedro Rogério Moreira, mineiro, que mora em Brasília. E o selo do Otto ficou muito bom.

3. Como você vê a literatura no DF hoje? Há espaço? Há reconhecimento do trabalho do escritor local na mídia da cidade? Há projeção nacional dos autores? E o mercado editorial?

No DF temos ótimos escritores. A maioria veio de outros estados. A imprensa local não dá muita “bola” para os escritores que aqui moram. Digo isto de modo geral. Uma exceção é o caderno *Brasília*, editado por Marcel de Brot, mineiro de BH, jornalista e escritor. O caderno *Brasília* (que faz parte do jornal mineiro *Hoje em Dia*) recentemente entrevistou os poetas Wilson Pereira e Anderson Braga Horta e dará destaque a outros escritores nossos. Nosso mercado editorial tem melhorado bastante, caso das editoras Thesaurus e LGE.

4. No que a literatura pode ajudar o jornalismo e vice-versa? E no que atrapalha?

Como eu disse, jornalismo e literatura se complementam. Quem gosta mesmo de escrever sabe disso. O ideal é buscar e aperfeiçoar um modo peculiar de ser escritor e até jornalista, sem que isso comprometa a informação jornalística. O jornalista, quando escreve apenas como escritor, como criador de um texto literário, tem que buscar o melhor, ter estilo, elegância, uma pitada de humor, outra de lirismo, outra até de indignação e protesto – se for o caso. Uma hora sou jornalista, outra hora tento ser escritor, escrevendo contos como *As oito renas*, *Daphne* e *Peggy*. E alguns pobres poemas. Mas o que gosto mesmo de escrever é crônica. Gênero ou espécie, a crônica é meu território de lirismo, de humor, de protesto, de política. Sou, visceralmente, um cronista. Modesto, mediano, mas cronista. Os cronistas são meus confrades, meus irmãos. Esses dias perdemos em São Paulo um dos melhores: Lourenço Diaféria.

5. Quais são os assuntos mais presentes na sua literatura? Como é seu processo de criação?

São os assuntos do dia-a-dia, os temas miúdos, curiosos e cheios de humanidade, que o cronista encontra no cotidiano. O Brasil é o país dos bons cronistas, alguns excelentes, antológicos. Há péssimos romances, contos de qualidade zero, como há crônicas primorosas, dignas de antologias muito seletivas. A crônica não é “gênero menor” ou “espécie menor”. O que há são bons e maus escritores. Ninguém troca uma boa crônica de Paulo Mendes Campos, Ana Miranda, Aglaia Sousa ou Cecília Meireles e Rachel de Queiroz por um romance, cheio de frases repolhudas e estilo oratório ou gongórico. Não consegui ler o romance *O dia da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura. É um livro intragável. Prefiro uma boa crônica do Cony, do Edmilson Caminha, do Fernando Sabino...

Não tenho um “processo de criação”. Isso é coisa dos grandes e badalados autores. Sou um pobre cronista mineiro, um modesto escriba de Mariana, onde nasci há 65 anos. Sento-me e escrevo. Mas gosto de pesquisar, de ler a respeito de alguns temas que abordo. Sou também bastante memorialístico e confessional. Quanto mais velho fico, mais nostálgico me revelo nos meus textos. Sou “antigão”: uso chapéu na rua e bengala em casa, gosto de música barroca, de canto gregoriano (tenho uma alma beneditina), gosto do som de água e do silêncio.

6. Como você vê a nova geração de jornalistas escritores do DF?

Vejo com bons olhos, é claro, a turma nova que chega e que se destaca na imprensa fazendo também literatura. É o caso do Marcelo Abreu, da Conceição Freitas, do Paulo José Cunha e de outros que estão no batente das redações e assessorias de imprensa.

7. Que conselho você daria para um jovem jornalista que tem pretensão de ser escritor no DF?

Não é bem um conselho, é só uma sugestão. Que esse jovem jornalista que quer ser escritor leia, leia e leia muito. Leia os bons autores. Não tenha preguiça de consultar dicionários, ler Dad Squarisi, Márcio Cotrim e outros mestres. Procure escrever sempre e buscar um estilo pessoal, marcante, sedutor, coloquial e clássico ao mesmo tempo. Que seja perfeccionista sem ser neurótico. Que nunca se ache “o tal”. Que procure ser criativo e original, sem cair no ridículo do pieguismo e da busca da “genialidade” a qualquer custo. Cortar palavras e a adjetivação excessiva, sem podar demais e mutilar o texto. No mais, é o tempo. A experiência, a estrada, os cabelos brancos. E ler, sempre, a vida toda: de Guimarães Rosa à bula de remédio, de velhos livros de aventuras aos mais refinados poemas de Manoel de Barros e romances de Marguerite Yourcenar. Ler um bom texto é um sensorial prazer solitário.

ANEXO 10

ENTREVISTA FERNANDO MARQUES

- Realizada por e-mail, no dia 06.10.08

Nome completo: Fernando Marques

Nascimento: outubro de 1958, no Rio de Janeiro (RJ)

Em Brasília desde: 1974

Bibliografia:

- *Retratos de mulher* (poemas; Brasília: Varanda, 2001)

- *Zé* (teatro; São Paulo: Perspectiva, 2003).

Site: www.fernandomarques.art.br

- Breve perfil (retirado do site do autor)

É jornalista, professor universitário, escritor e compositor. Em junho, lançou o livro-disco *Últimos* (teatro; São Paulo: Perspectiva, 2008). É autor das canções do show *Dândis – Andréa Siqueira interpreta F.M.* (Brasília, 2004, 2005). Participou de coletâneas como *Antologia do conto brasileiro* (Projecto, 2004) e *Todas as gerações – o conto brasileiro contemporâneo* (LGE, 2006). Sua peça *Zé*, adaptação em verso do *Woyzeck* de Büchner, foi mostrada em São Paulo, Brasília e Coimbra, Portugal, entre 2003 e 2007. Tem reportagens, artigos ou trabalhos literários publicados nos jornais *Correio Braziliense*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde* e *Rascunho* e em revistas como *Cult*, *Humanidades*, *Vozes e Folhetim*. Na internet, colaborou nos sítios *Máquina do Mundo*, *Bestiario* e *Sonetário Brasileiro*. Coordenou, de 2002 a 2006, o projeto mensal *Literatura em Conjunto*, encontro com escritores realizado no shopping *Conjunto Nacional*, em Brasília. Graduado em *Música/Licenciatura* pela Universidade de Brasília (UnB) e em *Comunicação/Jornalismo* pelo Centro Universitário de Brasília (UniCeub). Mestre em *Literatura Brasileira* pela UnB com o trabalho “*A comicidade da desilusão – o humor nas tragédias cariocas de Nelson Rodrigues*” (1997). Doutor em *Literatura Brasileira* pela UnB com a tese “*‘Com os séculos nos olhos’ – teatro musical e expressão política no Brasil, 1964-1979*” (2006).

PERGUNTAS

1. Você acha que hoje em dia dá para ser jornalista e escritor ao mesmo tempo?

A relação entre jornalismo e literatura é tradicional no Brasil e nos países que mais nos influenciaram, como Portugal e França. Razões evidentes ligam as duas atividades: a da sobrevivência, quando o escritor a financia a si próprio com o trabalho jornalístico, e a da vocação, dado que o ato de escrever relaciona ambas as funções. Cada uma delas corresponde, no entanto, a um tipo diverso de escrita e de atitude mental.

Mas, ao lembrarmos que Machado de Assis e Nelson Rodrigues, entre tantos outros grandes autores, dividiram-se entre literatura e jornalismo, é preciso perceber que noutros tempos, mais do que nos atuais, a imprensa veiculava literatura – não apenas crônicas, mas também romances (os folhetins, isto é, histórias seriadas) e poesia. Hoje, o autor, jornalista ou não, que consegue publicar literatura na imprensa será exceção.

2. Você convive (ou convivia) bem com essa realidade de jornalista e de escritor ou havia conflitos entre as duas partes?

Comecei a escrever em jornal em 1988, críticas teatrais no extinto semanário José. Desde sempre, minha área foi a cultural, e confesso a você que escrever sobre teatro, literatura e música era também uma forma me manter perto dessas artes, nas quais atuo de algum modo.

Seja como for, sempre gostei do trabalho jornalístico. Ocorre que o jornalismo, com a possibilidade que nos dá de pagar as contas e com a efêmera notoriedade que oferece a repórteres e críticos, acaba por nos subornar. Dedicamos muito tempo e energia à obra alheia e, com isso, corremos o risco de não escrever a nossa própria.

Além do mais, o jornalismo exige o exercício da inteligência lógica, a que distingue os críticos: trata-se de analisar, definir, agrupar, escolher. Já a literatura, sem deixar de demandar destreza lógica, trabalha sobretudo com a inteligência analógica, a que distingue os poetas. Existe o risco de o jornalista esterilizar o escritor.

3. Como você vê a literatura no DF hoje? Há espaço? Há reconhecimento do trabalho do escritor local na mídia da cidade? Há projeção nacional dos autores? E o mercado editorial?

Alguns espaços há, como se comprova com a Bienal de Poesia e o Poemação, eventos que, interligados, movimentaram (de fato: movimentaram) um pouco a inação que costuma ser a regra. A Feira do Livro, ao que parece, não teve neste ano a mais feliz de suas edições, mas está consolidada na agenda cultural, ainda que peça gerência mais exigente. Mas falta, na área da cultura, política de governo menos omissa e menos obtusa, o quanto possível ampla e, sobretudo, estável.

Reconhecimento? Algum. O problema já começa, porém, no adjetivo “local”. Não há grandes autores, onde quer que vivam, que se vejam a si mesmos como “locais”. A não ser, talvez, quando a cidade onde moram superou o quadro provinciano, por ter feito a síntese de todo um país ou de todo um continente (nesse caso, não haverá distinção entre ser “local” e ser “nacional” ou “internacional”...).

No plano brasileiro, esse foi e, hoje em menor escala, ainda é o caso do Rio de Janeiro e é o caso de São Paulo. Somos muito dependentes, esta é a verdade, do que se produz nessas duas grandes cidades.

A questão se dá também – principalmente – no plano econômico. Para que houvesse de fato reconhecimento, teria de existir mercado. Temos, somos consumidores de livros, mas não temos um sistema de produção de livros desenvolvido ou estável.

Um sistema literário (tomando o adjetivo "literário" em sentido largo) envolve...

- demanda, isto é, consumidores;
- empresários dispostos a investir no setor;
- editoras;
- profissionais qualificados para trabalhar nelas;
- livrarias atentas ao movimento local;
- consagração de autores nas estantes acadêmicas (não se estudam, salvo exceções, escritores brasilienses... em Brasília);
- jornais que remassem contra a maré e assumissem a tarefa de combater o bom combate de divulgar a boa literatura, sem prevenções contra quem tem o seu CEP na cidade.

De todos esses itens, só contamos de fato com o primeiro.

4. No que a literatura pode ajudar o jornalismo e vice-versa? E no que atrapalha?

O jornalismo, assim como a magistério, pode manter as contas do escritor em dia. Mas o preço, em tempo e energia, como comentei acima, pode ser alto. Enfim, pode ajudar no aspecto financeiro e também, o que se mostra importante, no que toca à participação cotidiana (ao se publicarem resenhas, por exemplo) na vida intelectual da cidade. Mas o escritor, isto é, o lado escritor, que pede liberdade para o exercício da imaginação, do humor, do pensamento metafórico, talvez saia perdendo na parceria.

5. Que conselho você daria para um jovem jornalista que tem pretensão de ser escritor no DF?

Mude-se! Ou fique por aqui, mas estabeleça contatos noutros centros. A literatura precisa do que é local na origem, na gênese, como fonte de inspiração e de estímulo; mas deve ser feita para o mundo, no mínimo.

ANEXO 11

ENTREVISTA JOANYR DE OLIVEIRA

- Realizada pessoalmente, no dia 26.08.08, na casa do entrevistado na Asa Sul, às 17h40.

Nome completo: Joanyr Ferreira de Oliveira

Nascimento: 6 de dezembro de 1933, em Aimorés (MG)

Em Brasília desde: 1960

Bibliografia:

POESIA

- *Minha lira*, 1957; *Cantares*, 1977; *O grito submerso*, 1980; *Caminhos do amor*, 1985; *Casulos do silêncio*, 1988; *Soberanas mitologias e a cidade do medo*, 1991; *Luta a(r)mada*, 1992; *Flagrantes líricos*, 1993; *Pluricanto*, 1996; *Canção ao Filho do Homem*, 2000; *Vozes de bichos*, 2000; *Tempo de ceifar*, 2002; *50 poemas escolhidos pelo autor*, 2003; *Biografia da cidade*, 2005; *Raízes do ser*, 2005.

PROSA

- *O horizonte e as setas* (contos, em parceria com Anderson Braga Horta), 1977; *Caminhos do amor*, 1985; *Arquitetura dos dias*, 2004.

- Breve perfil (retirado do *Dicionário de Escritores de Brasília*, de Napoleão Valadares)

Diplomado em Direito e em Teologia. Advogado, jornalista, professor, funcionário público. Veio para Brasília em 1960. Detentor de vários prêmios literários, entre os quais o Prêmio Alphonsus de Guimaraens (1966), da Academia Mineira de Letras; o Prêmio Fernando Chinaglia II (1970), da UBE/RJ; e o da Fundação Cultural do Distrito Federal (1975). Organizou as antologias *Poetas de Brasília*, 1962 (o primeiro livro editado nesta Capital); *Antologia dos poetas de Brasília*, 1971; *Horas vagas*, vol. 2, 1981; *Brasília na poesia brasileira*, 1982; *Poesia de Brasília*, 1998. Fundou e dirigiu as revistas "A seara", "Jovem cristão" e "O obreiro". Pertence à Associação Nacional de Escritores, à Academia de Letras do Brasil, à Academia Evangélica de Letras do Brasil (RJ), à Writers International Association (EUA), à Academia de Letras de Brasília, à Academia Taguatinguense de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Partic. das antologias *Contistas de Brasília*, 1965, org. de Almeida Fischer; *Poetas novos do Brasil*, 1969, org. de Walmir Ayala; *Conto candango*, 1980, org. de Salomão Sousa; *Nem madeira nem ferro podem fazer cativo quem na aventura vive*, 1986, Thesaurus; *Planalto em poesia*, 1987; *Contos correntes*, 1988, ambas org. de Napoleão Valadares; *Grito, logo existo!*, 1992; *Alma gentil*, 1994, ambas org. de Nilto Maciel; *Cronistas de Brasília*, vol. 1, 1995, org. de Aglaia Souza; *Caliandra – poesia em Brasília*, 1995; *O prazer da leitura*, 1997, org. de Jacinto Guerra e outros; *A poesia mineira no Século XX*, org. de Assis Brasil; *Poetas mineiros em Brasília*, 2002, org. de Ronaldo Cagiano.

PERGUNTAS

1. Como você começou a ser escritor?

Não era para eu ser escritor. Na minha vida, tudo me levava para o sentido oposto. Eu era proletário em MG, influenciado pelo meu pai, que militava no estado. Em Aimorés, minha cidade, eu estudei em uma escola primária que pouco falava de Drummond. No interior, ninguém aprende sobre modernismo. A gente chega, no máximo, ao romantismo e ao parnasianismo na literatura brasileira. Quando fui estudar no Rio, com 19 anos, fiquei conhecendo Drummond. O poeta me causou estranheza e acabei ficando com um pé atrás com aquela escola. Mas foi em Brasília que tive mais contato com os poetas e comecei a perceber a riqueza da literatura moderna.

2. Como você veio para Brasília e quando sentiu que começou a fazer literatura daqui?

Vim pra capital como revisor da imprensa Nacional e foi aqui que passei a ler e escrever mais intensamente, entrando nesse caminho das letras. Em 1962, ganhei o primeiro prêmio literário de Brasília, no concurso dos Associados, e publiquei uma antologia poética. Foi o primeiro livro editado e publicado no DF. Na Imprensa Nacional, eu atuei como jornalista e revisor. De vez em quando, assumia a função de repórter e redator também. Escrevi uma coluna diária no Diário Carioca de Brasília e mantinha outro espaço sobre a literatura na cidade, nos seus primeiros passos. Foi um intensivo – entre uma revisão e outra, lia e escrevia.

3. Você não cursou jornalismo, mas exerceu a profissão. No que acha que ela ajudou sua literatura?

Antes do jornalismo, eu não tinha muita definição em termos de estilo, escola literária. Não tinha estudado jornalismo, porque o curso ainda não existia naquela época. Eu fui um privilegiado em ter morado no Rio na época da efervescência da imprensa no Brasil. Foram os anos de criação do lead, da explosão dos jornais Última Hora e Diário Carioca, o surgimento da Manchete, a atuação de Carlos Lacerda. E na literatura também era uma época muito boa, de Graciliano Ramos, Manuel Bandeira. Isso ajudou muito.

4. Você acha que dá para ser jornalista e escritor ao mesmo tempo?

Eu não acho que dá para conciliar a carreira de jornalista e escritor, porque as duas profissões são muito absorventes. E ficam os dois lados brigando pela produção. Eu fiquei no jornalismo por um tempo porque precisava me manter. Cheguei a trabalhar em três jornais. Até que passei no concurso da Câmara dos Deputados para auxiliar legislativo, que me pagava mais que os três empregos em redação juntos. Hoje sou aposentado como analista legislativo (trabalhei na Câmara de 1962 a 1988) e tenho o tempo que preciso para a literatura.

5. Que relações você vê entre a poesia e o jornalismo?

Jornalismo é comunicação direta. Poesia é indireta, chega ao leitor através de metáforas. Mas nos meus contos, por exemplo, eu falo muito de coisas que o jornalismo te permite viver diariamente: experiências de vida, mundo jovem, histórias de pessoas.

6. E como você avalia a literatura do DF hoje?

Não dá para acompanhar as gerações mais novas de escritores no DF. Conheço um ou outro, os que aparecem mais porque já estavam na mídia, mas nem sempre são bons. Os melhores escritores daqui, aliás, não são tratados com a devida consideração pela imprensa. Antes o jornalista era o escritor que ia para o jornalismo trabalhar com literatura. Agora não. Com a

faculdade de jornalismo, valorizaram a profissão, mas tiraram o jornalismo das raízes que ele tinha no meio da literatura. Os estudantes de jornalismo hoje encaram a literatura como algo estranho. E se acham estranho, vão falar mal, escrever mal sobre o assunto.

7. Como você acha que a mídia local trata a literatura brasileira?

Eu acho que somos tratados com desprezo pela mídia. Se alguém daqui ganha prêmio, os jornais do Rio, de São Paulo e de BH vão falar, mas o DF silencia. Somos menosprezados pela imprensa local. Eles não nos conhecem, não sabem nada do que é produzido aqui. Isso é inaceitável, porque os novos jornalistas tinham que ler mais, viver mais com os escritores, para fazer um jornalismo melhor.

8. Quais são os temas mais frequentes da sua obra literária?

A minha literatura reflete bem a arquitetura de Brasília e também a tranquilidade que a cidade tem, que faz bem ao espírito mineiro. Mas depende. Geralmente, quando eu leio muito, escrevo muito. Se leio muita poesia, vou escrever poesia. Sou muito influenciado pela leitura e pelos fatos a minha volta.

9. Como você avalia o mercado editorial de Brasília?

Quando eu trabalhava numa editora do Rio de Janeiro, tinha mais espaço para publicar. Mas, em Brasília, sou ligado à Editora Thesaurus, que organiza grande parte das minhas obras e coleções. Mas, no geral, todo ano sai um livro meu. Sou um dos maiores antologistas do país e acho que, dificilmente, algum escritor brasileiro tenha publicado mais coletâneas literárias do que eu. Eu tenho mais de 30 publicações de minha autoria e participo de umas 40 antologias. No total, devo ter uns 3 mil poemas, além de um romance bem auto-biográfico.

ANEXO 12

ENTREVISTA JOSÉ REZENDE JR.

- Realizada pessoalmente, no dia 19.08.08, no Martinica Café, às 20h15.

Nome completo: José Rezende Jr.

Nascimento: 1959, em Aimorés (MG)

Em Brasília desde: 1987

Bibliografia:

- *A mulher-gorila e outros demônios* (Editora 7Letras, 2005)

Site: www.joserezendejr.jor.br

- Breve perfil (retirado do site do autor)

O escritor José Rezende Jr. é jornalista há mais de 25 anos. Vive em Brasília desde 1987, tendo atuado como repórter especial do Jornal do Brasil, IstoÉ, O Globo e Correio Braziliense. Neste último, produziu reportagens especiais para as editorias de Brasil, Cidade, Política, Mundo e Cultura. Escreveu a série dominical *Crimes Violentos*, a reportagem comemorativa dos 40 anos do livro *Grande Sertão: Veredas, o perfil de João Gilberto e o caderno especial Angola, 38 anos de guerra*, entre outros textos de destaque. Atualmente, está a procura de editora para lançar seu novo livro, *Eu perguntei pro velho se ele queria morrer (e outras estórias de amor)*.

PERGUNTAS

1. Quando começou a ser jornalista e ser escritor?

Atuei como repórter durante 20 anos. Fiz jornalismo em BH e já trabalhei no Jornal do Brasil, na revista Istoé, no Globo e, durante sete anos, no Correio Braziliense. Sai de lá em 2001, com o propósito de me dedicar mais à literatura. Eu não sei quando começou a vontade de escrever, mas desde quando eu comecei minha carreira jornalística, sabia que queria escrever livros. Mas queria ser jornalista também. Esse exercício de escrever diariamente no jornalismo atrasou minha atuação na literatura. Eu chegava em casa muito cansado, sem conseguir sentar e inventar histórias. E era uma coisa que me doía muito, porque eu queria escrever, mas não conseguia. Por isso decidi deixar o jornalismo. E essa escolha foi, inclusive, numa época muito boa e muito literária do Correio Braziliense, onde muita gente tinha liberdade para inventar estruturas. Mesmo com essa possibilidade de unir as duas coisas, o que eu escrevia não era literatura, era jornalismo, uma reportagem com estrutura de ficção. E depois que comecei a soltar o texto no Correio é que eu comecei a gostar mais ainda do que eu produzia, da possibilidade de escrever mais. Eu não era um repórter de dar furo, era um de belo texto, de contar histórias de gente comum. No Globo, por exemplo, eu escrevia matéria padrão, comum, com lide e careta. No Correio eu tive espaço para a

inventividade, mas sempre estive preso às características do jornalismo. Fui pegando o gosto. Sempre tive vontade de ser escritor e quase ser escritor no jornalismo não era suficiente.

2. Mas você acha que dá para conciliar as duas coisas ou elas vivem em conflito?

Hoje eu trabalho na Presidência da República e estou indiretamente ligado ao jornalismo. Então, atualmente, não há invasão do jornalismo com a literatura. Na época de redação também não, porque o jornalismo me absorvia inteiramente e não me dava tempo nem cabeça pra literatura. Não houve invasão, houve obstáculo. Quando deixei de ser jornalista diário, deixei de escrever tanto, fui menos sugado. Com a literatura eu me sinto mais realizado, apesar de gostar muito do jornalismo. Eu adoro literatura, mas é um processo dolorido também, porque tem coisa que não é tão agradável de contar, de lembrar. Eu faço meu deadline, defino o tamanho, o assunto do texto. A dor maior é revirar, voltar a coisas minhas ou dos outros que não davam mais vontade de mexer.

3. Que conselho você daria para um jovem jornalista que quer ser escritor?

Nem todo escritor foi jornalista antes. Eu acho que quem quer ser escritor, tem que tentar isso, não outra coisa. O jornalismo foi e não foi uma ponte nesse processo. Foi porque me permitiu conhecer muita gente, pessoas diferentes, seres humanos cheios de histórias, que me aproximaram de complexidades humanas, aprofundaram minha experiência de vida, que é de onde tiro minhas histórias. Mas o jornalismo me atrapalhou porque atrasou meu processo de escritor. Não consegui conciliar os dois, mesmo sabendo que só com literatura não dá para sobreviver.

4. Em que tipo de texto jornalístico a literatura pode ser mais explorada?

A crônica é e não é jornalística. Por isso acho que a literatura pode ser mais usada em reportagens humanas, que contam histórias de vida, o cotidiano das pessoas, falam de comportamento. Coisas que te permitem escrever sobre pessoas são as mais propícias para colocar a literatura na mídia.

5. E qual a sua perspectiva para a literatura brasileira daqui uns anos?

Eu não sei... Às vezes eu penso que o livro já sobreviveu a tudo e vai continuar forte. Depois já penso que não, que o impresso não vai sobreviver – talvez só existam livros eletrônicos, daqueles que você coloca 200 obras em um aparelho do tamanho de um caderno. Vai que no futuro nem existam mais florestas pra gente produzir papel, né? Meu medo é só que alguém invente um livro eletrônico em que as histórias já venham com trilha sonora, links e a cara dos personagens. Isso vai dar o enredo pronto para o leitor e vai mudar para pior a experiência de ler no futuro.

6. Você acha que a literatura tem espaço na mídia?

Na TV aberta, a programação é pobre e empobrecedora. O espaço para a cultura é zero, para a literatura então, nem se fala. Não adianta colocar programação cultural de madrugada que ninguém vê. É lamentável isso. Na TV a cabo existem alguns programas sobre literatura, entrevistas com escritores, leitura de trechos de livros. Nos veículos impressos, alguns ainda mantêm suplementos literários, como a Folha e O Globo.

ANEXO 13

ENTREVISTA LOURENÇO CAZARRÉ

- Realizada por e-mail, no dia 25.09.08

Nome completo: Lourenço Paulo da Silva Cazarré

Nascimento: 29 de julho de 1953, em Pelotas (RS)

Em Brasília desde: 1977

Bibliografia: - *Agosto, sexta-feira, treze*, 1981; *O calidoscópio e a ampulheta*, 1983; *Os bons e os justos*, 1983; *Enfeitiçados todos nós*, 1984; *O despertar dos amantes*, 1985; *Histórias suburbanas*, 1986; *O mistério da obra-prima*, 1986; *Obscuros através da noite solitária*, 1987; *Desventuras do macaco golpista*, 1987; *A espada do general*, 1988; *Tempo quente na fronteira*, 1988; *Noturnos do amor e da morte*, 1989; *A ditadura da beata*, 1990; *O sumiço do mentiroso*, 1991; *Um velho velhaco e seu neto bundão*, 1992; *Terror às pampas*, 1993; *A cidade dos ratos – uma ópera roque*, 1993; *Quem matou o mestre de Matemática*, 1995; *O motorista que contava assustadoras histórias de amor*, 1999; *A guerra do lanche*, 2000; *O senhor da escuridão*, 2001; *Isso não é um filme americano*, 2002

- **Breve perfil (retirado do livro *Todas as gerações: o conto brasileiro contemporâneo*, de Ronaldo Cagiano)**

Jornalista. É autor de mais de 40 livros, entre novelas juvenis, livros de contos e romances. Recebeu mais de vinte prêmios literários de âmbito nacional. Venceu por duas vezes o maior certame literário dos anos 80, a Bienal Nestlé, nas categorias romance (em 1982) e contos (em 1984). Um de seus livros para jovens, *Nadando contra a morte* (Formato Editora), recebeu o Prêmio Jabuti, em 1998.

PERGUNTAS

1. Você acha que hoje em dia dá para ser jornalista e escritor ao mesmo tempo?

Dá para ser escritor e jornalista ao mesmo tempo, sim. São contados em centenas os escritores brasileiros que ganham a vida como jornalistas. O grosso da grana que ganham vem do jornal, da coluna de jornal, do emprego como redator. Viver de venda de livros no Brasil é quase impossível. Há meia dúzia de autores de livros juvenis que consegue. Dos que escrevem para adultos, só Paulo Coelho, conhecido fabricante de opúsculos de auto-ajuda. No Brasil e em todos os países do mundo, a esmagadora maioria dos escritores não vive de literatura. Há países mais ricos e de língua mais divulgada (inglês, francês, espanhol) onde as chances de viver de literatura ou de função assemelhada (colunista de jornal, dramaturgo ou roteirista, por exemplo) são um pouco maiores.

A ligação entre jornalistas e escritores é forte porque, aparentemente, a função é a mesma: escrever. No entanto, simplificando ao máximo, pode-se dizer que o jornalista usa a língua para descrever o real e o escritor a utiliza para criar um mundo ficcional. São coisas fundamentalmente diversas.

2. Você convive (ou convivia) bem com essa realidade de jornalista e de escritor ou havia conflitos entre as duas partes?

Você precisa administrar a esquizofrenia: trabalhar de dia como jornalista e de noite, em casa, como escritor. O problema maior é o tempo. Ou a falta de tempo para se dedicar mais à literatura. Em geral, jornalistas brasileiros trabalham como escravos, mais de dez horas por dia.

3. Como você vê a literatura no DF hoje?

No Brasil, como em todos os países do mundo, a chamada vida literária está centrada nas grandes cidades. No nosso caso, é o eixo Rio-São Paulo. Lá estão as grandes editoras e os grandes veículos de comunicação. No Brasil, temos ainda as grandes províncias literárias: Bahia, Pernambuco, Minas e Rio Grande do Sul. O resto, Brasília incluída, é sub-província. Hoje em dia é bastante comum que os escritores dos estados periféricos publiquem nas grandes editoras e continuem morando nos seus estados de origem. São inúmeros os casos. Mas para o escritor que quer viver aquilo que se chama de vida literária o melhor mesmo é ir para o eixo Rio-São Paulo.

4. Há reconhecimento do trabalho do escritor local na mídia da cidade?

A mídia de Brasília sofre de um complexo estranho: é provinciana às avessas. Ou seja, tudo que vem de fora é bom. Em português, claro: uma peça de teatro ruim, vinda do Rio, em tese terá mais espaço do que um bom trabalho feito aqui na cidade. Esse provincianismo às avessas é responsável pelos textos abjetamente bajulatórios que marcam a cobertura de cultura da nossa mídia.

5. E o mercado editorial?

O mercado editorial brasileiro é ínfimo. Fora cinco ou seis autores de ficção que vendem mais de dez mil livros, as tiragens se limitam sempre a uma edição de 3 mil exemplares. Em média, o brasileiro lê pouco. No caso da literatura creio que se repete o que ocorre no cinema: o brasileiro reluta em ler os autores nacionais que, como nossos cineastas, insistem em experimentalismos estéreis.

6. No que a literatura pode ajudar o jornalismo e vice-versa? E no que atrapalha?

A leitura de bons livros é essencial para o jornalista. É lendo os grandes autores que ele aperfeiçoa seu instrumento de trabalho. No sentido inverso, não sei se o exercício do jornalismo pode dar algo ao escritor. Mas creio que não chega a atrapalhar.

7. Que conselho você daria para um jovem jornalista que tem pretensão de ser escritor no DF?

Quem quer ser escritor não pede conselho a ninguém. E nem aceita, caso queiram lhe dar de graça um conselho. Mesmo assim, dou um conselho a todo jovem escritor: procure algo mais divertido para gastar as suas horas.

ANEXO 14

ENTREVISTA LUIS TURIBA

- Realizada pessoalmente, no dia 11.09.08, no Café Martinica, às 20h15.

Nome completo: Luiz Artur Toríbio

Nascimento: 15 de março de 1950, em Recife (PE)

Em Brasília desde: 1978

Bibliografia:

- *Kiprokó*, 1977;

- *Clube do Ócio*, 1980;

- *Realejos*, 1988.

- **Breve perfil (retirado do *Dicionário de Escritores de Brasília*, de Napoleão Valadares)**

Jornalista, assessor de imprensa do Ministério da Cultura, editor da revista "Bric-a-brac".
Premiado em concurso literário. Filiado ao Sindicato dos Escritores do Distrito Federal.
Participou de *Os porretas*, 1979, organizado por Climério Ferreira; e *Poesia de Brasília*, 1998, organizado por Joanyr de Oliveira.

PERGUNTAS

1. Como foi esse processo de ser jornalista e virar escritor ou vice-versa?

Antes de falar da minha literatura, queria falar do jornalismo. Sou apaixonado pelo jornalismo, extremamente apaixonado por essa profissão. Não tenho a menor dúvida de que fui feliz por tudo que eu fiz nessa área e tudo que o jornalismo me deu. Meu pai, Alderico Toríbio, foi jornalista e é uma referência pra mim, a mesma que quero ser para os meus filhos. Com ele descobri Drummond: primeiro o cronista do Jornal do Brasil, depois o poeta. Meu pai às vezes me levava na redação, então sempre vivi muito no ambiente jornalístico. Mesmo assim, fui preparado, empurrado para ser engenheiro. Passei em 1967 para o curso de Mecânica, na Escola Técnica Nacional. Foi no primeiro mês da faculdade, em 1968, que tudo passou a acontecer na minha vida. Dia 29 de março de 68, participei da minha primeira passeata, contra a ditadura que tinha matado o Edson Luiz. Eu era menino, magrinho, carequinha, pisciano, mal tinha feito 18 anos. Mesmo assim, entrei na onda de "Todos no enterro do Edson Luiz" e participei. Três meses depois desse episódio, eu estava jogando coquetel molotov na polícia, participando de manifestações, deixando o sonho da família de engenheiro de lado.

Em dezembro de 1968, a ditadura baixou o AI-5. Fechou tudo, todo mundo passou a ser inimigo. E eu, que amava os Beatles e os Rolling Stones, já era quase revolucionário. Hoje, 40 anos depois, eu retomo toda essa história e as marcas do ano de 1968 em um poema que faz parte de um livro patrocinado pela Funarte, chamado “meiaoitto”. Para um menino que nasceu em Pernambuco, foi criado no Rio e viveu no meio da revolução, aquilo foi uma doideira na cabeça. É um poema longo, de 25 páginas, fragmentado, com tensão o tempo todo, escrito na primeira pessoa, como se representasse toda uma geração e não só aqueles que já falaram sobre o assunto, que eram os líderes da época.

2. E você concilia jornalismo e literatura nesse poema, por ser sobre fatos reais e históricos?

O poema não é histórico, é um pouco ficção, uma peça para levantar idéias na cabeça do leitor com fatos históricos e, portanto, jornalísticos. Usei nele técnicas cinematográficas e jornalísticas também. Ele é importante pra mim porque foi em 1968 que comecei a ter contato com a poesia (Vinicius de Moraes, Neruda), com os alucinógenos, com a Leila Diniz. No fim de 68, fui expulso da escola Técnica – por causa do AI-5. Um ano depois vivi na clandestinidade no Rio, cassado pela polícia. Me mudei para SP, onde concluí o curso secundário. Em 1972, em SP, fiz vestibular para comunicação. Quis desligar um pouco da cabeça a questão da militância. Consegui um emprego dos jornais, fazendo notas. Nos primeiros dias da faculdade, fui preso e fiquei um ano na prisão. Lá, fiz uma reflexão e decidi que o que eu queria mesmo era o jornalismo. Quando sai, trabalhei no jornal Diário da Manhã, no RJ. Cobri esportes, fui construindo uma carreira e meu registro profissional virou prática. A comunicação sempre me deu desafios e, hoje, no sistema de comunicação do SESC, a mesma coisa acontece.

Nisso tudo, a poesia foi me acompanhando. Fiz uma revista, a Bric-a-Brac com outros colegas e meu grande encantamento na publicação foram as entrevistas, que eram muito boas mesmo. Quase todas são referência ainda hoje. A revista era poética, mas tinha um peso jornalístico. Quando eu digo que amo o jornalismo, é porque foi ele que me levou a conversar com Cora Coralina, com Jorge Luiz Borges, a ser assessor do Gilberto Gil, a ganhar prêmios. Estou em Brasília desde 1979. E é com o jornalismo que eu construo meu patrimônio, pago minhas contas, crio meus três filhos, meus netos. O jornalismo foi quem me levou ao Oriente, ao Ocidente, a guerrilha, a presenciar terremotos. Contribuí com esportes, política e cultura.

3. Mas você conseguiu conciliar literatura e jornalismo?

A poesia sempre esteve como atividade de criação na minha vida, nunca como profissão. E a literatura é muito ligada ao jornalismo mesmo. Às vezes o poema nasce na redação de jornal. Poemas são acontecimentos jornalísticos também, até porque a poesia é tão livre que cada um cria a sua própria metodologia. A história depois vai nos dizer se agimos corretos ou não. Mas meu novo hobby agora é fazer letra de música, gravar sambar. Apesar que, de uns tempos pra cá, estou pensando em me dedicar mais a poesia, porque ando gostando muito dessa coisa de recital.

ANEXO 15

ENTREVISTA LUIZ MARTINS

- Realizada pessoalmente no dia 07.10.08, na sala do entrevistado na Universidade de Brasília, às 10h30.

Nome completo: Luiz Martins da Silva

Nascimento: 3 de setembro de 1950, em Nova Russas (CE)

Em Brasília desde: 1970

Bibliografia:

- *Rua de mim*, 1977;
- *Comigo foi assim*, 1980;
- *Brasilinhas*, 1980;
- *Nomes*, 1988;
- *Breviários*, 2002

- Breve perfil (retirado do livro *Todas as Gerações: o conto brasileiro contemporâneo*, de Ronaldo Cagiano)

Poeta, jornalista e professor de Comunicação. Em 1977, foi um dos organizadores de uma das antologias históricas da poesia brasileira: *Águas emendadas* (Thesaurus). Bacharel em Comunicação (1975); jornalista profissional desde 1976. Atuou em vários veículos de imprensa, entre eles, *Jornal de Brasília*, *O Globo*, *Veja*, *Brasil Comércio e Indústria* e *Ciência Hoje*. Mestre em Comunicação (UnB, 1986) e doutor em Sociologia (UnB/ Universidade Nova de Lisboa, 1995). É professor concursado da UnB desde 1988, pesquisador do CNPq desde 1990. Participou de duas diretorias do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF, atuando na Comissão e Ética.

PERGUNTAS

1. Você acha que dá para ser jornalista e escritor ao mesmo tempo?

Para mim, existe uma terceira margem do rio, que é a universidade, a vida acadêmica. Eu achava que a universidade era um monastério favorável à vida monástica do escritor. Eu fugi do jornalismo achando que ia encontrar um abrigo seguro na célula monástica da vida acadêmica, mas ela também atrapalha a vida do escritor. É muita burocracia de papéis, de funções. Mesmo assim, ela ainda é mais favorável para o escritor que a de jornalista, porque é uma vida de lides com pensamento, com a intelectualidade, com a cultura, com a interdisciplinaridade,

intertextualidade e intersubjetividade que a universidade permite com saberes de vários campos de conhecimento.

2. Mas você convive ou convivia bem com essa relação de jornalista e escritor, nas redações, na academia, nos seus momentos literários?

Era uma relação que chegava a ser folclórica. Nas redações, meu apelido era poeta. Mas muita gente não sabia que eu escrevia poesia e achava que a denominação era porque eu era meio sonso, meio vagal, sujeito sem os pés na terra. Então era meio pejorativo – ah, um cara meio diferente, poeta. Mas havia pessoas que resolveram me adjetivar como poeta porque sabiam do meu diferencial, que além de jornalista eu era poeta – ah, ele escreve e publica. E uma coisa sempre vai incidir na outra. Quantas vezes alguém lê um texto meu e diz – ah, só podia ser do poeta, jamais um jornalista ia escrever um texto desse jeito, com tantas metáforas e analogia de imagens. Outras vezes eu escutei coisas do tipo, ah eu vejo que você é um ser bicéfalo, tem uma cabeça de jornalista repórter, outra de poeta. É como se fosse a analogia de Orígenes Lessa quando escreveu o feijão e o sonho. O jornalismo é o feijão, o sonho é a literatura. O jornalismo está voltado para a realidade e a poesia para a ficção, o lado onírico e sonhador. E sabe que hoje, na academia, eu encontrei essa síntese? Como pesquisador de jornalismo, eu vejo que há uma relação circular entre o jornalismo e a literatura porque o jornalismo de olho na realidade ele vê a realidade de uma forma singular – portanto a realidade que foge da realidade é quase ficcional, é o jornalismo do acontecimento midiático, das coisas sensacionais, das coisas quase sobrenaturais, das coisas fantásticas. E a ficção? Uma telenovela, por exemplo, é ficção de olho na realidade, porque se a ficção não for verossímil ela não faz as pessoas chorarem, se encantarem, se emocionarem. Portanto, a literatura fantástica, ficcional, ela tem que estar voltada para a realidade, porque senão não produz catarse. Então o jornalismo para produzir catarse busca a ficção e a ficção busca o real pelo mesmo motivo.

3. Que panorama você faz da literatura no DF hoje, em relação aos autores, produções, mercado editorial?

O que mais profissionaliza o mundo da vida é o mundo sistêmico. Ou seja, o que mais profissionaliza um campo é a vida econômica dele. Então eu acho que falta muito mercado, editora, reconhecimento de valores e falta leitor, porque uma vida literária não existe sem leitores. E o mercado editorial no Brasil é muito pobre, poucos ultrapassaram esse rubicão. É Jorge Amado, Paulo Coelho. São os escritores consagrados. As tiragens no Brasil são míseras. O leitor brasileiro de jornal, por exemplo, lê um décimo do que um leitor da Noruega lê. Se você pensar que no Irã só a tiragem clandestina de Paulo Coelho talvez seja maior que a daqui, então nós lemos muito pouco. Vou me permitir aqui uma confidência: eu estou a caminho do meu primeiro dinheiro significativo com poesia. Um poema meu vai ser publicado não em livro, mas em um calendário. E eu ainda não estou acreditando que, depois de 40 anos na literatura, vou conseguir ganhar 5 mil reais com poesia. Isso é irreal, tem noite que até me belisco. Mas é um problema nacional. Drummond, que passou boa parte da vida ganhando dinheiro nas redações de jornal, como cronista, também teve que financiar seu primeiro livro. No Brasil, ainda é considerado natural o autor auto-financiar-se.

4. No que o jornalismo ajuda a literatura, no que atrapalha e vice-versa?

Roland Barthes, em seu texto magistral “Aula”, fala das três forças da literatura: mathesis, mimesis e simioses. A literatura é uma ciência sem pretensão científica; é uma imitação da realidade sem ser fotografia; e é a prática do sentido sem querer ser revolucionária. E quais são as três forças do jornalismo? Ele é uma ciência, apresenta uma visão técnica da realidade, fora do senso comum. Mas é uma ciência do pretender ser. Jornalismo pretende ser a fotografia da realidade, é a ação indiretamente transformadora da realidade. Ele é revolucionário porque é catalisador da realidade e oferece subsídios a sociedade para que ela se torne auto reflexiva. O jornalismo é abrigo para a esfera pública e provedor da polêmica. Então tanto a literatura quanto o jornalismo tem suas forças. O jornalista escritor que souber trabalhar com elas poderá usufruir das seis. E as duas áreas estão muito mais próximas que distanciadas. Jornalismo e literatura são muito mais complementos que antíteses. É por isso que tem tanta gente que consegue conciliá-los. Na verdade, isso depende mais de tempo e disciplina do que características de cada uma.

5. Que conselhos daria para um jovem jornalista que tem pretensões de ser escritor?

Ver a vida com saber. Porque a arte é capaz de maravilhar a vida e o jornalismo é capaz de mostrar de que forma a vida poderia ser maravilhosa. A função da literatura é maravilhar. A do jornalismo é olhar e ver o que não está sendo. Jornalismo é ciência moral das coisas que deveriam ser.

ANEXO 16

ENTREVISTA MENEZES Y MORAIS

- Realizada no dia 09.09.08, na casa do autor no condomínio verde, no Jardim Botânico, às 20h.

Nome completo: José Menezes de Moraes

Nascimento: 29 de julho de 1951, em Altos (PI)

Em Brasília desde: 1980

Bibliografia:

- *Laranja partida ao meio*, 1975
- *O suicídio da mãe terra*, 1980
- *Pássaros da terra com paisagem humana*, 1982
- *Diário da terra & cenas da cidade sitiada*, 1984
- *1964 – poemas do sufoco*, 1986
- *A balada do ser e do tempo*, 1987
- *O livro das canções de amor & outros cantares de igual teor*, 1990
- *O rock da massa falida*, 1992
- *Na micropiscina da lágrima feliz*, 1999
- *Por favor, dirija-se a outro guichê*, 2001

- Breve perfil (retirado do *Dicionário de Escritores de Brasília*, de Napoleão Valadares)

Diplomado em História. Veio para Brasília em 1980. Jornalista, professor, repórter. Colaborou em periódicos. Filiado ao Sindicato dos Escritores do Distrito Federal (presidente). Partic. de várias antologias, entre as quais *Poetas brasileiros*, vol. 1; *Poemas*, 1990, SEDF; *Antologia da nova poesia brasileira*, 1992, org. de Olga Savary; *Ibirapitanga*, 1994, SEDF; *A poesia piauiense no Século XX*, org. de Assis Brasil.

PERGUNTAS

1. Fale um pouco da sua obra e, principalmente, da sua poesia.

Os meus poemas e tudo o que escrevo questiona a condição humana. Sou um poeta das idéias. Dos meus 10 livros publicados, oito são de poesia, um de contos e um de teatro. Dos outros 11

que estão guardados, nove são de poesia também. Então eu, como poeta, dependo muito do poema. Pode ser de amor, de protesto, de notícia ruim que provoca um sentimento e faz aquilo ir pro papel. Não é um entretenimento pelo entretenimento. Eu tento levar o leitor para uma coisa maior, a questão do relacionar-se nesse mundo.

2. Como se tornou jornalista e escritor?

Quando eu estava no 4º ano do primário, eu escrevi um poema, aos 10 anos, sem saber o que era poema. Coloquei letra em uma melodia. Então desde que me entendo como gente, sou poeta. Eu nasci na cidade de Altos, no Piauí, em 1951. Eu com meus 15, 16 anos já era conhecido como um formador de opinião em Teresina e fui chamado para ser editor de cultura de um jornal da cidade antes de ter 18 anos. Já entrei no jornalismo por cima, em cargo de editor. Fiquei dois anos lá e gostei tanto do jornalismo que resolvi ir para o Rio de Janeiro estudar. Fiquei lá por cinco anos. No dia 2 de maio de 1980, vim pra Brasília passar férias e aqui fiquei. Até hoje.

3. No que você acha que o jornalismo melhora a literatura?

O jornalismo melhorou a minha literatura porque me colocou em contato direto com a realidade. Então aprimorou minha formação humanística. Claro que conciliar o jornalismo com a literatura não foi tarefa fácil, porque, na verdade, qualquer profissão suga muito o escritor e atrasa o processo literário do indivíduo. O jornalista atrapalha a literatura pelo tempo físico, porque livro é coisa para mais de um ano. Mas ajuda pelo exercício diário de redação. De qualquer forma, eu amo o jornalismo, porque é ele que paga as minhas contas. Ser escritor, ser poeta, é a satisfação da minha existência.

4. Você acha que dá para conciliar jornalismo e literatura?

A experiência histórica mostra que sim, dá para conciliar, porque tem muito jornalista escritor no Brasil. Quando não concilia, é porque uma vocação bate mais forte que a outra. A própria Rachel de Queiroz, que era jornalista e escritora, dizia que não dava para viver só com uma coisa ou só com outra. No meu caso, a literatura alimenta minha existência. O jornalismo garante a minha sobrevivência.

5. Você mora nesse condomínio isolado, longe do Plano Piloto, verde, sem barulho nenhum. Não se sente sozinho nesse sobrado vazio, cheio de livros e com pouca mobília? Ou o silêncio te ajuda a escrever?

Não é o silêncio que faz o escritor, mas essa paz aqui ajuda. O barulho desconcentra. Assim que eu me formei em Jornalismo, recebi uma proposta de emprego pra Veja de São Paulo. Uma semana na cidade foi o suficiente para eu chorar com o dióxido de carbono da capital. Não agüentei. Nessa casa, isolado, que moro desde 2000, eu produzi mais do que na minha antiga, na 116 norte. Foram duas peças de teatro, um romance e vários livros de poesia. Maximizei meu processo literário.

6. Como avalia a literatura brasileira hoje?

Brasília tem muita gente na literatura. Acho que na verdade tem muita poesia, pouco poeta, porque a maioria dos escritores faz prosa. Mas uma parte dos que estão no cenário literário brasileiro veio do coletivo de poetas, movimento de 1990, época que eu era presidente do Sindicato dos Escritores. O Coletivo continua realizando saraus em Brasília e isso é muito bom, porque mantém forte a literatura da cidade. A cidade tem os poetas dessa época, os que chegaram

depois. Tem muita gente boa produzindo no DF e no Brasil. O que falta é editora, que acha que poesia vende pouco. Drummond mesmo, que era Drummond, vendeu só três mil exemplares.

7. Mas por que você acha que a indústria cultural marginaliza tanto a poesia?

A tiragem é pequena nesse ramo. Quem gosta de poesia é diferenciado, tem opinião melhor. Ao longo da história, os poetas sempre incomodaram. Resumem uma tomada de consciência. Os poetas sempre se posicionaram contra as injustiças. Foi assim no nazismo, nas ditaduras, no capitalismo desumano. Mas a poesia não pode ser só panfletária. Também tem que cuidar da qualidade estética. E grandes poetas conseguiram conciliar forma e conteúdo – há uma fome de estrelas e proteínas no ramo.

8. E, sem as editoras, como você faz pra fazer com que sua poesia chegue ao público?

Ah, 90% dos poetas tem produção independente. Só uns 10% tem editora, e porque ralaram muito para conseguir. Tem é que sair vendendo de mão em mão, recitar para o público, mostrar seu trabalho de um em um, colocá-lo na internet. Hoje sou professor de História em escolas de ensino médio, o que ajuda muito com o dinheiro que a poesia não traz.

9. Você acha que já ser conhecido na mídia como jornalista facilita a divulgação da sua obra literária?

Facilita, com certeza. Mas o nome que eu assino no jornalismo (José Menezes de Moraes) é diferente do que eu uso na poesia (Menezes y Moraes). Eu quis isso para não misturar as duas coisas. E o nome poético é algo mais amplo que o jornalístico. Além de que o meu “de Moraes” sempre fez com que as pessoas achassem que eu era parente do Vinicius – aqui no Brasil e no exterior também. No Paraguai, por exemplo, quando fui acompanhar o José Sarney numa viagem em 1986, o guarda me perguntou se eu era filho do poeta. Com o y, não tem essa confusão.

10. Como é seu processo de criação literária?

Quando escrevo, é como se eu estivesse sozinho. Minha literatura é um ato de gestação, vai saindo devagarinho. E depois que sai, a melhor sensação é a de lamber a cria. Me sinto mais gente quando produzo literatura ou jornalismo. Me isolo, tiro o momento pra mim, deixo, volto para ver como está. Depois que escrevo de primeira, dou um certo distanciamento do texto, depois volto. Quando eu chego a colocar uma poesia no papel, é porque já estava com ela há tempos, aquela coisa me aprisionando. Tanto é que eu mastigo o meu texto que uma vez, quando tinha 20 anos, perdi meu caderno de poemas. 80% deles eu consegui recuperar, porque os tinha de memória.

11. Qual a principal diferença que você vê entre jornalismo e literatura?

A literatura tem mais liberdade, pode traduzir a realidade. Mas o jornalismo tem que traduzir a realidade, senão... o historiador também traduz, mas com mais rigidez.

12. Que conselhos você daria para um jovem jornalista que pretende ser escritor?

Viver, viver e viver. E nisso está incluído ler muito. A pessoa tem que viver, porque inspiração não vem da experiência dos outros. Para escrever sobre a condição humana, é preciso viver a condição humana. E a gente aprende um pouco com cada pessoa que conhece.

ANEXO 17

ENTREVISTA PAULO JOSÉ CUNHA

- Realizada por e-mail, no dia 17.09.08

Nome completo: Paulo José Araújo da Cunha

Nascimento: 25 de fevereiro de 1951, no Rio de Janeiro (RJ)

Em Brasília desde: 1970

Bibliografia:

- *A noite das reformas*, 1979;
- *Salto sem trapézio*, 1984;
- *Caprichoso – a terra é azul*, 1991;
- *Vermelho – um pessoal garantido*, 1999;
- *A viagem da reeleição*, 2002. Ref.: D.A.

- Breve perfil (retirado do livro *Todas as gerações: o conto brasileiro contemporâneo*, de Ronaldo Cagiano).

Jornalista e analista legislativo da Câmara dos Deputados. É atualmente o diretor da TV Câmara. Ex-repórter de *O Globo*, *Jornal do Brasil*, TV Verdes Mares e TV Globo. Diretor de documentários e comerciais de TV. Escritor, poeta e pesquisador. É também professor concursado da Faculdade de Comunicação da UnB, onde dirigiu o Centro de Produção de Cinema e Televisão – CPCE. Foi editor-chefe do programa radiofônico “Escola Brasil”, voltado para a educação fundamental.

PERGUNTAS

1. Você acha que dá para ser jornalista e escritor ao mesmo tempo?

Não foi uma decisão, mas uma condição. Era jornalista quando decidi publicar um livro com meus primeiros poemas. Nem sabia, mas a partir daí virei...escritor! Depois, publiquei outros livros, e consolidei-me nessa condição. Não estou fazendo gênero nem me gabando por coisa alguma, mas não sabia, MESMO, que alguém se torna escritor simplesmente porque publica um livro. Achava que existiam outras condições, mas não. O certo é que a partir daí já fui convidado e participo hoje de associações de escritores, dou palestras e assim sou apresentado - jornalista e escritor. Mas, a sério, considero escritor a figura que se situa em patamar bem mais elevado, e tem carreira consolidada no mundo literário, como Jorge Amado, Carlos Drummond, José

Saramago, Paulo Coelho etc. O que sou mesmo é um jornalista metido a poeta, e que eventualmente publica livros. Mas, se querem me chamar de escritor, então podem chamar... E para responder às suas duas últimas perguntas, a resposta é: sim, dá para ser jornalista e escritor ao mesmo tempo. Mas ambas as atividades são prejudicadas. Quem pretende ser um escritor de ficção, o melhor que tem a fazer é dar um jeito de se dedicar exclusivamente à literatura, porque a atividade jornalística é muito absorvente. Igualmente, quem quer ser um bom jornalista mas tem pretensões literárias, o melhor é saber que a literatura vai pagar o preço por não ser a "única esposa". Mas que é possível conciliar, é possível, sim. Um ótimo exemplo é o de José Nêumanne Filho, editorialista do Jornal da Tarde e colunista do Estadão, escritor de ficção e poeta premiado. Mas só o Zé sabe a ginástica que é ser jornalista e escritor ao mesmo tempo.

2. Você convive (ou convivia) bem com essa realidade de jornalista e de escritor ou havia conflitos entre as duas partes?

Nunca houve conflitos porque, como já disse, as duas condições apareceram naturalmente na minha vida. O jornalismo surgiu por necessidade - na verdade eu vim para Brasília para fazer cinema, que era a minha grande paixão quando morava no Piauí, onde não havia escola de comunicação na época. Mas fui tragado pelo jornalismo, primeiro o impresso, depois o de televisão, e estou nisso até hoje, e nem penso em largar, a não ser para me aposentar. O trabalho de escritor veio junto, começando pela poesia, depois pelo livro-reportagem, depois pela pesquisa antropológica (como os livros que escrevi em parceria com o artista gráfico Andreas Valentin sobre a festa do boi-bumbá de Parintins), depois pela pesquisa de linguagem da "Grande Enciclopédia Internacional de Piauiês " e por aí vai). Nunca houve qualquer conflito, talvez pelo fato de nunca ter me aventurado pela ficção, antípoda do jornalismo. O mais perto que cheguei dela foi a poesia, que hoje vem tomando boa parte do meu tempo, depois de um longo período em que não escrevi nada. Fizemos as pazes e voltei a escrever versos. Tenho dois livros prontos, e estou doido para vê-los na rua.

3. Como você vê a literatura no DF hoje? Há espaço? Há reconhecimento do trabalho do escritor local na mídia da cidade? Há projeção nacional dos autores?

Fora do eixo Rio-São Paulo qualquer veleidade literária é apenas uma tentativa vã. Não existe projeção para quem não atua dentro desse eixo. Como a grande mídia está situada nesses dois estados, nada que não tenha saído daí ganha projeção e dimensão nacionais. Até existem escritores que no passado conseguiram projeção permanecendo em seus estados. Érico Veríssimo talvez seja o melhor exemplo. Mas não vale tanto porque na sua época o Rio Grande do Sul ainda era um forte pólo de difusão editorial, com a Revista do Globo servindo de referência e parâmetro. No nordeste, temos algumas exceções que só confirmam a regra, como Ariano Suassuna, que continua residindo em Recife. Quanto à mídia de Brasília, não tenho grandes críticas a fazer, a não ser ao fato de que ainda existe um certo fascínio pelo que vem de fora, como se o que se produz aqui não tivesse igual ou maior qualidade. Na verdade, ainda temos um forte complexo de inferioridade intelectual e cultural, apesar de já contarmos com um grande número de expoentes da intelectualidade candanga figurando no panorama da cultura e da arte brasileiras. Vamos lembrar de alguns como Vladimir Carvalho, Geraldo Moraes no cinema; os irmãos Guimarães, Hugo Rodas, a turma dos Melhores do Mundo no teatro e na tv, e por aí vai. Devo ter esquecido alguém muuuuito importante, e vou pagar caro por isso, mas é o risco que se corre tendo de responder a essas entrevistas às pressas. E na área da literatura, temos excelentes

autores. Prefiro não citar ninguém, pra não levar uma surra, mas suspeito que se não saírem daqui pra morar no Rio ou em São Paulo vão continuar no anonimato, infelizmente. Pensam que o Eixão da Morte é o eixo rodoviário? Estão enganados. O Eixo da morte da arte e da cultura brasileira é o que reúne os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, que sufocam grande parte da fantástica diversidade da nossa cultura regional em todas as áreas. Por falar em áreas, nem falamos na música, no rock e no chorinho que exportamos, e por aí vai.

4. No que a literatura pode ajudar o jornalismo e vice-versa? 5. Se você pudesse dar um conselho a um jovem jornalista com perspectivas de se tornar escritor, o que aconselharia?

A prática do texto jornalístico ajuda, e muito, o escritor, porque no jornalismo somos obrigados a escrever rápido e bem. A fluência do texto depende da prática. Nenhum grande escritor começou já sendo um grande escritor. Isso é um trajeto. Ele começou treinando, errando, melhorando, até virar um grande escritor. Mas é claro que uma atividade que te obriga a escrever diariamente como o jornalismo só tem a ajudar quando você precisa escrever bem, fluentemente, e com pretensões literárias. Gabriel García Marquez, jornalista, até hoje afirma que não seria o Prêmio Nobel que é hoje se não tivesse começado pelo jornalismo. Não digo que seja uma condição insubstituível, vários outros Prêmios Nobel não praticaram o jornalismo e são brilhantes. Mas que a atividade de redação ajuda, é claro que ajuda. A afirmação vale também em sentido contrário. Sem uma boa base literária, de conhecimento dos grandes mestres, o estilo é fraco, a variedade vocabular é baixa, a qualidade do texto jornalístico deixa a desejar. Ao mesmo tempo, a prática da literatura abre horizontes insuspeitados para o texto jornalístico, que tanto carece de qualidade, sobretudo nesses tempos de competição encarniçada em que vivemos. Portanto, vejo as duas atividades como complementares.

ANEXO 18

ENTREVISTA PEDRO BIONDI

- Realizada pessoalmente, no dia 01.09.08, no Café da Rua 8, às 20h.

Nome completo: Pedro Biondi

Nascimento: 1976

Em Brasília desde: 2005

Bibliografia: - *Cheiro de Leoa* (São Paulo: Limiar, 2007)

Site: www.pedrobiondi.wordpress.com

- Breve perfil (retirado da orelha do livro do autor)

Pedro Biondi nasceu em São Paulo, em 1976. Teve contos, crônicas e poemas publicados em revistas, sites e antologias. Como repórter e editor, já atuou no jornalismo público, na grande imprensa e em publicações especializadas, além de escrever reportagens para vários veículos. Também foi assessor parlamentar de comunicação.

PERGUNTAS

1. Que panorama você faz da literatura brasiliense hoje?

Olha, estou em Brasília há três anos só e ainda não li muita coisa daqui. Acompanho o trabalho do José Rezende Junior, que é um contista muito bom. Também poderia citar o Nicolas Beher, que fez imagens mais exatas da capital, mas acho que ainda tem muita gente pra conhecer em Brasília. Não seria a melhor pessoa para te traçar um panorama.

2. Como você concilia a literatura e o jornalismo?

Acho que é, ao mesmo tempo, um convívio enriquecedor e conflituoso para os dois. Como jornalista, você tem a necessidade de escrever rápido, objetivo, dedicar-se ao exercício diário de um texto mais seco, mas que é texto. O lado positivo é esse corte de excessos. Mas é engraçado, às vezes as coisas parecem se misturar. Já tive um editor que lia meu texto jornalístico e dizia: “Ta pensando que você é escritor? Vai cortar isso!”. Filtrar esses ensinamentos e entender o que é florei no jornalismo e o que é seu estilo é fundamental. Com um exercício de sensibilidade, você chega no melhor texto. Mas esse convívio pode ser negativo no sentido de ter um certo automatismo, você sentar e seu texto sair conforme o habitual, cansado do excesso de informações do dia. Na cabeça, o jornalismo diário te dá um desgaste maior. O jornalismo em revista deixa fluir um pouco mais a relação do jornalismo com a literatura. O trabalho de título, por exemplo, nessas publicações semanais ou mensais é um exercício de criatividade e síntese muito bom para o escritor. O jornalismo também permite o contato com o lado das pessoas que

nem todos conhecem e isso é interessante porque você depara com gente de carne e osso que te inspira um personagem.

3. Você acha que a crônica é uma forma de literatura na mídia hoje?

A crônica é um gênero meio fluído entre esses dois universos. A maneira de temperar o texto é que define cada cronista, a proporção que ele usa elementos de ensaio, conto, literatura e jornalismo. É um gênero na divisa entre ficção e realidade. E tem uma riqueza boa que é tratar de um tema quente, que aconteceu naquele dia, mas sem a objetividade jornalística. É resolver algo de outra forma, sem se esgotar no que todos já sabem. Essa overdose de informação é, por excelência, um adubo para a literatura porque o tempo todo chegam histórias de pessoas para você, com tramas interessantes, acontecimentos de outras partes do mundo.

4. Como você analisa o mercado editorial de Brasília?

Ele é bem pequeno por aqui. Acabo de publicar meu livro de contos – Cheiro de Leoa – mas não foi fácil. Mande o original para várias editoras, inclusive as que lançavam autores novos, e muitas demoravam mais tempo que o prazo estipulado para me dar um retorno. Outras eu sei que nem liam. Consegui a editora, mas dividi os custos da publicação. Existem escritores bons com relação intensa com a criação, mas que demoram a publicar justamente por essa dificuldade. E tem aqueles que escreve livro para fazer algo novo, sair da rotina, e consegue editora bem mais fácil. São duas realidades bem diferentes. Ser um nome conhecido na mídia também ajuda na hora de lançar um livro.

5. Como é seu relacionamento com o jornalismo e com a literatura?

Eu gosto de escrever desde pequeno. Mas a intenção de ser escritor veio mais na faculdade, quando passei a juntar meus textos isolados e enxergar neles um corpo de texto. Gosto muito de temas como cidades, meio ambiente. É estranho ver tanto distanciamento do homem com a natureza – tento sempre retratá-la nos meus textos. Publicar um livro é muito bom, porque você tem a sensação de estabelecer pontes com outras pessoas: escritores que gostam do seu trabalho, gente que talvez nunca te entendeu bem. É um pouco sua maneira de demonstrar a relação com o mundo de uma forma que nem abarca 100% e nem diz tudo intencionalmente.

6. Qual o espaço da literatura na mídia?

Eu acho que ela tem um espaço razoável. Enquanto você não é destaque nacional e está longe desse patamar, dá pra manter um contato bom com o público com os blogs. Não acho que o espaço da literatura é tão reduzido na mídia hoje não. Na verdade, é porque tem uma quantidade grande de novos autores e os críticos e resenhistas não conseguem falar de todos. Em Brasília, vejo a mesma proporção razoável. O que eu não vejo são pessoas que eu convivo comentando o trabalho de autores locais, mas isso tem mais a ver com o caráter de “passagem” que muita gente que mora em Brasília vive. Essa relação meio incompleta que as pessoas tem com Brasília se reflete muito na literatura da cidade.

7. Que conselho você daria para jovem jornalista que pretende ser escritor?

É surfar nas interfaces boas de jornalismo e literatura e sentir qual a proporção de dedicação que faz uma pessoa feliz. As medidas variam ao longo da vida, mas é fundamental perceber qual pesa mais, qual pesa menos no que a pessoa quer.

ANEXO 19

ENTREVISTA REYNALDO JARDIM

- Realizada pessoalmente, no dia 06.09.08, no 3º andar da Biblioteca Nacional, às 15h50.

Nome completo: Reynaldo Jardim

Nascimento: 13 de dezembro de 1926

Em Brasília desde: 1988

Bibliografia: Publicou dez livros de poesia, entre eles *Joana em Flor* e *Maria Bethânia, Guerreira, Guerrilha*. A *Lagartixa* é seu mais recente livro. Vem preparando a edição de sua poesia completa, com inclusão de vários inéditos.

- **Breve perfil (retirado do livro *Deste Planalto Central: Poetas de Brasília*, organizado por Salomão Sousa)**

Entre outras atividades profissionais, participou, nos anos 50, da reforma do *Jornal do Brasil*, onde criou e editou o Suplemento Dominical, o Caderno de Domingo e o Caderno B. antes, fora redator das revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* e exerceu cargos de chefia em várias rádios do Rio de Janeiro. Em 1967, criou o jornal-escola *O Sol*. Dirigiu o *Correio da Manhã* de 1967 a 1972. Trabalhou em diversas capitais brasileiras em reformas de jornais, até chegar a Brasília, em 1988, onde foi editor do caderno *Aparte*, do *Correio Braziliense*, e diretor executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal.

PERGUNTAS

1. Como você se tornou jornalista e escritor?

A minha literatura começou por causa da minha prima. Eu era apaixonado por ela e aos 13 anos lhe escrevia poemas. Até os 18 anos eu tive o hábito de comprar agendas e escrever três poemas por dia em cada página. Isso serviu muito como um exercício. Quando entrei para o jornalismo, eu já era escritor. Aos 16 anos, minha primeira matéria foi publicada, na Revista Letras, em SP. Gostaram tanto da minha participação que me mandaram uma carta chamando para trabalhar no jornal. Mas não topei. Era pra ficar falando mal de quem não anunciava.

Depois eu fiz o primeiro curso de Publicidade que teve no Brasil., na Associação Paulista de Propaganda, que hoje virou a Escola Superior de Publicidade. Trabalhei em SP em uma revista tipo Caras, chamada Carrossel. Aí fui para o Rio de Janeiro com dois amigos, sem emprego. Orei com um amigo doido e super culto, o Julio Braga. A gente morava em cima de uma garagem e o braço dele sempre adormecia enquanto ele dormia. Não é que ele teve a idéia de comprar uma cama daquelas com X na estrutura e fez um rasgo nela para deixar o braço caído? Ele era muito culto... eu acho, aliás, que a erudição atrapalha a criatividade. Porque a pessoa já sabe tudo, não tem mais o que inventar. Só a ignorância constrói.

2. Como você vê o jornalismo de Brasília?

O que falta no jornalismo atual, brasiliense e nacional, é uma matriz diferente. Todo mundo copia todo mundo. Os jornais deveriam criar matrizes estruturais novas. Todos tem política, economia, cidade. Pensam que o leitor é burro. Uma matéria não é melhor porque tem mais ou menos caracteres. O tamanho da matéria não importa, o que atrai ou não o leitor é o conteúdo. O jeito de escrever tem que mudar – todos tem a mesma coisa. O lide, por exemplo. Ele foi essencial na época de guerras e disciplinou as matérias dos jornais. Mas já cumpriu sua missão. Hoje as notícias podem dar as mesmas informações do lide, mas reformular a estrutura do texto.

3. Mas você acha que há espaço para a literatura na mídia?

Acho que até existe divulgação da literatura nos meios de comunicação, mas em cadernos literários, não em suplementos culturais. E tudo vem em formato tradicional, com resenhas e notinhas, sem críticas mais profundas. Eu entendo que em 10 linhas o pensamento tende a ser mais condensado e de distanciamento. Em jornais, já mantive uma coluna chamada Literatura Contemporânea, no suplemento dominical do Jornal do Brasil. A literatura nem sempre foi vinculada ao jornalismo. Eu publicava livros de poesias e mantinha o trabalho no suplemento. Não é uma vinculação direta. A atividade jornalística é profissional, a relação com a poesia é amadora. Quando eu estava no Jornal do Brasil, conseguia conciliar o suplemento cultura, o caderno B, a direção da rádio, a produção de poesias e a vida social. Não tem conflito. Poesia não é algo que se escreve durante o expediente. E, depois que você escreve muita poesia, fica habituado, mecaniza a linguagem. Mas, para desmecanizar a coisa, criei um novo tipo de poesia: sem sentido, mais preocupada com a forma. A imprensa cotidiana e o jornalismo não tem nada a ver com a literatura criativa. O importante é ler e escrever.

4. Você se diz um poeta profissional. Por que?

Eu sou, na verdade, o único poeta brasileiro profissional. Durante dois anos eu publiquei poemas diários no JB e no Última Hora também, às vezes até pra TV. Eles me pagavam para escrever poesia. Ninguém mais conseguiu isso. Então brinco que poesia chegou mesmo a ser minha profissão. Para mim, o jornalismo é mais amador que a poesia.

5. Que panorama você faz da literatura brasiliense?

Conheço muito superficialmente a poesia brasileira e brasiliense. Mas eu sei que há um hiato grande entre o público e o livro. Em Brasília, poderia citar o Turiba, o Taveira, Nicolas Behr. Todos falam de temas variados, da ausência. Mas ninguém conhece toda a poesia brasileira, então não posso dar algum panorama.

6. Tem algum projeto em andamento?

Meu novo projeto é fazer um jornal inovador, que não gasta papel, nem rotativa, nem tinta ou escritório. Seria um jornal que encaminharíamos para uns 50 jornais brasileiros, para que eles reproduzissem. Um suplemento cultural, na verdade, que daria um caderno de 8 páginas – você manda pela Internet e pronto, cada jornal de uma cidade diferente imprime. Vai ser a maior tiragem.

ANEXO 20

ENTREVISTA ROGÉRIO MENEZES

- Realizada por e-mail, no dia 15.09.08

Nome completo: Rogério Reis de Souza Menezes

Nascimento: 6 de janeiro de 1957, em Mutuípe (BA)

Em Brasília desde: 1997

Bibliografia:

- *Meu nome é Gal* – romance (Codecri, 1984);
- *Três elefantes na ópera* - romance (Record, 2001)
- *A solidão vai acabar com ela* – crônicas (Versal Editores, 2003)

- **Breve perfil (retirado do livro *Todas as Gerações: o conto brasileiro contemporâneo*, de Ronaldo Cagiano).**

O baiano-paulistano-brasiliense Rogério Menezes é jornalista e escritor. Foi titular da coluna Crônica da Cidade, no Correio Braziliense, entre 2000 e 2002. Foi repórter e editor das revistas Veja São Paulo, Marie Claire, Contigo!, Caras e nos jornais Correio Braziliense, O Estado de S. Paulo e Folha da Tarde.

PERGUNTAS

1. Você dedicou boa parte da sua carreira profissional às crônicas, um gênero que fica entre o jornalístico e o literário. Como é a fusão das duas áreas de conhecimento nesse tipo de texto?

A crônica é como se fosse um conto, um pequeno conto, com moral. Ou seja, ao contrário do conto que se limita a contar uma história sem que o autor se posicione, sem que o autor possa, ou deva, se revelar, (o contista é como se fosse alguém que flagra um determinado evento de um lugar oculto e inacessível, talvez assistindo a tudo pelo buraco da fechadura), a crônica dá vez e voz a esse narrador-cronista que, ao contar uma história ou fazer uma certa reflexão sobre um assunto-de-momento, sempre dá um pitaco, sempre emite uma opinião, sempre toma partido, sempre se revela e se escancara. e ao se revelar e se escancara também revela e escancara a sociedade na qual está inserido, e da qual quer criticar mazelas e revelar segredos.

A crônica nunca se limitará a contar uma história, sem tomar partido, ou sem deixar revelar o que o autor pensa sobre o mundo e sobre a vida. Existe para isso, para ajudar a desvendar e a iluminar

a época na qual se situa. Nesse sentido é peça fundamental da compreensão de um determinado período para os que virão posteriormente.

A crônica também se estabelece a partir da estreita ligação do autor com o leitor, ou seja, o autor trata o leitor como se o leitor fosse um vizinho de mesa de bar, um cara que está ao lado no banco do ônibus. Ou seja a crônica estabelece íntima ligação com o leitor, seja pelo assunto focalizado, seja pela maneira coloquial e íntima com que narra os fatos e fala de suas opiniões e reflexões.

Crônica e jornalismo obrigatoriamente não têm tantos pontos em comum. Ao contrário. Creio que entre crônica e jornalismo existam mais diferenças do que semelhanças. O compromisso teórico, e cá pra nós, utópico do jornalismo é com a uma suposta apuração da verdade. O compromisso prático da crônica, e essa é o xis da questão, é com o estabelecimento de cumplicidade com o leitor (e esse autor poderá inclusive vir a escrever, e refletir com o leitor, sobre o que é verdade ou não no mundo de hoje).

Essa cumplicidade poderá se dar não no sentido de dizer o que ele gostará de ouvir, mas no sentido de falar e de refletir sobre algo que tenha a ver com o leitor. Não se pode esquecer que o cronista é e deverá ser, age e deverá agir como, um cidadão como outro qualquer (ao contrário do jornalista que, com suas fontes privilegiadas e acesso direto e intermitente às informações, parece ter superpoderes; não à toa, Clark Kent, o SuperMan, é jornalista).

E, como tal, como seres humanos absolutamente vulneráveis que somos todos, temos mais dúvidas do que certezas (e os jornalistas, noblesse oblige, sempre acharam e acharão que devem ter mais certezas do que dúvidas). Nesse sentido, o cronista é o antijornalista: deverá, e sempre terá, mais dúvidas do que certezas.

2. A prioridade é contar histórias fascinantemente reais ou incrementar as comuns com elementos literários?

O cronista se apropria dos fatos reais ou de histórias inventadas para provocar algum tipo de reflexão sobre a vida presente. Mas mesmo essas histórias inventadas nunca serão inventadas a partir do nada (da mesma forma que a mais desvairada e deslavada ficção sempre tem e terá um pé na vida real e, de alguma forma, revela e revelará situações que o autor viu, escutou ou vivenciou. Nada é invenção, ou tudo é invenção, como diz um dos meus escritores preferidos, o israelense Amós Óz).

A expressão 'incrementar as (histórias) comuns com elementos literários' me parece inadequada para definir uma das missões fundamentais do cronista. Parece querer dizer que o cronista distorce os fatos, doura a pílula, distorce a realidade. O papel do cronista não é o de distorcer a realidade, mas sim o de revelar o quanto de distorcida, e de desconcertante. tem a vida moderna de hoje em dia.

O cronista vê o que todo mundo vê. O céu estará azul, ou o mesmo menino amarelo pedirá dinheiro no sinal fechado todo santo dia, para todos que se dispuserem a a olhar o céu, ou a olhar o que está do lado de fora do carro quando o sinal fecha. O que o difere dos demais mortais é o **olhar** que tem sobre essa paisagem e sobre essa realidade. Os demais mortais podem até olhar, mas nada vêem. O cronista, ao contrário, além de olhar, terá de ver, e de revelar o que vê aos seus

leitores.

3. O que faz uma boa crônica?

A boa crônica terá de ser crítica, contundente, cínica, pessoal, inteligente e, basicamente, interativa. O tom peremptório deverá ser sempre evitado. O bom cronista deve expor mais suas dúvidas do que suas certezas (e por acaso não temos mais dúvidas do que certezas?). Essa exposição pública provocará grande empatia com o leitor que se identificará com esse, digamos, estado de espírito.

Trata-se de uma inominável bobagem essa coisa de o cronista não dever se posicionar, de, digamos, buscar sempre a objetividade (que Nelson Rodrigues tanto odiava) nos textos que escreve. Subjetividade e objetividade são duas faces de uma mesma moeda: o ser humano. Somos o tempo todo subjetivos e objetivos. A crônica deve registrar esse movimento humano, e a grandeza do ser humano está exatamente nesse tráfego que tentamos fazer entre o subjetivo e o objetivo. A crônica está mais perto, muito mais perto, da (boa literatura) do que do (bom ou mau) jornalismo. E não tenho nenhuma dúvida: a (boa) literatura está muito mais próxima da vida real e, por tabela do que se convencionou chamar 'verdade' do que o (bom ou mau) jornalismo. Anna Karenina, de Tolstói, é mais fundamental para a compreensão do mundo e da vida que duzentas reportagens vencedoras do prêmio Esso empilhadas.

Resumo da ópera: a boa crônica é aquela que navega altaneiramente entre a subjetividade e a objetividade, sem nunca procurar definir o que importa mais ou importa menos, se a subjetividade ou se a objetividade.

4. Quais conselhos você daria para um jornalista que quer ser escritor?

Sua pergunta parece sugerir absurdamente que jornalismo e literatura têm mais em comum do que a medicina e a literatura, por exemplo. Ou entre a engenharia e a literatura, por exemplo ainda. Guimarães Rosa era médico. Joaquim Cardozo e Samuel Rawet, engenheiros. E foram três dos maiores escritores brasileiros do século 20. Jornalismo e literatura têm, à primeira vista, tanto em comum quanto as torcidas do Flamengo e as torcidas do Flamengo. Fazer literatura não tem nada a ver com a profissão que se exerce, mas sim com a maneira desabrida com que se encara a vida e a morte. E essa maneira desabrida com que se encara a vida e a morte não tem nada a ver com profissões ou com cursos, superiores e não. O americano William Faulkner, na minha modesta opinião, um dos cinco maiores escritores do mundo em todos os tempos, tinha apenas o, digamos, curso primário - e escrevia como um DEUS.

A quem quer (seja jornalista ou físico nuclear) ser escritor não se deve dizer nada. Escrever ou não escrever é uma questão de foro íntimo, de vocação, de sina, de, como dizia Jorge Amado, de 'maldição'. Ninguém se torna escritor porque alguém lhe aconselhou ou não aconselhou algo, mas porque não tinha outra coisa a fazer na vida, se não escrever. É/foi o que acontece/aconteceu comigo.

Mas claro que ler, ler, ler e ler, e mergulhar até a madula na realidade que nos cerca, que está fora de nós mas também está dentro de nós, será importante para qualquer escritor, iniciante ou não.

5. E para um que quer ser cronista, especificamente?

Para qualquer um (jornalista ou físico nuclear) que quer escrever (boa) crônica, como já disse antes, muito mais próxima da (boa) literatura do que do (bom ou mau) jornalismo, vale o que já foi dito acima.

6. Você consegue conciliar bem o Rogério jornalista com o Rogério escritor ou as vezes eles se misturam?

Lamento informar-lhe, mas o Rogério Menezes jornalista (no sentido dessa busca otária da 'verdade' factual) está morto e enterrado. As mais de 800 crônicas que escrevi no Correio Braziliense são um eloqüente atestado desse óbito. Talvez minha literatura fosse melhor se eu tivesse sido engenheiro, médico ou geólogo. Neste momento da minha vida, tenho opinião radical a respeito: jornalismo e literatura não se misturam, mesmo se quisessem se misturar: são como água e óleo. Ou se é jornalista. Ou se é escritor. Claro, pode-se ser uma coisa e outra ao mesmo tempo. Da mesma forma que se pode ser físico nuclear e escritor ao mesmo tempo. O fato de se ser jornalista não nos faz mais potencialmente escritores do que, por exemplo, enfermeiros e veterinários.

7. Como você avalia as crônicas da literatura brasiliense e brasileira hoje?

Não conheço o que você chama de 'crônicas da literatura brasiliense', embora saiba que o cronismo brasiliense parece experimentar uma certa efervescência nos últimos anos. Logo não posso comentar a respeito. Quanto à crônica praticada aqui no Rio de Janeiro e em SP, sou pessimista. Há o que chamo de 'umbiguismo' em excesso. A grande maioria fala dos próprios umbigos e se limita a comentar as ocorrências do eixo Leblon-Ipanema (aqui no Rio). Os de SP são igualmente excessivamente auto-referenciais.

8. Quando começou a se dedicar às crônicas? E ao jornalismo? E à literatura?

Sempre li crônicas de craques como Paulo Mendes Campos e Rubem Braga e Mario Quintana. Desde os meus tempos de guri no interior da Bahia nos anos 60. Logo sempre quis escrevê-las. O que só consegui efetivamente fazer em 2000, quando o jornalista Ricardo Noblat pensou em criar a Crônica da Cidade. Era editor e repórter e me ofereci para essa missão. Ele topou, e caí de boca. Resultado: apesar dos pesares, entre 2 de julho de 2000 e 22 de novembro de 2002, período no qual escrevi a seção Crônica da Cidade, foi, sem sombra de dúvida, o período mais feliz de minha vida.

Desde guri também quis ser escritor. Foi o meu projeto de vida. Mas, apesar de Jorge Amado que meu pai adorava, e eu também, a literatura parecia algo inalcançável àquela época. Na época do vestibular, minha mãe sugeriu medicina. Meu pai, engenharia. Refugiei-me na área de Ciências Humanas e passei em Administração de Empresas. Cursei dois anos, mas empaquei em MicroEconomia II e Estatística II. Foi então que, acreditando erradamente que jornalismo e literatura pudessem ter algo em comum, fiz novo vestibular para jornalismo, passei, e virei jornalista.

Foi meu primeiro grande erro. Se seguisse o conselho de minha mãe, e tivesse estudado medicina, talvez fosse um escritor (e um cronista) melhor.

ANEXO 21

ENTREVISTA ROSÂNGELA VIEIRA

- Realizada pessoalmente, no dia 16.09.08, na sala de professores da Faculdade de Comunicação da UnB, às 10h.

Nome completo: Rosângela Vieira Rocha

Nascimento: 15 de janeiro de 1953

Em Brasília desde: 1968

Bibliografia:

- *Véspera de Lua* (Editora UFMG, Belo Horizonte, 1990, romance)
- *Rio das Pedras* (Secretaria de Estado da Cultura, Brasília, 2002, novela)
- *Pupilas ovais* (LGE Editora, Brasília, 2005, contos)
- *A Festa de Tati* (F. Franco, Juiz de Fora, 2008, literatura infantil)

- **Breve perfil (retirado do livro *Todas as gerações: o conto brasileiro contemporâneo*, de Ronaldo Cagiano).**

Jornalista, formada pela Faculdade de Comunicação da UnB, é bacharel em Direito pela Universidade Católica do Salvador e Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes na Universidade de São Paulo. *Véspera de Lua*, seu primeiro livro publicado (1990), foi o vencedor do Prêmio Nacional de Literatura, Editora UFMG, 1988, na categoria romance. Ex-professora do Curso de Publicidade da Universidade Católica do Salvador e da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, leciona atualmente Oficinas de Textos e de Narrativas no Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UnB.

PERGUNTAS

1. Quando surgiu a idéia de ser jornalista e escritora?

A minha vontade de ser escritora vem desde menina, quando morava em Inhapim, no interior de Minas Gerais. Eu pensava o que devia fazer para virar escritora. E as respostas que me davam era que eu deveria virar literata, coisa que eu nem sabia o que era, ou jornalista. Vim para Brasília em 1968, para cursar o ensino médio. No vestibular, escolhi o jornalismo, um pouco por eliminação, porque era o mais próximo de “curso para escritor” na minha visão. Marquei Comunicação como primeira opção e Química como segunda. Ainda bem que passei na primeira, mesmo que ela não tenha sido exatamente o caminho para ser escritora.

2. Você acha que dá pra conciliar jornalismo e literatura?

Eu atuei pouco em redação, meu trabalho jornalístico foi mais em assessorias. Meu primeiro romance foi publicado em 1980. Depois vieram contos, agora publiquei um livro infanto-juvenil. Eu escrevi pouco quando trabalhava em redação de jornal, mas não acho que é o tempo físico que nos permite ou não escrever. É mais um espaço mental. Eu acho que dá sim pra conciliar jornalismo e literatura, mas claro que depende muito do seu envolvimento com uma coisa e outra. Quando você não está tão imersa em notícias, claro, é melhor para desenvolver a literatura. Mas não acho que sejam áreas inconciliáveis não. Mesmo porque, a literatura é uma espécie de mosca azul: se você foi picado por ela, não tem mais saída. Em qualquer situação, dá-se um jeito de escrever, de colocar aquela inquietação no papel. É mais forte que a gente. E eu, no momento, estou mais envolvida do que nunca com a literatura, com romance já na editora para sair até o fim do ano.

3. E como você avalia a literatura brasileira hoje?

Eu acho que Brasília é um pólo de escritores. Tem muita gente escrevendo aqui, coisas de boa qualidade, inclusive. A literatura brasileira encontra mais dificuldade mesmo na própria mídia local, que não divulga muito esse trabalho. É por isso que eu sou um dos 21 integrantes da Casa de Autores, que há um ano tenta se unir para conseguir um agente literário, enviar as obras para as editoras específicas, direcionar esse reconhecimento. Não é um grupo para conversar, é para atuar. Porque escrever só não basta. A gente tem que escrever e tentar mostrar o trabalho – e isso significa levar os textos até os leitores, a parte mais difícil do processo literário.

4. E o que você sugere para um jornalista que quer ser escritor?

Ir em frente. Tentar conciliar as duas coisas, porque não é impossível. E só fazendo os dois é que cada um vai saber se precisa deixar uma área, quando o fizer. E existem formas de conciliar as duas coisas profissionalmente também, no jornalismo literário, por exemplo.

5. No que o jornalismo ajuda e no que atrapalha a literatura?

O jornalismo ajuda muito na apuração. O escritor também tem que saber apurar. A literatura exige uma observação profunda, de detalhes, de gestos. E a própria pauta pode ajudar muito o escritor a estruturar personagens, por exemplo. O ato de escrever muito e diariamente também coloca a pessoa mais desenvolta e íntima com as palavras. Isso pode fazer o estilo dela, como escritora, melhorar. Agora a parte ruim do jornalismo é a pressão. O escritor não pode, de jeito nenhum, trabalhar sob pressão.

6. Como foi essa experiência na literatura infantil?

Muita gente do grupo Casa de Autores escreve para crianças. Então eu comecei a pensar nessa oportunidade e foi um desafio pra mim. Publiquei “A festa de Tati” e depois disso fiz outros textos para o público infanto-juvenil. São histórias mais reflexivas, para criança a partir de 8 anos, porque eu gosto mais de enredo do que de imagem.

7. Tem algum assunto recorrente em toda a sua obra literária?

Olha, eu acho que em todo texto meu sempre tem a questão da identidade feminina, nem que seja

só como pano de fundo. Eu sempre tento mostrar como as mulheres se posicionam no mundo, a relação delas com os homens e até com outras mulheres, a incomunicação nas famílias e o papel da mulher nessas situações. Enfim, não é algo prioritário na minha obra, mas é uma temática que sempre aparece. No meu primeiro livro a protagonista era mulher, uma homossexual. No segundo, a mulher tentando se impor na sociedade. Dos 13 contos que publiquei em um livro, acho que só dois tinham homens como personagens principais. Não sei, acho que entendo mais a personalidade feminina, não conheço bem a alma masculina. Na literatura em geral mesmo, não vejo personagens masculinas fortes. Acho que os homens não são bem delineados. Agora, será que é por desconhecimento meu ou porque eles se deixam conhecer menos?

8. Como você concilia o magistério e a literatura?

Ah, tem como conciliar. Entrei pro magistério em 2001 e gosto muito desse contato com os jovens. É enriquecedor e ajuda no meu trabalho. Não só pela oportunidade de aprender com eles, mas pela linguagem jovem também e a comparação com gerações que eles possibilitam. A gente vê que os valores mudam mesmo de uma idade para outra e isso é bom na criação de personagens. No meu próximo romance, que deve sair no fim do ano, a personagem central é uma adolescente que sofre de anorexia. O livro é para adulto, mas a protagonista é uma jovem e esse contato foi essencial pra mim.

9. Como você avalia o mercado editorial brasileiro?

O mercado editorial é muito, muito fechado. Aquilo que todo mundo sabe – as editoras estão no eixo Rio-SP e não é fácil chegar lá. Tem escritor demais no Brasil e editora de menos. E eu nem acuso elas de incompetentes, porque sei que são originais demais que chegam em cada uma, para equipes muitas vezes pequenas. Por mês, os editores recebem cerca de 300 textos. É complicado.

ANEXO 22

QUADRO INDICATIVO DE JORNALISTAS ESCRITORES

	Ano em que nasceu	Naturalidade	Em Brasília desde	Ocupação atual	Dá para conciliar jornalismo e literatura?	Em que jornalismo ajuda a literatura?
Alessandra Roscoe	1969	Uberaba (MG)	1972	Escreve para a revista Cláudia	Sim	A vivência jornalística ajuda na criação de histórias
Alexandre Marino	1956	Passos (MG)	1982	Servidor público	É uma necessidade	O jornalista pode dar disciplina de escrever ao escritor
Amneres Pereira	1959	João Pessoa (PB)	1979	Servidora pública	É uma necessidade	Lidar com a palavra fica mais fácil
Anderson Braga Horta	1934	Carangola (MG)	1960	Aposentado	Sim	O trabalho no jornal ajuda a projetar e divulgar o autor
Angélica Torres	1952	Ipameri (GO)	1965	Trabalha na Biblioteca Nacional de Brasília	Sim	Nas duas atividades busca-se o contato e o entendimento
Ariosto Teixeira	1953	Santana do Livramento (RS)	1978	Repórter e analista político do Estadão	Sim	O jornalismo ajuda na pesquisa e na apuração da literatura
Carla Andrade	1977	Belo Horizonte (MG)	2001	Servidora pública	Sim	----
				Editora do		

Clara Arreguy	1959	Belo Horizonte (MG)	2004	caderno de Cultura do Correio Braziliense	É uma necessidade	No exercício constante da escrita
Danilo Gomes	1942	Mariana (MG)	1975	Aposentado	Sim	Os dois se complementam, em aperfeiçoamento de texto e estilo
Fernando Marques	1958	Rio de Janeiro (RJ)	1974	Professor da UnB	É uma necessidade	O jornalismo paga as contas do escritor
Joanyr de Oliveira	1933	Aimorés (MG)	1960	Aposentado	Não	O jornalismo ajuda na criação do estilo
José Rezende Jr.	1959	Aimorés (MG)	1987	Realiza oficinas de texto	Não	O jornalismo te permite soltar mais o texto
Lourenço Cazarré	1953	Pelotas (RS)	1977	É jornalista no Senado	Sim	Não sei se o jornalismo pode dar algo ao escritor.
Luis Turiba	1950	Recife (PE)	1978	Coordena a assessoria do SESC/DF	Sim	----
Luiz Martins	1950	Nova Russas (CE)	1970	Professor da UnB	É uma necessidade	A natureza do “pretender ser” do jornalismo ajuda o escritor
Menezes y Moraes	1951	Altos (PI)	1980	Professor de História	Sim	O jornalismo te coloca em contato direto com a realidade
Paulo José Cunha	1951	Rio de Janeiro (RJ)	1970	Professor da UnB e servidor da Câmara	É uma necessidade	Na fluência do texto e na prática de escrever rápido e bem

Pedro Biondi	1976	São Paulo (SP)	2005	Trabalha no Ministério da Cultura	É uma necessidade	O jornalismo permite maior contato com pessoas e histórias
Reynaldo Jardim	1926	São Paulo (SP)	1988	Aposentado	-----	-----
Rogério Menezes	1957	Mutuípe (BA)	1997	Escrevendo uma biografia	Não	-----
Rosângela Vieira	1953	Inhapim (MG)	1968	Professora da UnB	Sim	O jornalismo ajuda muito na apuração do escritor